

UMA AVENTURA DE
J.F. ROZZA

AUTOR DE *COMO NASCE UM CAFAJESTE*



NO **COVIL** DOS

LOBOS



Prólogo

O menino corria como um cavalo pelo campo. Sua mente era o cavaleiro que agora o açoitava sem piedade exigindo de si mais velocidade. Desejava voar como uma águia. Vacilou observando o céu e caiu pateticamente próximo a um grande pedaço de árvore tombado. Tentou levantar, mas agora rastejava-se na lama.

Levantou-se de sua primeira queda e tentou mover o tronco que o bloqueava. Seu pé ficou preso por alguns instantes alimentando como lenha o fogo do pavor que ardia em seu coração. Seu corpo clamava por descanso, mas seu instinto o impulsionava; seu cavaleiro voltava açoitado. Sabia em seu íntimo que descansar agora em uma floresta à noite, infestada de predadores, seria como tocar um sino anunciando sua chegada.

Sentia o vento gelado cortar-lhe o rosto. Em trechos em que a floresta era densa, árvores e arbustos o arranhavam, tirando-lhe sangue e invadindo a noite com o cheiro doce de seu fresco sangue, que agora impregnava o ar por onde passava. Seu cheiro era um convite aos primeiros predadores despertados pelo novo aroma em suas narinas.

O menino sentia seus músculos tensos. Se não estivesse correndo, estaria congelado pelo frio do último entardecer de sua vida. Fazia frio como uma noite de inverno, um clima atípico em pleno verão. A noite eterna renasce trazendo com ela os seres que habitam as trevas.

O menino subiu numa rocha e, no meio de sua fuga, por instantes, contemplou uma vista celestial. No horizonte estendia-se por quilômetros sem fim uma floresta cheia de vida, com árvores até onde seus olhos podiam alcançar. O pôr do sol iluminou seu rosto aquecendo-lhe por ocasião, até a luz sumir e logo desaparecer no horizonte.

Assim como a noite tem agora sua vez, logo um novo dia iria nascer para predadores e presas, pelo menos para aqueles que sobreviveram a mais uma noite na floresta.

Luz e escuridão são opostos que não podem coexistir: para haver escuridão, a luz deve morrer; e para ofuscar a escuridão, a luz deve renascer.

E entre esse jogo de luz, escuridão e renascimento, em contrariedade à regra, há um menino chamado Santiago, e em seu interior luz e escuridão

coexistem, uma sempre tentando sobrepujar a outra.

O menino agora se encontra imerso na escuridão e prestes a morrer.

Sem a luz, em segundos tudo estava imerso em total escuridão, como se uma força maior espalhasse as trevas para mascarar aqueles que se camuflam nas sombras. Era noite de Lua Cheia, que, após período de escuridão total, trouxe um pouco de luz, brilhando em refletindo sua imagem nas águas.

O menino caiu pela segunda vez! Estava exausto, e com suor frio escorrendo em seu rosto. Sentou-se por um momento no chão gelado. Em sua frente havia uma árvore morta, e se assustou ao olhar para cima e ver uma coruja fantasmagórica com a cabeça retorcida a observá-lo.

Respirou fundo tentando acalmar seu coração na tentativa de refletir por um minuto, mas não tinha um minuto, pois as sombras se moviam rapidamente.

A noite trazia seus próprios sons: pássaros e seres que rastejavam pelo chão, grilos em sinfonia tocavam uma marcha fúnebre.

Sons que sumiram de repente. A noite cheia de vida agora introduzia um silêncio ameaçador.

O único som que o menino podia ouvir era como tambores sendo batidos bruscamente em seu peito. Conforme sua respiração ofegante diminuía, sentia os sons aos poucos perderem força. Imerso e sozinho naquele silêncio embriagante, sentiu uma paz que o fez acalmar.

Os tambores haviam cessado, deixando sua audição livre para ouvir os demais ruídos. Não levou meio segundo para sua percepção captar um novo som. Começou como um pequeno ruído ao longe, no qual exigiu sua completa concentração para ouvi-lo.

O menino pôs os ouvidos na terra. Primeiro pôde sentir as oscilações no chão, como patadas fortes que castigavam o solo por onde passava, em seguida os retirou da terra, e já podia ouvir bem o que antes parecia apenas ruídos solitários ao longe — ecoavam como o estouro de uma manada.

“Os lobos me acharam!”

Capítulo 1 - O Cadáver Ambulante

Dias antes, um cadáver acordava, não para o pós-vida, senão para mais uma noite de insônia. Havia sido despertado novamente por um chamado noturno.

Um forte uivo feriu o silêncio da noite. O menino despertou novamente de madrugada. Como costumeiro, ia deitar cedo, morrendo de sono e, com o advento da madrugada, não mais conseguia dormir. Quase como um vampiro que acorda para a vida noturna.

Há alguns meses, o sono lhe fora negado, e era comum acordar todas as noites no mesmo horário.

Costumava levantar, assistir TV, ler uma de suas histórias em quadrinhos, ou mesmo conferir as redes sociais — as redes sociais dos outros, pois a sua não tinha nada de social. Se houvesse uma rede social dos excluídos, talvez fosse popular. Ainda pode-se dizer que olhava uma rede social em particular, a de uma colega de classe, por quem nutria admiração secreta.

Ou simplesmente escutar música do gênero rock and roll, gosto herdado do pai.

Nessa noite em particular, não levantou. Estava cansado, pois o dia não havia sido fácil. Teve que ajudar nos tantos afazeres que precocemente lhe foram confiados.

Nessa noite, ficou deitado contemplando as “estrelas” do teto de seu quarto, que de estrelar tinha apenas o formato. Na verdade, eram apenas adesivos colados por seu pai numa noite de sua infância.

O pai havia colocado as estrelas num dia em que o menino teve um dos piores pesadelos de sua vida. Sonhou que um lobo, negro como a noite, viera e levava seus pais embora. Tinha esse mesmo sonho de maneira recorrente, e, por mais que todos falassem não existir lobos pela região, ele era apenas uma criança que acreditava no poder da imaginação.

Na infância, foram diversas as noites em que o menino não conseguia dormir. Costumava acordar de madrugada e correr para o quarto dos pais. Essa rotina durou algumas semanas. Tinha apenas seis anos quando os pesadelos começaram. Temia o escuro mesmo sem ainda entender a razão. Como suas crises ocorriam durante a noite, foi sugerido que o local onde dormisse não

ficasse totalmente escuro. Então sua mãe colocou um abajur no quarto, mas as sombras produzidas pela luz alimentavam ainda mais sua imaginação. Sempre que fechava os olhos, mesmo que por segundos, não confiava totalmente na luz; cada meia piscada era como se visse uma sombra indo em sua direção.

Um dia, seu pai, que era lento nas decisões, embora com personalidade tranquila e bondosa, trouxe-lhe uns adesivos que havia encontrado numa loja da rodoviária. Eram adesivos desses que brilham no escuro. Colou-os no teto, logo acima de sua cama.

A simples solução trouxe paz para as noites de sono da criança. Talvez pela sensação de luz que inundou o quarto ou mesmo pelo zelo do pai, que era uma pessoa reclusa e um pouco distante, a mãe acreditava que havia sido a atitude dele com o filho que tinha aquecido seu coração e expulsado seus medos.

A nostalgia, que trouxe lembranças da infância, foi quebrada, novamente por um uivo, malicioso, como um chamado para a morte.

Novamente o menino não conseguia dormir. Dez anos após sua primeira crise de insônia, outra vez o vilão da madrugada roubava-lhe o sono. Como já não era mais criança, sua presença na cama dos pais não seria bem recebida. E o garoto sabia disso, além do que já vivia situação difícil na escola. Ir correndo para a cama dos pais seria como um lembrete do que constantemente lhe atribuíam: “Você é um covarde!”.

O simples boato de que na infância tinha pesadelos, e que em ocasião “molhou a cama”, já era suficiente para ser alvo de chacota.

Novamente ecoou sobre os campos aquele uivo. Dessa vez em tom agressivo. “Não há lobos na região”. Disseram-me na infância. Até parece.

“Gostaria de saber por que os pais têm essa mania de inventar mentiras tentando nos proteger. Seria mais fácil saber que há perigo e tentar evitá-los do que andar às cegas pela vida.”

Há algumas noites o noticiário alertou os moradores a tomarem cuidado ao saírem à noite. Os avisos sobre os lobos começaram a se espalhar entre a população. De início foram relatos de pessoas ouvindo uivos na madrugada. Até criou-se uma lenda urbana de um lobo gigante, no qual era comentado na roda de amigos em que alguém sempre trazia uma nova e “confiável” história

sobre o avistamento do que agora chamavam de a Besta da Floresta. À medida que os dias passavam, mais pessoas aumentavam a chama da fofoca, e agora falavam constantemente sobre o avistamento de lobos. Um pescador, inclusive, relatou que, próximo ao rio, onde pescava durante a noite, pôde ver uma alcateia inteira correndo atrás de um veado; jurou jamais voltar a pisar na floresta, que, por sinal, ficava próxima à casa do menino.

O mito dos lobos começou a atrapalhar os negócios da família. Seu pai acreditava não passar de um boato começado por um de seus concorrentes tentando afugentar os fregueses do hotel.

Somente com o desaparecimento de uma jovem, encontrada morta dias depois, com marcas de mordidas, arranhões e dilacerações, levou o noticiário local a mudar o tom de boato para algo mais sério, resolvendo alertar os moradores. Desde então ninguém mais ousou pisar na floresta. Uma equipe de caça foi enviada para o local. Após dias sem notícia, foram encontrados, perdidos e desnutridos.

A equipe de caça era composta de dois homens que haviam crescido na cidade e jamais saído dela. Os caçadores eram robustos e de personalidade forte, a mesma que se espera do pessoal do interior: justos e fortes. Tanto que seu senso de justiça fizera com que fossem os primeiros, e únicos, a voluntariar-se para encontrar o animal que havia “ceifado” a vida da jovem.

Após sete dias sem notícias dos caçadores, uma nova equipe de resgate adentrou a floresta. Quando foram encontrados, estavam desorientados e falando coisas sem nexos. Repousaram e, quando foram dar seu primeiro relato, contaram que durante sua caçada, nos primeiros dias, haviam abatido duas onças e rastreado as marcas de um terceiro animal, que pela profundidade das marcas era pesado como um touro. As pegadas eram irregulares, em alguns pontos lembravam pés humanos; em outros, patas de cachorro. Em perseguição, aventuraram-se floresta adentro, numa área desconhecida. Começaram a contar histórias aterrorizantes, e mencionaram um “lobisomem” que amaldiçoava aquela floresta.

Na noite de Lua Cheia, os dois homens haviam chegado à clareira íngreme, aberta, era o mais longe que já haviam ido na floresta — a mata era densa e de difícil acesso.

Montaram acampamento pouco abaixo do topo, numa área plana. Na

primeira noite de Lua Cheia, viram um homem nu uivando para a Lua, em seguida, o homem tomou a forma de um lobo e correu na direção deles. Os dois homens começaram a correr abdicando de seus pertences. Foram perseguidos durante toda a noite. Correram dois dias seguidos até serem encontrados. A floresta brincou com suas mentes. Ambos, depois de receber alta do hospital, deixaram a cidade.

Era um perigo real: onças, lobos ou cachorros selvagens, havia algo naquela floresta. O menino sentia como se seus sonhos da infância fossem um presságio de seu futuro, do que estaria acontecendo nesse real momento. O fato era que o pesadelo havia chegado àquela pacata cidade do interior.

Nunca antes se teve notícia de que lobos habitaram o Brasil, salvo o solitário Lobo-Guará, que não se encaixava nas descrições. O prefeito também havia criado sua própria teoria de que alguém havia trazido os lobos somente para atrapalhar seu mandato. A verdade é que ninguém sabia o que era real ou inventado.

Nessa noite de insônia, era impossível alegar que tudo se tratava de invenção. Até mesmo o menino podia ouvir, hoje e em outras tantas noites calmas, os uivos que feriam o silêncio das madrugadas.

Cada vez que ouvia os uivos, o menino sentia um impulso, uma vontade de entrar na floresta. O uivo era como um chamado amigável. Embora inocente, o menino não era tolo de aventurar-se na mata, que estava proibida para todos.

Essa será apenas mais uma madrugada acordado. Mesmo com os uivos cada vez mais intensos, o menino tentaria se distrair com outra coisa. Tentou não sentir medo, mas sua mente trouxe-lhe uma lembrança desagradável: lembrou-se de seu professor, que, nessa mesma semana, respondeu a uma dúvida sobre os uivos: “Um lobo uiva, chamando outro lobo.”.

O menino se chamava Santiago, em homenagem ao segundo nome de seu avó. Tinha dezesseis anos e estava no penúltimo ano do colegial. Começou tarde sua vida escolar, por isso se lamentava de ser sempre considerado o mais lento da turma, simplesmente por ser mais velho que os demais. A maioria dos adolescentes gosta da escola, e gosta ainda mais da época de férias, do verão, de sair com os amigos.

Ao contrário, o menino era obrigado a suportar a escola. Não tinha amigos, e a época de férias significava apenas mais trabalho.

Morava com a família no próprio hotel-fazenda que possuíam. Os afazeres eram muitos, e trabalhos que deveriam ser feitos por adultos eram entregues a sua confiança. Seus pais haviam esquecido que ele ainda era uma criança quando aos nove anos teve de pegar pela primeira vez numa vassoura. Os tempos de criança passaram. Já adolescente, ainda lhe incumbiam diversas tarefas — talvez por isso não tivesse amigos.

Embora o trabalho fosse árduo, não reclamava, pois sua expressão facial fazia isso por ele. O hotel era composto de um grande casarão principal, onde a família morava, dispunha de quartos extras para hóspedes, sala de jogos, refeitório, entre outros cômodos.

Além do casarão, havia mais quatro unidades individuais com inquilinos permanentes, que pagavam aluguel mensal. A maioria deles trabalhava de dia na cidade, e o menino os via somente à noite, quando levava a refeição para aqueles que optavam receber refeições no quarto.

Também existia uma quinta casa, um pouco mais retirada, onde morava seu avó materno, Leopoldo Santiago, que até os dias atuais ainda não havia aprendido a viver em família. Era como um animal selvagem fora de seu habitat. Usufruí apenas o que a família podia oferecer. Nas raras vezes que viu seus pais discutindo, ouviu seu pai chamando-o de velho bêbado.

De fato, era velho e bebia, e o simples fato de viver de favor, não indo buscar nem a própria refeição, reforçava o sentimento negativo que o pai do menino nutria por ele.

Santiago passou mais uma madrugada em claro. E quando surgia os primeiros raios de sol, como que para deboche, o sono vinha com todas as forças, e nessas horas o menino já não tinha mais o domínio sobre sua vida.

Sua presença era requisitada, pois era hora de servir a mesa do café para os hóspedes. Ninguém se importava se estivesse com sono.

O dia estava prestes a começar no hotel. Nenhum de seus argumentos seria atendido. Deveria fazer somente o que se esperava dele, nada mais.

Começou a servir o café, aprendeu a esboçar sorriso falso à multidão. Mesmo que em sua mente estivesse triste, demonstrava o se esperava dele. Eram 6h30min da manhã de suas férias de dezesseis anos. Época que não voltaria mais. E o menino do sorriso falso agora se dirigia às unidades individuais. Antes de ao menos tomar um gole de café, deveria deixar o desjejum à porta

dos inquilinos.

Eram quatro unidades separadas, sendo quatro hóspedes e seu avô. Amaldiçoava seu avô todos os dias ao subir a colina íngreme, parte mais alta da propriedade, onde este morava.

Esse era seu afazer inicial, e nesse dia em específico ainda lhe foi confiada outra tarefa.

Como se não bastasse apenas utilizar de seus serviços, a mãe os oferecia a conhecidos. Uma vizinha estava organizando um pequeno festival para comemorar a chegada do verão, e o mandou entregar os convites.

O menino não tinha autonomia para dizer não.

Tinha pavor de ir à cidade, embora se esforçasse, pois não queria ficar recluso como o avô, mas às vezes era melhor ficar com os livros sozinho do que com as pessoas. Já fazia esforço diário de ir ao colégio em época de aula e passar cinco horas de seu dia na companhia de estranhos, pessoas que ele odiava, e que também não o toleravam.

O motivo de detestar a cidade tinha nome e endereço. Eram três os abutres que o mordiscavam todos os dias. Maicon era o pior deles, um adolescente mais desenvolvido fisicamente que os demais. Era robusto, grande, tinha as feições de gente ruim, gente mau humorada. O menino o odiava com todas as forças, desde o primário dividiam a mesma classe, e desde o primário ele sofria nas mãos de Maicon.

Como todos os adolescentes que sofrem algum tipo de abuso, tinha medo de contar aos pais, ao diretor ou ao professor, embora não tivesse medo de vingança do agressor em si, mas do que os outros iriam pensar dele: “É um dedo-duro! É um medroso que precisa chamar os adultos!”

Se tivesse, mesmo que secretamente denunciado o *bullying* que sofria, talvez seus anos no colégio tivessem outro gosto, talvez doce e com a companhia de amigos de verdade. Mas seu silêncio transformou o doce em amargo, um gosto ruim que tinha de engolir sozinho.

Não denunciar um valentão é o mesmo que incentivá-lo. A omissão transforma uma pequena implicância num grande *bullying*, que muitas vezes começa de maneira verbal até migrar para agressões físicas. A omissão faz a hiena achar que pode confrontar o leão, ou melhor, o filhote do leão, porque, em covardia, sabe que este nunca fará nada, nem sequer pedir socorro. Com a

omissão das vítimas, o agressor tende a sentir-se mais confiante.

O menino sentia saudade do tempo em que eram somente trotes ou brincadeiras para fazer graça para os demais. Com o passar dos anos, as agressões passaram a ser verbais, e ele há tempos já havia graduado dessa fase também. A saber, dias atrás Maicon o trancou por horas dentro do almoxarifado. Antes de fechar a porta em sua cara, deu-lhe um soco no estômago para lembrá-lo de sua posição na hierarquia da “ordem escolar”. As brincadeiras, piadas, palavras, que antes feriam sua mente, agora se apresentavam em forma de socos e pontapés.

Maicon não era burro — a hiena geralmente é esperta, não arranca pedaços visíveis do filhote de leão, senão mordisca até que não reste nada.

Quando ele e seus capangas conseguiam pegar o menino, batiam em sua barriga, para não deixar marcas. O que começou com agressões motivadas ou justificadas pelo dinheiro da merenda, tornaram-se recreação.

O menino há tempos estava conformado e, como tudo em sua vida, aprendeu a baixar a cabeça e a aceitar a situação.

Existia apenas uma alegria em suas idas à escola: Jéssica Almeida.

Como de costume, o menino mais judiado sempre visa à menina mais popular, ou melhor, visa à popularidade e como isso poderia melhorar sua própria vida.

Ela era a menina mais popular da escola, a mais bela, e obviamente a mais cobiçada. Por ironia, que nos dias de hoje tornou-se clichê, ela só se interessava pelos babacas, que, por sua vez, ocupavam-se sendo babacas e não tinham tempo para interessar-se por meninas.

Santiago saiu para entregar os convites, olhou cuidadosamente a pilha de endereços, separou o de Jéssica, e os demais socou dentro da mochila. Deixaria para levar o convite da menina por último.

E primeiro levaria o de Maicon, e deixaria embaixo da porta e sairia correndo.

Seu plano era infalível, porém sua pressa o traiu. Saiu de casa determinado, com plano traçado, mas ao chegar à casa de Maicon, desceu apressado da bicicleta, derrubando-a no chão e anunciando sua chegada.

Se tivesse agido furtivamente, se esquivado entre os carros, talvez conseguisse não ser notado.

Mas ocorreu o contrário, e Maicon já tinha os olhos em sua direção, e sua única saída era correr.

Ao perceber, deu meia-volta. O medo o fez achar que não conseguiria chegar até a bicicleta. Um dos capangas o olhava, virou-se por impulso e saiu correndo para o lado oposto. Os agressores, que até então não haviam demonstrado interesse nele, agora voltavam sua atenção ao garoto.

Quando o menino começou a correr, despertou o instinto de caçada nos predadores, ambos largaram o que estavam fazendo e foram a seu encalço.

O menino correu até que seu fôlego o forçou a parar. Não havia sinal de seus perseguidores, mesmo assim isso não era desculpa para baixar a guarda. Sem se dar conta, estava frente a frente com Jéssica, que voltava do mercado.

— Por que você está correndo? Perguntou a menina.

— Eeeuu esttoou entreegando os convites para o festival. Pooosso deixaaar os do do doos seeeu seu seus pa pais com você?

A menina o olhou! Era impossível não reconhecer aquela bermuda jeans surrada que Santiago vestia praticamente todos os dias, bem como a mesma camisa branca, usada ao menos três vezes na semana em época de aula.

— Não vou pegar nada de você, nunca te vi antes. Disse em tom de repulsa.

O menino foi ligeiramente ferido pelas palavras. E isso foi suficiente para trazê-lo de volta à realidade.

— Somos colegas desde o primário. Meu nome é Santiago, meus pais são donos do hotel onde você já jantou várias vezes. Disse Santiago.

— Ahhhh! O menino invisível! Sim, sei sim! Achei que você era mudo!

O menino, além dos convites, carregava consigo uma listagem, em que marcava os convites que já haviam sido entregues. Para sua sorte dele, Jéssica não reparou que ele havia feito um coração em seu endereço.

Santiago mantinha o convite esticado, mas a menina recusava-se a pegar.

Então algo tirou atenção daquele envelope que lhe era oferecido.

— Maicon! Olha quem está aqui! Ele é amigo de vocês, não é?

— Segure-o, Jéssica!

Santiago pensou em sair correndo, mas, ao se virar, a menina pôs-se em sua frente bloqueando seu caminho.

Ela nem precisou segurá-lo, pois ele já tinha desistido de fugir.

Seus agressores o cercaram e o tiraram de vista, levando-o a uma pequena rua sem saída, derrubando com brusco tapa o que trazia em mãos. A queda foi suficiente para revelar o coração desenhado ao lado do endereço de Jéssica.

— Olha aqui! Tá apaixonado!

— O otário tá amando!

Ele não esboçou reação, apenas olhou para Jéssica, que o encarava.

Maicon juntou a lista de endereços e a mostrou aos amigos, que riam sem parar.

Jéssica o olhava com olhar de desaprovação!

— Diga para ela que você a ama! Diga agora ou vai apanhar! Gritou Maicon ao menino.

Os outros dois capangas o seguraram pelos braços, e o puseram bem em frente a Jéssica.

— E então, você me ama? Perguntou a menina participando da “brincadeira”.

Por breve instante, olhando as feições belas e pacíficas daquela menina, ele achou que talvez ela pudesse nutrir algum sentimento por ele.

Seus pensamentos foram interrompidos.

— E então, fala! Disse Maicon, socando-o no estômago.

Por mais que quisesse falar alguma coisa, o soco o deixou sem ar, nada conseguiu dizer.

Caiu de joelhos cuspindo e tossindo.

Não teve tempo para assimilar os acontecimentos, e novamente lhe foi feita a pergunta.

— Está até ajoelhado! Olha, Jéssica, lá vem “a proposta” de casamento!

— Você a ama? Questionou um dos capangas.

O menino queria chorar. Agressões verbais, socos, trotes, nada antes experimentado equiparava-se à humilhação que estava passando em frente à única pessoa que o dava esperanças e por quem nutria certa admiração.

Admiração pela beleza que ela apresentava como cartão de visitas por onde

passava. Nutria por ela seu primeiro sentimento amoroso. Um sentimento juvenil, algo que ainda não havia lapidado totalmente.

Mal havia conversado com meninas ao longo de sua vida, e agora estava ali, de joelhos, diante da menina que “gostava”.

Recuperou o fôlego rapidamente, pois nada daquilo era novidade, já conhecia o peso do soco de Maicon. Apenas a menina em sua frente era um fato novo.

— Ele não vai responder, não passa de um frangote sujo!

O menino não morria de amores por Jéssica, era algo como um motivo para tolerar a escola. Pensava nela como uma das poucas coisas boas que a escola tinha a oferecer. Ele precisava dizer algo para sair daquela situação.

— Sim, eu a amo! Disse repentinamente.

Os meninos fizeram uma cara de espanto ao mesmo tempo em que gargalhavam. Tudo parecia ruim, mas não tanto que não pudesse piorar.

O menino sabia o que estava por vir. Maicon não deixaria a oportunidade passar; era necessário humilhá-lo ainda mais. Então, as palavras que ele não queria ouvir vieram à tona.

— E você, Jéssica, também o ama?

A surra, a declaração, a humilhação, nada disso fez seu coração palpitar como agora: o momento em que antecede uma grande revelação, que pode nos trazer dor ou felicidade.

O silêncio foi finalmente quebrado.

— Amar? Esse imundo? É claro que não! Além de pobre, é o ser mais patético da escola, nem amigos tem! Tenho é pena dele!

A menina continuou.

— Sua própria presença é um incômodo! Por que você simplesmente não desaparece?!

Os agressores começaram a rir sem parar.

Os dois que seguravam Santiago pelo braço o soltaram para segurar a própria barriga que doía devido às gargalhadas.

E dentro do menino algo havia se rompido. Talvez a esperança, a ilusão que nutria por aquela menina ou a simples inocência de que havia algo bom em sua vida.

O menino foi novamente ao chão.

Permaneceu lá por alguns segundos, derramou uma única lágrima solitária. Refletiu por um instante.

Sem dizer nada, levantou-se, virou-se de costas e começou a caminhar.

— Ei! Não vire as costas pra mim, otário!

Maicon o empurrou. Ele caiu, ralando os joelhos e o cotovelo.

Levantou-se novamente, e continuou caminhando, para ser derrubado outra vez.

Maicon o conduzia entre tapas e empurrões.

Ele não sentia nada, só conseguia ouvir a risada de Jéssica e dos demais ao fundo.

Chegou à beira da cerca do fim da rua e a atravessou, mesmo cortando-se no arame farpado.

— Ei! Não o deixe fugir!

Eles rapidamente pularam a cerca e foram em sua direção.

Jéssica permaneceu onde estava, apenas gritava com eles do outro lado.

— Vocês não podem entrar nessa floresta! É proibido!

— Cuidado com a queda!

O menino começou a correr. Maicon e os outros dois estavam em seu encalço. Logo chegaram a uma cachoeira que, de tão alta, formava um grande abismo.

— Agora, sim! Não há ninguém aqui. Vamos te quebrar!

Falava enquanto ria, socando uma das mãos fechada contra a outra aberta, anunciando que iminente agressão.

O menino ficou na beirada, olhou para baixo; era uma queda imensa, havia diversas pedras por onde a água despencava. Uma queda ali seria fatal.

— Saí daí, seu trouxa!

— Não tem para onde correr!

— Venha aqui que vamos te quebrar!

Maicon e seus capangas riam, esperando que o menino voltasse e aderisse à

surra.

Santiago se moveu, ficando à beira do abismo, a centímetros da queda.

— Ei, ei! É só uma surra, não precisa se matar!

Santiago não deu ouvidos, tentou recuar ainda mais; o calcanhar perdeu o último centímetro de chão firme, deixando-o suspenso.

O menino fechou os olhos e abriu os braços.

Nesse momento, foram surpreendidos por um forte vento, como se a floresta reprovasse a maldade testemunhada.

Maicon tapou um dos olhos com a mão, e com o outro bem aberto pôde ver claramente sua queda.

Incrédulo, correu à beira, olhando para baixo. Só via pedras e águas caindo violentamente.

Testemunhou os últimos momentos da vida de um menino ingênuo, tímido e fraco.

Capítulo 3 - No Covil dos Lobos

Foi desperto por uma gota d'água em seu rosto. Em seguida ouviu pássaros, roedores, ouviu também o barulho da vida de todos os seres que habitavam aquela floresta. Um novo dia havia aflorado para todos os que vivem sob o sol.

O menino estava vivo, por milagre, pois, ao pular do abismo, havia caído num poço profundo e sem pedras, onde permaneceu boiando inconsciente por alguns minutos, até ser atraído pela forte correnteza.

A queda o fez desmaiar, mas sua consciência lutou para se recuperar, conseguindo emergir por tempo suficiente, dando ao menino a chance de agarrar um pedaço de tronco evitando, assim, que se afogasse. Quando as forças esvaíram-se, ficou preso pela camisa que só se desprende após pequena queda d'água forçar o tecido a rasgar-se.

Foi conduzido pela correnteza floresta adentro a noite toda. No dia seguinte, sob sol forte, brilhando numa manhã de céu azul, o garoto havia sido carregado pela correnteza para o interior da floresta. Não podia dizer por quanto tempo e quão longe a água o havia transportado, de alguma forma

sobrevivera à queda.

Olhou para todos os lados, e o cenário era o mesmo: mata fechada. Árvores imensas, algumas já mortas e caídas empilhavam-se.

Estava em uma pequena “praia”, às margens de um rio. Existia ali uma pequena encosta, embora por toda parte a floresta era densa e intransponível. Se algum resgate fosse mobilizado, por terra jamais conseguiriam chegar a esse ponto, já que a água era muito turbulenta, e também impedia o resgate fluvial.

Nem mesmo um barco pequeno poderia navegar por essas águas. Até por socorro aéreo seria impossível, uma vez que as árvores eram altas demais, o que dificultaria o acesso, além de não haver chances de qualquer equipe de resgate avistá-lo.

Se o menino fosse sair dessa situação, deveria fazer por conta própria.

Consigo, trazia somente um canivete sem fio que usava como chaveiro; seu pai fez questão de deixar a lâmina cega para que não se cortasse; vestia bermuda jeans, camisa rasgada pela metade, e do tênis que calçava restava apenas o pé direito.

Isso estava longe de ser um kit de sobrevivência. Sozinho na floresta e sem mantimentos, abrigo ou ferramentas, sua chance de sobrevivência era ínfima. Suas habilidades eram praticamente nulas e, salvo pequena palestra de sobrevivência que assistiu na infância, não sabia fazer muita coisa.

Perto de onde parou havia um pequeno pé de limão silvestre, com algumas poucas frutas velhas que ainda teimavam em permanecer no pé. O gosto era de algo que definitivamente não deveria ser ingerido, mas era de onde poderia extrair calorias diárias. Sabia que não deveria beber água direto do rio sem nenhum tipo de filtragem. Mesmo sem muitas escolhas, evitaria beber a água até que não tivesse mais alternativas.

Já vislumbrando que o resgate seria impossível, teria que se apressar e montar pequeno acampamento improvisado. A praia onde estava tinha diversas pedras pequenas e uma grande pedra central, encostada num alto barranco. Ali faria seu abrigo para não ser surpreendido pelas costas por nenhum visitante indesejado. Era uma praia pequena, de barro vermelho, além da mata fechada havia um enorme barranco bloqueando qualquer possível tentativa de adentrar a floresta.

A praia ficava numa curva de riacho, onde a água acumulava e formava um “poço”.

Para ter condições de fugir, somente atravessando para o outro lado do riacho, onde existiam algumas trilhas de animais que iam beber a água do poço. Essa trilha pertencia a pequenos animais, como veados e capivaras, mas poderia ser trilhada por alguém pequeno como ele.

A primeira noite foi difícil. Teve tempo apenas para fazer uma pequena cama improvisada para mantê-lo acima do chão. Tinha proteção natural contra a chuva devido à curvatura da pedra onde estava acomodado.

Foi uma noite difícil, mal conseguiu dormir, pois sentia picadas de mosquitos o tempo todo, bem como pequenos insetos andarem sobre ele.

“Amanhã tento fazer fogo!” Pensou.

Na infância, há muito tempo, quando o hotel recebia visitas de mochileiros e campistas, aconteceu um evento com a Guarda Florestal da cidade, em que esta ensinou a todos do hotel pequenas técnicas básicas, caso precisassem resgatar alguém perdido na mata.

O sol mal nasceu, e Santiago logo pegou uma madeira velha, que serviria como base, um galho grande e resistente, tirou um de seus cadarços e fez com ele um arco, dobrou ao redor de um toco seco, apoiou a base do toco na extremidade da madeira seca, protegeu a mão com um pedaço de madeira e a pôs na parte superior do toco segurando-o firme, e com o arco fazia movimentos de vaivém, como um serrote.

Tempos depois, o menino ainda tentava, sem sucesso, fazer fogo.

Pedaços de madeira acumulavam a seu redor. Por algum motivo, ele conseguia fazer fumaça mas não obtinha nenhuma brasa.

Durante uma tentativa, o já cansado menino foi surpreendido por um forte vento, que o ajudou a acender uma pequena fogueira.

Até mesmo especialistas em sobrevivência às vezes se veem frustrados em momentos de apuro, e acabam não executando aquilo para que são treinados.

Mas esse menino não estava numa floresta qualquer, alguma força oculta tratou de ajudá-lo.

Com o fogo aceso, lembrou-se de mais detalhes da palestra de sobrevivência, como filtragem de água.

Pegou sua meia, encheu-a de carvão e palha seca, que servem como filtro. Bastava uma pequena bactéria atacar seu estômago e intestino para que o menino jamais fosse visto novamente.

O processo de filtragem era lento, no qual pôde consumir raros goles, suficientes apenas para mantê-lo vivo.

Tentou, sem sucesso, fazer armadilhas com seu cadarço.

Estava faminto ao fim do segundo dia. Os poucos limões que restavam haviam acabado, e não poderia mais permanecer na praia. Tinha de reunir sua coragem para nadar até o outro lado do rio, e procurar uma área aberta, que aumentasse suas chances de ser encontrado.

Ao nascer do terceiro dia, atreveu-se a nadar. Não era um trecho muito longo e logrou fazer com facilidade. Ao chegar a essa parte da floresta, percebeu um tom sombrio no ar, um silêncio estranho e sensação de estar sendo observado.

Explorou as trilhas de animais, não se preocupou com abrigo ou fogo, apenas prosseguiu com a esperança de que chegaria a algum lugar.

O terceiro dia terminara, e o menino não teve tempo para montar abrigo. Subiu numa árvore, e encontrou um galho grande o suficiente para que pudesse sentar sem esforço, permanecendo ali acordado a noite inteira.

Existiam poucos barulhos à noite, diferentemente da praia de onde veio. Ali somente alguns poucos insetos podiam ser ouvidos. O menino acostumou seus olhos à escuridão.

O silêncio era quebrado apenas pelo alto ronco de seu estômago, que já parecia gritar implorando por comida.

Quando o estômago deu-lhe trégua, o menino ouviu o estalar de um galho partindo. Ajustou os olhos, tentando captar algo na escuridão e, ao longe, por ínfimo segundo, avistou um par de olhos amarelos fitando-o.

A visão durou uma piscada. Passou o resto da noite tentando encontrar novamente aqueles olhos. O ronco do estômago não era mais o único barulho da noite, mas os sons pesados de um coração temeroso irrompiam noite afora.

Em meio àquela total escuridão, o garoto reconheceu aquela sensação, que começou como um pequeno calafrio subindo pela espinha, e que fez seus pelos do braço arrepiarem, seus ouvidos logo captaram um som que fez seu coração palpitar.

Um uivo extremamente forte foi ouvido. E não era um uivo convidativo como os que ouvia nas madrugadas, senão um que fez todas as células de seu corpo ficarem alertas.

No começo do quarto dia, tentou refazer seus passos, voltar por onde veio, mas cada vez que pensava avançar, perdia-se mais no interior da floresta.

Caminhou o dia inteiro. Eram os últimos dias da primavera, e logo iniciaria o verão, e um vento frio começou a soprar.

Não era noite ainda quando o menino ouviu pela segunda vez, durante sua aventura, aquele mesmo uivo. Dessa vez não tão longe. Tentou se esconder atrás de uma árvore, seus olhos tentavam capturar algum movimento na mata, novamente um uivo que agora parecia se afastar.

Para seu pesar, aquele primeiro uivo teve uma resposta. Um segundo uivo ecoou, era como se algo estivesse tentando se comunicar, só que, dessa vez, um pouco mais próximo.

Olhou rapidamente para cima e tentou escalar uma árvore. Os galhos não suportaram seu peso, e logo veio a cair. Não havia percebido antes, mas nessa região, próxima ao riacho, todas as árvores estavam mortas. Prontamente se levantou da queda e permaneceu alerta.

Nada mais era ouvido, nem insetos, nem animais. A floresta estava em silêncio.

Um terceiro uivo foi proferido, este ecoou por todos os cantos da floresta. Não foi como o anterior, que parecia estar longe, tampouco dava a sensação de estar se aproximando.

Esse uivo já havia chegado, como se sussurrado em seu ouvido. Santiago o ouviu tão próximo de sua orelha, que foi capaz de sentir um bafo quente em sua nuca. O coração bateu rápido, bombeando sangue em seus músculos.

Sem ter coragem de olhar para trás, saiu em disparada.

Conforme corria, tropeçava e esbarrava nas árvores que surgiam em seu caminho. Logo chegou a uma clareira, de grama curta, onde não havia árvores. Era uma área bem aberta, íngreme e irregular.

Ainda restava um pouco de sol, que iluminava todo aquele espaço em sua frente. Correu, e não demorou mais que dois minutos para atravessá-lo.

O sol já fraco iluminava todo aquele campo, que se revelava um belo local

para o acampamento. O lugar ideal que o menino procurava. Bastava montar seu abrigo e aguardar, que certamente seria encontrado. Seria tudo tão perfeito se o sol não iluminasse, nesse mesmo campo, cinco lobos selvagens a passos silenciosos indo em sua direção.

O garoto foi salvo por questão de minutos. Alguns tempo a mais e já não haveria sol, deixando esse campo imerso na escuridão. Se não houvesse aquela luz, se não olhasse para trás, os lobos o teriam surpreendido em emboscada. O uivo atrás de sua nuca o conduziu a essa clareira.

Ao perceberem que o menino os olhava, os lobos recuaram para as sombras, cautelosos, caçavam por meio de emboscada, e jamais se lançariam à toa em manobra arriscada.

Nesse momento, o mesmo vento, que há dias o salvou arremessando-o num poço d'água e acendendo uma fagulha, agora se mostrava traiçoeiro, carregando seu cheiro pelo ar: um odor forte, já conhecido pelos lobos.

Odor que inundou as narinas de cada lobo, embriagando seus sentidos e, um a um, revelando-os das sombras. O menino emanava medo.

Ao virar-se para o lado oposto, olhando do alto daquela pequena colina, avistou um pequeno riacho e o que parecia ser uma montanha. Saiu em disparada o mais rápido que já havia feito em sua vida. Se demonstrasse essa mesma velocidade contra seus agressores, nunca teria apanhado; ninguém jamais teria sido capaz de alcançá-lo, pelo menos ninguém sobre duas “patas”.

Os sons de seus passos foram silenciados pela marcha de uma alcateia que o seguia.

Enquanto corria, virou-se para trás e percebeu um sexto lobo tomar a liderança da alcateia que descia em sua direção. Por mais adiantado que estivesse na perseguição, não poderia fugir para sempre.

Desceu a colina, aos tropeços atirou-se nas águas turbulentas, lutou contra a correnteza, com muito esforço conseguiu atravessar aquelas águas traiçoeiras. Engoliu água e, ao chegar à terra firme, expulsou o excesso de água de seu estômago. Estava deitado com o rosto no chão, olhou para trás sem se levantar, e viu os lobos às margens, andando impacientes de um lado para outro.

O menino repousou por instantes, recuperando seu fôlego e suas forças.

Sentou.

Do outro lado do riacho um dos lobos estava imóvel.

Ele então uivou alto.

O menino agora não se preocupava com os lobos que havia visto. Sua aflição era para com os que ainda não haviam se revelado.

O lobo que uivou rapidamente saiu em disparada pela esquerda; os demais, à direita. O menino sentiu que era hora de correr novamente.

O menino corria exaustivamente, sentia o vento gelado cortar-lhe o rosto. Descansou sobre uma pedra na colina onde havia subido, contemplou seu último pôr do sol, que aqueceu seu rosto por alguns minutos.

Sentou escorado numa velha árvore, assustou-se com uma coruja, que o observava com a cabeça retorcida.

O sol se escondeu, e a noite aflorou.

De repente, com ouvidos ao chão, captou o som de passos apressados.

“Os lobos me acharam!” Pensou.

Sons pesados irrompiam a silenciosa noite. Longe dali, os lobos haviam encontrado uma forma de contornar o rio, e agora direcionavam sua concentração à perseguição da presa.

Em marcha corriam sem descanso.

Essa não era uma luta justa, não era questão de como o capturariam, mas de quando o alcançariam. Ao imaginar o doce sabor de sangue fresco, a alcateia acelerava.

O menino teve um lampejo de coragem, retirou os ouvidos do chão, e atirou-se novamente à imensidão da floresta. Ao imaginar a dor de sua carne rasgando, fugia mais rapidamente! Caçador e caça desempenhavam seus papéis: o mais resiliente teria o banquete ou a sobrevivência.

Correu por mais uma hora sem parar. Agora os tambores no peito e os passos apressados dos lobos ecoavam como a segunda estrofe de sua marcha fúnebre.

O menino não tinha mais forças para correr, sua boca estava seca, sedenta; olhou para cima e, em último esforço, subiu numa árvore, tentou um último ato antes de entregar-se à morte.

As árvores a seu redor estavam mortas. Tentou subir na mais próxima e parou no primeiro galho que se partiu arremessando-o ao chão. As costas estalaram, os nervos gritaram de dor; o garoto não emitiu nenhum som.

Aguçou os olhos e observou a seu redor.

Não tão longe, avistou uma árvore que era alta o suficiente para afastá-lo do perigo. Era um trecho inclinado e, ao invés de descer a montanha, começou a subir. O pequeno trecho exigiu mais de suas pernas do que a maratona que estava enfrentando.

Sentiu-se nauseado por um momento. Seu corpo implorava por um gole d'água, sabia que deveria escalar o mais rápido possível. No entanto, já não conseguia correr, e agora caminhava com os olhos altos, traçando mentalmente como faria sua escalada, imaginando quais dos galhos o sustentaria e até onde deveria subir.

Quando o íngreme trajeto terminou, o menino ainda olhava para cima e, ao baixar os olhos, deparou-se com uma visão aterrorizante.

Um único lobo branco, em cima de uma pedra, o observava. Por instinto, seu corpo respondeu à ameaça, despertando-o a correr em disparada. Foi até a árvore, agarrou-se no primeiro galho e começou a subir, quando notou que já estava a metros do chão e não havia tempo para alívio. Ao olhar para o chão, viu o lobo, imóvel, no mesmo lugar onde estava.

Não havia se movido um centímetro sequer. Se não estivesse com a cabeça virada a observá-lo com aqueles grandes olhos azuis, o menino poderia jurar que se tratava de uma estátua.

O lobo estava calmo, nem fez menção de impedir sua presa de procurar refúgio. Apenas o observou por alguns instantes, sem tirar-lhe os olhos.

Por fim, encheu os pulmões e soltou um uivo para a noite.

A noite estava silenciosa, não se ouvia mais passos em marcha. O que se ouviu em seguida foram seis uivos distintos ecoarem bem abaixo de onde ele se encontrava. O menino baixou os olhos e viu seis lobos. Estes, por sua vez,

não estavam calmos, senão ofegantes, e o luar refletia em seus dentes ameaçadores.

A alcateia o havia encontrado. Estava cercado, emboscado em cima de uma árvore. Agarrou-se com força, fechou os olhos por um momento e rezou para que tudo não passasse de mais um de seus pesadelos.

Deus não o escutou.

A escuridão roubou toda a luz. A Lua foi bloqueada por uma nuvem. Ele nada podia ver. Ouviu alguns passos e arranhões de um lobo afiando suas garras.

Os lobos não tentaram escalar a árvore, talvez por serem lobos, e não macacos.

Fechou os olhos, buscando resquícios de energia e força. Não havia nenhuma gota de coragem em seu ser, estava tomado de pavor. Não havia ninguém que pudesse salvá-lo. Sentia em seu âmago que seu destino estava selado.

Baixou a cabeça, viu a vida passar ante seus olhos. Foi uma visão breve, pois ainda não havia nem começado a viver. Arrependeu-se de tantas coisas nesse momento íntimo. Perto do fim, não pensamos em nossas conquistas, mas em coisas que deixamos de fazer, que colocamos em segundo plano e, para o menino, o que havia deixado em segundo plano eram suas vontades.

Seus olhos ainda estavam fechados. Ao reabri-los, a luz da Lua o cegou momentaneamente: seus olhos haviam sem acostumado à escuridão. A Lua Cheia já estava alta no céu, saindo de trás da nuvem que temporariamente a escondera. O menino olhava para cima, e pôde contemplar a Lua em toda sua perfeição, suas crateras, seus detalhes. Lembrou-se de quando era criança, em que sua mãe havia dito que aquelas manchas na Lua eram São Jorge combatendo o Dragão.

“Queria que São Jorge estivesse aqui!” Pensou.

O menino voltou seu olhar para seus “algozes”, seus carrascos, os ceifeiros que estavam prontos a tirar-lhe a vida. E ele, por fim, pôde contemplar a cena infernal, e entender de vez que seu destino estava traçado.

O luar revelou seu pesar. Os lobos não o perseguiram aleatoriamente. Desde o começo, esta não foi uma caçada justa, pois a presa não passava de um peão num jogo sombrio. Com malícia, os lobos o conduziram exatamente aonde queriam, e agora o menino encontrava-se sozinho No Covil dos Lobos.

Ele pôde contar sete lobos no total. Seis eram monstruosos e grandes demais para os padrões comuns e, ao centro, um lobo menor e de aparência mais pacífica o fitava: o mesmo que o esperava.

Cada lobo apresentava características distintas e estava estrategicamente posicionado, bloqueando, sem esforço, qualquer rota de fuga. Também havia ossadas de animais espalhadas pelo chão. Dois lobos que não podiam mais conter seu ímpeto disputavam uma velha carcaça, provavelmente de um animal recentemente abatido.

Os lobos, como se obedecessem a uma ordem, cessaram todos os seus movimentos; já não estavam mais agitados, apenas o fitavam, olhos que brilhavam na noite, olhos que transmitiam apenas uma coisa: morte.

O menino aguentou firme por algumas horas. Já era madrugada, e seus braços cansados não tinham mais forças para sustentá-lo no alto, não por muito tempo.

Sentia que não aguentaria até o amanhecer. Mas que diferença isso faria? Não eram alucinações que sumiriam com medo da luz, senão animais selvagens, que agora repousavam aguardando pacientemente, pois já haviam concluído a caçada com êxito.

Olhou para baixo, mas os lobos já não o observavam. Com a mente descansada, o menino traçou um plano. Se pudesse alcançar a árvore ao lado, e descer silenciosamente, poderia atirar-se à mata novamente e correr até o rio, onde deixaria a correnteza arrastá-lo para longe, tendo, assim, chance de sobreviver.

Não era um bom plano, mas melhor do que inércia.

Primeiro retirou suas mãos do entorno da árvore, para dar um descanso aos braços.

Estava tão pensativo sobre uma rota de fuga que não percebeu que suas pernas estavam amortecidas.

Descuidou-se por um momento e perdeu o equilíbrio. Tentou se prender novamente à árvore, mas suas pernas e braços não responderam a seu comando. Sua força o traiu.

O menino caiu. Bateu com força a barriga num dos galhos que usou para subir, desacelerando sua queda. Em seguida, com as costas viradas para o

chão, caiu sobre uma velha pilha de ossos que se quebraram alto som.

O menino sentiu dor. Algo pontiagudo perfurou sua perna. Sentiu seu sangue escorrer, e apertou os olhos com força para o que viria a seguir.

A dor na perna tornou-se insuportável, e gritava desesperado. O som da presa ferida silenciou a noite, e cada animal que ainda se atrevia fora de seu abrigo havia se escondido.

O garoto permaneceu com os olhos apertados. Nada aconteceu.

Abriu-os bruscamente, e viu um pedaço de osso quebrado cravado em sua panturrilha. Os lobos em pé o observavam. Dessa vez, conseguiu contar seis lobos.

Virou-se para sair em disparada, mas sua perna não reagia. Olhou para ela ensanguentada, sem desviar a atenção dos lobos que a observavam. Tentou rastejar, saiu de cima da pilha de ossos, chocou-se contra uma pedra.

“Não tema o inimigo em sua frente, mas aquele que não pode ver.”

Sentiu um calor emanar dessa pedra. Era quente... peluda.

O menino virou, e, em sua frente, um lobo com a boca semiaberta rosnando em sua direção. Por instinto, o menino rastejou-se para o lado contrário. O lobo o acompanhou.

Em questão de segundos, o menino encontrava-se no centro daquela alcateia, de onde não podia fugir.

O lobo se aproximou mais e abriu a boca. O menino pôs os braços em frente do rosto em proteção. Os olhos estavam entreabertos.

Abertos o suficiente para ver que o lobo freava seu ataque.

Algum odor em seu sangue chamou a atenção. O lobo agora cheirava sua ferida. O menino podia apenas observar enquanto aguardava o golpe fatal.

O lobo não fez menção de atacar, e agora caminhava a seu redor em círculos.

Não sabia se era por causa da adrenalina ou por causa da queda, se havia batido a cabeça com força ou se o medo o fizera ouvir coisas.

Mas ali no meio daqueles lobos, sem explicação racional, o menino ouviu uma voz rouca dizer:

— Você tem olhos mortos.

— Quem disse isso? O menino olhava para os lados.

— Tem alguém aí? Alguém me ajude!

— Ninguém vai te ajudar. Respondeu a mesma voz.

Levou alguns segundos para que finalmente percebesse que quem falou com ele foi aquele enorme lobo negro de olhos amarelos, parado em sua frente.

— Diga-me garoto, você teme a morte?

Ele nada conseguiu dizer.

— Ou me dá respostas ou me dá sua carne!

— Eu não temo a morte. Respondeu instintivamente.

O lobo deu um salto sobre o menino, derrubando-o no chão. Permaneceu sobre ele, com os dentes próximo a seu rosto.

— E agora, você teme a morte?

O garoto, que com toda a certeza temia a morte, percebeu que sua única chance seria sustentar sua resposta.

— Não, eu não temo a morte!

— E por que não? Disse o lobo em tom ameaçador.

O menino demorou a responder. Mas o fez, desta vez com sinceridade.

— Eu não temo a morte, pois ainda não vivi! Não sei o que é viver!

O lobo afastou-se um pouco, a ponto de Santiago conseguir sentar-se.

— E agora, o que vai fazer? Você não viveu, você perdeu a chance de viver. Agora que você vai morrer, diga-me por que ainda não viveu?

O menino não tinha uma resposta definitiva.

— Eu vivo a vida que me obrigam a viver. Deu ao lobo mais uma resposta sincera.

— Ah, então você quer viver?

— Quero!

— Você quer viver ou quer ser livre como um lobo?

— Eu quero ser livre! Dessa vez respondeu sem pensar.

— Você tem cheiro de gente morta, Presa de Lobo.

O menino arregalou olhos.

O lobo continuou.

— Há algo em você, ainda não sei bem o quê, mas é algo que já odeio. Disse o lobo abrindo novamente a boca indo em sua direção.

— Espere!

O lobo mordeu o ar.

O menor dos lobos agora ia em sua direção.

— Eu também vejo. Disse o menor dos lobos ao se aproximar.

O lobo negro, que estava prestes a mordê-lo, agora o observava curioso.

— Estávamos esperando por você. Disse o menor dos lobos.

E, de repente, todos os lobos se aproximaram e o cercaram curiosos.

O lobo negro novamente tentou mordê-lo enquanto falava.

— Deixe-me devorar seu coração!

Foi impedido por três outros lobos.

Os lobos se afastaram, posicionaram-se ao redor do lobo menor, que em seguida disse:

— Nós lhe daremos uma escolha. Não o pouparemos para ser somente um peão num jogo repetitivo imposto pelos outros, apenas o pouparemos se tornar-se um de nós. Torne-se um lobo ou alimente-nos.

— Mas como me tornarei um lobo?

O lobo não respondeu.

— Se tornar-se um lobo o reconheceremos como um de nós. Você que descuidadamente ousou entrar em nosso território. Alimente nossa alcateia ou transforme-se em lobo.

O lobo branco agora não demonstrava nenhum sinal de passividade. O menino não conseguiu entender o que aquele lobo em sua frente dizia.

— Tipo Mogli, O Menino Lobo, que ficou companheiro dos lobos? Indagou de maneira inocente.

Um lobo cinza escuro veio agressivamente em sua direção.

— Não fale de coisas humanas para nós, menino! Jamais seremos companheiros!

— Contenha-se! Alertou outro lobo. Este era de um tom cinza claro e tinha uma cicatriz em um dos olhos.

— Lobos não deveriam ser justos e fiéis? Arriscou a pergunta.

— De onde tirou isso, menino? Perguntou o lobo curioso.

— Lobos são selvagens! Respondeu a um lobo que tinha os olhos brancos e opacos.

— Na natureza não existe luta justa, sobrevive o mais forte.

O lobo branco novamente disse:

— No entanto, o menino não é selvagem. É uma Presa de Lobo, nada mais, interrompeu o lobo negro.

— Eu sou o Alfa. Disse o lobo branco.

— Os outros você deverá descobrir sozinho.

Os lobos, nesse momento, começaram a se expressar enraivecidos.

— Jamais sairá vivo daqui!

— Nunca uma Presa de Lobo reinará sobre mim.

Entre tantos xingamentos, quando pararam, o Alfa continuou.

— Eu lhe darei um desafio justo. Cada um de meus irmãos nasceu do homem há muito tempo. E ansiamos retornar a nossa origem. Você entenderá isso quando chegar a hora.

O menino disse:

— Tenho escolha?

— Tem. Morrer agora ou ter uma chance.

O menino continuou.

— E se eu não me transformar em lobo?

Os lobos ficaram agitados. O lobo negro rapidamente se aproximou dele.

— Então eu devorarei seu coração. Disse mordendo o ar próximo a seu peito.

— Está bem! Assentiu o garoto.

— Ótimo! Disse o lobo negro indo em sua direção, Em seguida arrancou-lhe o pedaço de osso penetrado em sua perna.

O menino gritou de dor!

— Eu darei a primeira mordida!

E saiu em disparada pela noite.

O menino olhou para os lobos.

O lobo branco virou-se e disse:

— Você tem até a próxima Lua Cheia para retornar ao Covil. Porém, se voltar aqui com esses mesmos olhos mortos, jamais se tornará um de nós! E seu destino estará à mercê do lobo negro. Desça a montanha e pegue a trilha de animais da direita, caminhe por um dia inteiro e chegará ao Reino dos Homens.

O menino prontamente começou a descer.

— E lembre-se garoto: corra e não olhe para trás.

Os seis lobos restantes no Covil observaram o menino fugir ao longe.

— Esse é um jogo perigoso, Alfa. Disse o lobo da cicatriz.

— O cheiro no sangue desse garoto é “dele”. Se ele não se tornar um lobo, condenará a todos.

— Se ele “também” se corromper, estaremos condenados. Respondeu o Alfa.

O menino, apavorado, sumiu diante de suas vistas, fugindo pela floresta.

Capítulo 3 - A Trapaça do Coiote

A enfermeira havia entrado no quarto, e o paciente ainda estava inconsciente. Nesse momento estava sozinho, mas seus pais não saíram de seu lado desde que foi encontrado. Ficou cinco dias perdido na floresta. Foi encontrado desidratado, caído à beira de uma estrada, bem próximo às terras da família e, por pouco, não conseguiu retornar por conta própria.

Ele já dormia por dois dias e duas noites seguidas. Os pais já estavam começando a cheirar mal. Havia participado sem parar das buscas pelo garoto, empregando todo o seu tempo na floresta. Mal comiam, e sua presença tornava-se inconveniente para o hospital e demais pacientes. Somente após longa conversa, os enfermeiros os convenceram a fazer um intervalo e irem para casa, sugerindo que descansassem um pouco.

Os pais haviam se retirado por algumas horas, a fim de se higienizar e

organizar os negócios do hotel. Alguns vizinhos se propuseram a ajudá-los. Jéssica, em culpa, foi a primeira a oferecer seu sincero sorriso e sua mão de obra. Os pais de Santiago aceitaram de bom grado, não sabiam quanto tempo ainda levaria até o menino despertar.

Assim que a enfermeira se preparava para se retirar, os pais do menino retornaram, e com aquele mesmo aspecto cansado com o qual haviam saído. Sentaram no sofá, e rapidamente adormeceram.

A enfermeira se retirou em busca da medicação a ser administrada no paciente. Ao sair, deixou a porta bater, e o som foi como um despertador. O menino, na cama, sentia aos poucos a consciência retornar. Moveu um dedo, sentiu em reflexo todo o seu corpo a doer, já estava lúcido, embora fosse difícil abrir os olhos.

A claridade o feria, pois já estava habituado à escuridão e, mesmo desperto, demorou a conseguir abrir totalmente os olhos. Sua boca estava com gosto amargo, ainda sentia o cheiro ferroso do sangue das noites anteriores. Havia perdido a noção de tempo. Entreabriu os olhos, piscou, procurou acostumar-se com a luz que aos poucos tornava-se suportável; olhou para o teto, mas não era o conhecido teto com o qual estava acostumado a acordar. Esse seria só mais um dia normal na vida do menino se não estivesse acordado num quarto de hospital.

As lembranças começaram a aflorar: “Eu estava fugindo de alguma coisa, e depois disso não me lembro de mais nada.”. Fechou os olhos mais uma vez buscando respostas em sua confusa mente.

Reabriu os olhos, só que dessa vez em aflição, calafrios subiram por sua espinha, tudo ficou claro como o dia.

Estava ele jurado de morte. Os lobos o deixaram partir, mas não o deixariam viver se não conseguisse “tornar-se” um lobo.

Refletiu por um momento, e levou as mãos ao rosto.

Ficou em silêncio. Foi necessário fazer uma autoanálise sobre a veracidade dessas recentes memórias.

“Um lobo falou comigo? Será mesmo? Eu devo estar ficando louco! Será que tudo não passou de um sonho? Fiquei dias perdidos, me alimentei mal, com certeza ingeri alguma coisa que causou essa alucinação.”

Ergueu-se da cama, sentou, avistou primeiro a mãe dormindo sentada no

sofá; o pai estava escorado nela, e o avô estava em um canto observando-o com olhos bem abertos.

— Oi?!

O avô não respondeu, apenas levantou-se e saiu do quarto, batendo a porta tão forte que serviu para acordar os dois ainda adormecidos.

— Meu menino!

Os pais o abraçaram com força.

— O que houve? O que aconteceu?

— A cidade inteira se mobilizou. Passamos dias te procurando. Disse a mãe.

O menino disse apenas que não se lembrava de nada.

— Deixe-o descansar. Se tiver de lembrar, vai lembrar! Disse a mãe.

Abraçou-o forte novamente.

A enfermeira retornou e administrou seu medicamento.

Os pais foram ao encontro do médico que passou algumas recomendações. Em questão de horas receberia alta.

Voltando para casa, a mãe o acomodou junto a sua cama; o pai dormia há algum tempo no sofá do escritório.

O menino dormiu por mais um dia inteiro, até que levantou pouco tonto. Salvo isso, não apresentou nenhuma sequela.

Da recente aventura na floresta restavam apenas arranhões. Já estava com a vitalidade recuperada, e pôde descansar mais dois dias. Quando a mãe o viu caminhando normalmente pela casa pensou aliviada que o pior já havia passado.

Estava na hora de retornar suas atividades rotineiras. Talvez se tivesse quebrado o braço ou a perna, quem sabe assim pudesse ter férias longas; mas não naquela família, não depois de ter passado cinco dias perdido na floresta. O que passou, passou; agora o trabalho o chama.

Sua manhã começou com uma xícara de café preto, uma fatia de pão seco, que teve que engolir às pressas, ao mesmo tempo em que sua mãe lhe confiava o cesto de café da manhã para servir os hóspedes.

Saiu da casa, e foi em direção à cabana onde o avô morava. Pela primeira vez

havia visto o recluso velho sentado à porta, já o aguardando.

— Por onde você andou, Santiago?

— Você não soube? Bom, não lembro muito bem, mas acho que caí enquanto estava distribuindo os panfletos do festival na cidade.

— Caiu, é? Pelo que sei caiu quando foi entregar o convite da Família Almeida.

O avô sabia mais do que estava contando.

— Por acaso a Família Almeida mora do outro lado da cerca de proteção à beira do abismo?

O menino respondeu desviando o olhar.

— Que abismo? Peguei um atalho na volta para casa, e acabei me perdendo, só isso.

— Conheço essa floresta como a palma de minha mão. Não contei para seus pais, mas o delegado disse que encontrou todos os convites do lado de dentro da cerca, a alguns metros da queda da cachoeira.

A menino desconversou.

— Aqui está seu café. Estendeu o prato ao avô, que o pegou com força pelo braço.

— Sua mãe disse que você levou uma mordida na perna, que embaixo desse curativo há uma mordida de animal.

O menino tremeu da cabeça aos pés. Não sabia do que se tratava, pois acreditava ser um mero arranhão.

E as memórias que tentava reprimir lhe voltaram. Por um momento pôde ouvir aquela voz rouca que o chamava de Presa de Lobo.

— Diga-me, Santiago, você viu algo estranho na floresta?

O menino empalideceu.

O avô suspeitou, e quis continuar o interrogatório, mas o garoto não ouvia mais nada a seu entorno. O diálogo tornou-se apenas sons abafados; seu coração palpitava.

— O que você tem, garoto? Por que está me olhando assim? Disse o velho impaciente.

Por cima do ombro do avô, o menino viu, na mata, aquele tenebroso par de olhos amarelos fitando-o.

O lobo o observava a distância, seguindo seus passos.

— Que garoto estranho... vai te embora daqui.

Seu corpo obedeceu. Saiu sem sequer recolher a louça do dia anterior, deixada no lugar de sempre pelo avô. Simplesmente saiu caminhando, com a cabeça virada para o lado, observando aquele par de olhos, que agora não estava mais parado, mas se movimentando com ele.

“Estaremos te observando.” O lobo o observava há alguns dias.

Santiago atinou que aquele carrasco havia sido enviado para executar a sentença. Que só não havia se tornado comida de lobo porque ainda não tinha sido arrastado de volta ao Covil, porque esteve trancado no hospital e em casa, sendo esta sua primeira vez num local inseguro. Sem perder tempo, o lobo o seguia, preparando o ataque.

Um tenso calafrio percorreu sua espinha. Lembrou-se da primeira emboscada que sofreu, em que os lobos o conduziram a uma armadilha: primeiro o distraíram, fizeram parecer que estava conseguindo fugir, que se afastava, mas quando percebeu, estava encurralado entre ossos e restos de animais, sendo conduzido ao Covil dos Lobos.

Novamente em sua frente aquele lobo negro de olhos amarelos. Poderia muito bem ser outra armadilha.

Ouviu o som de um graveto quebrar atrás dele, enquanto o lobo negro desaparecia em meio às árvores.

O som de mais um galho se partindo era o prenúncio de uma emboscada.

Engoliu a seco a saliva que rasgou a garganta como uma navalha afiada, e lentamente começou a virar-se para o lado.

Ouviu um grito agudo assim que se virou.

— Santiago! Aprese-se com esse café, garoto! Tenho negócios importantes a tratar na cidade. Francamente, não tenho o dia todo para esperar sair desse drama juvenil. Hoje é um dia muito importante na minha carreira! Disse um dos hóspedes.

— O que tem de importante? Perguntou o menino enquanto sondava as

margens da floresta, procurando qualquer sinal de emboscada. Concluiu que por hora estaria salvo.

— Hoje é dia de receber o resultado de uma análise de solo que eu estava aguardando. Disse Felipe, o mais novo inquilino do hotel.

Felipe era representante de uma grande empresa do ramo de pedras e metais preciosos.

Estava ali na cidade em virtude de uma grande descoberta feita recentemente numa mina de ouro abandonada.

O assunto saiu até em um documentário, em que relatava de como o antigo processo de extrair ouro desperdiçava mais ouro do que extraía. Hoje, com o maquinário moderno, seria possível peneirar o cascalho já processado, rico em ouro. Além do que, os antigos mineradores focaram apenas em escavar a base da montanha, e, devido a uma nova forma de analisar o solo, descobriu-se que o melhor lugar para apanhar ouro é nas curvas dos rios. O ouro desce pelo rio e, por ser mais pesado que as pedras, acaba acumulando no fundo dos poços, geralmente nas curvas.

Felipe estava negociando os direitos de exploração da área, e estava na cidade em busca de um investidor interessado nessa grande oportunidade.

— Conhece alguém interessado em ganhar dinheiro rápido, garoto?

O menino lembrou-se subitamente de uma briga que presenciou há alguns anos de seus pais discutindo sobre impostos atrasados, de que eles não pagavam há anos, e de que todo dinheiro ganho pela família, tiravam o mínimo para si, sendo o restante poupado para quitar essa quase impagável dívida.

— Até mesmo eu queria ganhar dinheiro para ir embora daqui. Proferiu o menino em voz alta.

— Sério? Achei que fosse utópico morar cercado da natureza, no interior.

— Utópico para quem mora em cidade grande, cansado do ar poluído e acredita que morar no interior é moleza. Aqui só tem trabalho duro, Senhor!

— Qual sua idade, garoto?

— Tenho dezesseis anos, Senhor.

— Bom, preciso ir. Se precisar de um ajudante, te procuro.

Entrou fechando a porta.

Santiago, por um momento, caminhou despreocupado de volta à casa principal. Somente após minutos lembrou que estava sendo vigiado. Apressou o passo, entrou, fechou a porta e espiou pela janela.

Não havia nada lá fora, apenas seu avô sentado à porta de casa compenetrado na leitura de um velho livro.

Os dias iguais lentamente passavam, e a data do festival se aproximava. O menino não saía mais de casa, vivia trancado no quarto, que ficava no segundo andar, com um janelão e pequena sacada. À noite, antes de dormir, posicionava um armário em frente à janela para dificultar que alguém pudesse abrir pelo lado de fora.

Às vésperas do festival, sua mãe aceitou uma grande encomenda de doces para fazer. Seria um dinheiro extra. Tarde da noite, já exausta de passar o dia trabalhando, pediu ao menino que continuasse a embalar os doces, a fim de que pudesse descansar.

Assim fez Santiago: embalou doces até de madrugada. Não se aguentando mais em pé, subiu as escadas, passou no quartos dos pais, pensou em chamar a mãe, mas ele já havia adiantado bem o serviço, então resolveu ir dormir. Chegando ao quarto, desabou na cama.

O menino sonhou.

Sonhou que estava indo entregar os convites para as festividades. E que no caminho encontrou Maicon e sua namorada, Jéssica. Juntos eles rapidamente terminaram as entregas e começariam aproveitar o verão e as férias.

Iriam tomar banho de cachoeira. Os amigos riam e conversavam sentados à beira do rio. A tarde passou voando, e o sol começava a perder força. Um vento frio começava a soprar, do tipo intenso, como numa madrugada de inverno. Logo seus músculos se contorciam na tentativa de acumular calor.

Ele olhava para Maicon e Jéssica, e os dois nada sentiam, continuavam rindo e conversando. O vento tornou-se ainda mais frio, e sua boca já tremia.

— Pessoal, vamos sair daqui. Está esfriando muito rapidamente.

Era um vento gelado, um ar polar que ele sentiu apenas uma vez, quando criança, num inverno tão rigoroso que trouxe neve à cidade. O ar gélido não veio como um evento natural.

O que estava sendo uma agradável tarde começou a tomar rumo totalmente

distinto. Um calafrio subiu-lhe a espinha, e o menino se deu conta que, por breve momento, havia se descuidado.

Só há uma coisa que se sente tão confortável com o frio: lobos.

De repente, como num passe de mágica, o menino não estava mais à margem, mas imerso no rio. A água começava a congelar a seu redor, mas, de alguma maneira, podia ver a margem onde Maicon e Jéssica inacreditavelmente continuavam a sorrir.

O menino não sorria, sentia pavor, que se intensificou quando viu surgir na mata aquele par de olhos amarelos: primeiro os olhos, depois a boca, a cabeça, o lobo inteiro saía sem temer a luz do sol, sem procurar camuflar-se com a noite, deslizava sorrateiramente sob as patas, em posição de ataque.

Escolheu seu alvo, e começou a correr em direção a Jéssica. O menino tentava soltar-se, mas estava congelado, preso, quanto mais tentava pior ficava sua prisão.

O lobo estava próximo, tão gigante que, ao abrir a boca, parecia engolir a menina inteira!

“Jéssica!”

O menino acordou em susto, suando frio! Há tempos não tinha um pesadelo tão vívido assim.

Sentado na cama, respirava ofegantemente.

“Foi só mais um pesadelo!”

O suor escorreu em seu rosto.

Tentou tomar água, mas sua garganta estava fechada, e seu corpo espremido. Queria proteção, mas que não encontraria ali, naquele quarto, naquela escuridão, com aquela janela aberta.

E, sem dúvidas, não havia misericórdia dentro daqueles olhos que o observavam na escuridão.

O lobo havia entrado. Não era um sonho, não era um pesadelo, o medo era real.

Os dois se observaram por instantes. O lobo trazia a morte no olhar. Em sua caótica mente, o menino buscou por algum tipo de salvação.

Santiago, por impulso, tentou sair da cama em direção à porta, mas a fera,

num único salto, já estava sobre ele, que bruscamente caiu na cama deitado.

Santiago tentou se desvencilhar, se esgueirar por baixo; conseguiu, mas caiu da cama. Se arrastou até a porta e sentiu uma mordida no pé, que por sorte atingiu o pijama. O lobo o puxou com um só golpe, e o menino atravessou o quarto e bateu bruscamente na parede. Ficaram frente a frente, com a boca ameaçadora tão próxima de seu rosto que o garoto podia sentir o cheiro de sangue de uma recém-caçada.

O lobo afastou a cabeça um pouco, a fim de encarar o menino nos olhos.

— Você achou que poderia se esconder de mim, Presa de Lobo? Achou mesmo que essas paredes tão finas seriam suficientes para se esconder de mim? Que se abaixar ao sair de carro com seus pais é suficiente para cegar minha visão? Eu sinto você, Presa de Lobo, sinto seu cheiro a quilômetros, sei o que comeu no café da manhã. Sei cada passo que dá. Devo dar como selado seu destino agora mesmo. Desista de viver. Você vem comigo agora sem fazer qualquer barulho ou levarei seus pais para servir a meus irmãos que estão famintos.

— Para onde você quer me levar? Indagou o menino com voz trêmula.

O lobo sorriu maliciosamente e respondeu:

— Para seu destino, “comida de lobo”.

O medo era tanto que o menino mal conseguia respirar.

— Você vem ou devo levá-lo aos pedaços?

Santiago uniu sua coragem num último ato desesperado.

— Não vou! Ainda tenho tempo! O Alfa me deu um ciclo lunar de prazo. Ele disse que eu tinha até a próxima Lua Cheia para tornar-me um lobo, e o prazo é somente daqui a alguns dias! Então tenho alguns dias para derrotá-lo.

— Derrotar-me?

O menino havia entendido que, para transformar-se em lobo, seria preciso vencer aquele lobo em sua frente.

— Hahaha. Gargalhou alto o lobo. Uma Presa de Lobo como você jamais vai me derrotar!

O menino esgueirou-se para o lado.

— É, mas ainda tenho tempo para fazer!

O lobo ficou curioso com a súbita, embora ainda tímida, coragem apresentada pelo menino.

— Você tem de entender uma coisa, garoto: Eu não quero que você vença, quero sentir o gosto de sua carne. Hoje ou na próxima Lua Cheia, você vai virar minha refeição. Estarei sempre te observando. Não espere compaixão, pois em mim não há. Vivo para sobrepujar os fracos! Os fracos caem perante mim!

O lobo arrependeu-se do que disse, e resolveu partir antes que seu descuido fosse percebido e permitisse mais uma dica ao menino sobre sua real identidade.

Em seguida, pulou pela janela do segundo andar.

O menino correu em direção à janela confiante de que a queda pudesse ter-lhe matado. Mas só viu a sombra desaparecer na noite. Conforme o lobo sumia no horizonte, um medo já conhecido crescia dentro do menino.

“Talvez eu deva fugir.”

O dia amanheceu, mas para o menino foram poucas horas de sono. Não iria esperar alguns dias.

Precisava sair dali, e naquele instante.

Pegou a cesta de cafés e as levou para os hóspedes. Primeiro para seu avô rabugento. O velho dessa vez estava mais afetuoso e tentou puxar assunto.

— Que cara é essa, garoto?

— Não consegui dormir direito.

— Algum problema amoroso?

O menino não queria conversar, falou a primeira coisa que veio à mente.

— Não consigo dormir com todos esses uivos noturnos. Alguém deveria matar esses lobos de vez, isso é um perigo para a cidade.

O avô se levantou, com semblante não mais afetivo.

— O que você quer dizer com uivos e lobos? É apenas um uivo solitário na noite. Concluiu o avô.

Santiago estava sem paciência para conversar.

— Um uivo? Com todo o respeito, são vários uivos. Acho que o Senhor está

ficando velho mesmo!

O menino se lembrou de quando esteve no Covil, e que eram sete lobos ao todo.

— E não é apenas um lobo, devem ser no mínimo sete!

O avô arregalou os olhos.

— Do que você está falando, menino? E começou a ir em sua direção.

Santiago sentiu-se arrependido de assustar o pobre velho, e tentou remediar.

— Você tem razão, é só um uivo, e não acontece todas as noites, não! Com licença, pois preciso terminar de servir o café.

Enquanto saía, podia ouvir a voz do avô sendo abafada à medida que se distanciava.

— Volta aqui, Santiago! Preciso falar com você! Tem algo de que precisa saber.

O menino não lhe deu ouvidos e foi à segunda casa, onde estava Felipe, sempre sorridente, aguardando-o na sacada.

— Ei, Santiago, seu avó está com uma cara nada amigável. Entre e me sirva o café aqui dentro, pois não quero comer olhando para a cara desse velho!

Cada vez que Santiago olhava para Felipe sentia algo estranho. Primeiro pelo fato de ele estar sempre sorrindo, e sendo sempre tão cordial com quem mal conhecia. Talvez seja uma espécie de cordialidade para com as pessoas do interior, algo que ele não sabia ao certo.

Ao entrar no quarto, o menino pôde ver um escritório improvisado, papéis por todos os cantos: contas, prospectos de investimentos. Na parede, uma listagem de nomes, alguns até conhecidos, além de um mapa da antiga mina abandonada.

— Tem ouro mesmo nessa mina abandonada?

Felipe soltou um riso agudo.

— Sim, tem muito ouro! Preciso apenas de um pequeno investimento para poder começar a extrair ainda este mês! Por que pergunta? Não me diga que gostaria de se tornar um investidor?

O menino demorou a responder.

— Não tenho nenhum dinheiro, se tivesse qualquer coisa já teria ido embora daqui.

Felipe continuou sorrindo, embora agora com riso forçado.

— Um dia você consegue, menino. Tem de ser esperto!

Santiago continuou perguntando.

— E esse dinheiro de que você precisa, quanto tempo leva para devolver? E quanto um sócio pode faturar com isso?

Felipe diminuiu ainda mais seu sorriso, não queria desperdiçar sua lábia com aquele menino que não tinha dinheiro, e que trajava de igual maneira todos os dias.

Como que para se livrar do servidor de café, resolveu dizer o mesmo que andava dizendo a todos na cidade.

— Olha, garoto, só preciso de cem mil. Com cem mil, em dois dias consigo uma aprovação, e já tenho quem arrende a mina. Não vou produzir nem extrair nada, represento uma grande empresa que fará isso.

— Se você representa uma grande empresa, por que eles não lhe dão esses cem mil?

O menino era um pouco mais esperto do que aparentava.

— Porque, para ganhar a comissão, tenho de arrendar uma mina em pleno funcionamento. Essa que existe aqui é perfeita, mas não está licenciada. Preciso apenas da papelada, coisa que resolvo em dois dias.

— Em dois dias você devolve os cem mil?

— Sim, devolvo. Já está tudo organizado.

— E quanto pagará para quem lhe arranjar esse dinheiro?

Felipe estava começando a desconfiar de tantas perguntas.

— Dou cinquenta mil de bonificação.

— Nossa! É bastante! Retrucou o menino, encantado.

— E com cinquenta mil é possível começar uma vida na cidade grande?

— Sim, claro! Mas por que tantas perguntas? Vai dizer que tem cem mil? Disse em gargalhadas.

— Ter eu não tenho, mas sei onde posso conseguir. Respondeu inocentemente.

Felipe petrificou imediatamente. Doravante, tudo que falasse deveria ser calculado. Em sua mente, formulava com cuidado as próximas palavras. Ou era blefe ou o garoto realmente poderia conseguir o dinheiro.

— Do que está falando, menino? Vai roubar um banco?

— Não. Mas sei que meus pais estão há anos economizando para pagar os impostos atrasados do hotel. Se for algo rápido, de dois dias, eles podem nem ver que peguei o dinheiro “emprestado”. E você me dá cinquenta mil, não é?

— Que conversa é essa, garoto? Fale baixo. Conte-me melhor essa história. Indagou Felipe, diminuindo o tom de voz.

— Meus pais estão há alguns anos juntando dinheiro. Acho que há mais de cem mil guardados. Meu pai utiliza um quadro negro no escritório para fazer rápidas anotações, e sempre anota o valor acumulado.

O pai anotava seu progresso, não que fosse esquecer, mas para lhe inspirar a continuar juntando.

— Pelo menos foi o que vi.

— Mas onde eles guardam isso?

— No escritório de meu pai. Único problema é que ele nunca sai do escritório. Eu finjo não saber, mas ele e minha mãe não estão bem. Foi ele quem nos meteu nessa situação. Minha mãe herdou o hotel da mãe dela, e meu pai ao longo dos anos retirava de dinheiro e gastava nas rodas de cartas e em bebidas. Minha mãe só descobriu quando recebeu o aviso da prefeitura de que tomariam nossas terras. Ela negociou a dívida, desde então eles não estão bem, e meu pai dorme no escritório todas as noites. Sempre está lá.

— Mas o hotel não é de seu avô?

— Não. Soube que meus avós eram separados, depois da morte da minha avó, que meu avô apareceu numa noite qualquer, pedindo um lugar para dormir, e foi ficando, até que minha mãe deu a ele um espaço para se alojar permanentemente.

— E como vai fazer?

— Hoje à noite eles vão ao festival. Tenho certeza de que vão juntos. Digo a você onde está, e você pega o dinheiro. Faça o que tem de fazer, e em dois

dias me devolva o dinheiro. Tentarei distraí-los ao máximo, mas como minha mãe desconfia das recaídas de meu pai, eles abrem o cofre só no início de cada mês para guardar as economias. O cofre fica lá no escritório, mas é ela quem fica com a chave.

— E como vai pegar a chave?

— Dou um jeito para isso. Deixarei a chave embaixo do tapete da entrada antes de sair. Você deve pegá-la e deixa-la no mesmo lugar ao sair, combinado?

— Sim, garoto. Devolvo e acrescento cinquenta mil à quantia. Ainda lhe dou uma carona se quiser sair daqui.

— Combinado!

O menino deixou a cabana. Pela primeira vez em tempos estava sorridente, poderia dar adeus àquela vida sofrida. Em alguns dias tudo estaria resolvido. E estaria bem longe, quando os lobos batessem a sua porta.

Passou a tarde finalizando os doces para a mãe. Nem se importava com o trabalho, sua cabeça já estava longe dali. A primeira coisa que imaginava era comprar roupas chiques.

Era quase noite, quando a mãe o manda atender a campainha. Era a pessoa encarregada do festival, responsável por pegar os doces e efetuar o pagamento.

O menino ainda não tinha um plano para surrupiar a chave da mãe.

— Boa noite! Disse a mãe descendo as escadas enquanto ajustava um dos brincos na orelha.

— Chegou cedo. Completou.

— Desculpa, tivemos um imprevisto. Minha irmã, que estava a caminho para ajudar, não conseguirá chegar a tempo. Disse que estava vindo para cá, mas um cachorro atravessou a frente de seu carro, que a fez perder o controle.

— Meu Deus! Ela está bem?

— Sim, sim. Bateu levemente numa árvore, mas passou em uma parte cheia de pedras e furou dois pneus. Está até agora aguardando o guincho chegar. Pensei que poderia pegar seu ajudante emprestado para me ajudar.

— Santiago? Ele ainda não serviu a janta aos hóspedes. Chamarei meu marido e nós dois vamos te acompanhar, e ajudar a carregar e organizar o

festival.

— Você me salvou! Disse em alegria a recém-chegada.

— Ah, antes que eu esqueça, aqui está o envelope com o pagamento.

A mãe o recolheu e virou-se para Santiago.

— Filho, guarde esse envelope no bolso. Vá até o escritório e chame seu pai. Diga que precisamos ir agora. Assim que sairmos, suba até meu quarto. Dentro de um livro de receitas está a chave do cofre. Pegue-a e guarde esse envelope dentro do cofre. Depois guarde a chave onde a encontrou.

O menino sorriu, pois a sorte veio a seu encontro.

Os pais saíram. Santiago foi levar a janta aos inquilinos. Primeiro foi ao quarto de Felipe, mas ele não estava.

Iria aguardar até que Felipe surgisse à porta, mas o avô já o chamava.

— Traga-me a sopa, garoto!

Santiago em desaprovação subiu e entregou a refeição ao velho.

Enquanto ouvia as reclamações do avô em razão de sua conduta, viu Felipe chegar com um carro novo.

Felipe desceu do carro, abriu um sorriso e chamou o menino, que foi a seu encontro deixando seu avô falando sozinho.

O avô viu Felipe recebendo o garoto com extrema educação e afeto. Desconfiou da amizade entre eles.

Entrou na casa, posicionou a mesa bem próxima à janela, e tomou sua sopa observando o que acontecia.

Santiago entrou na casa.

— Aqui está a chave. O escritório de meu pai fica no sótão. Suba a escada, e no fim do corredor há outra escada pequena. Preciso ir, porque terei de ir de bicicleta até o festival. Meus pais saíram, nem se preocuparam como eu chegaria até lá.

Felipe olhava encantado para aquela chave.

— À noite, depois de voltarmos, venho aqui para contarmos o dinheiro e ver se tudo deu certo quanto a nosso plano.

— Claro. Disse Felipe.

O menino saiu, pegou sua bicicleta e foi para cidade. Era um trajeto breve.

Logo chegou ao festival. Ficou encantado com as cores, barraquinhas de venda de doces, tiro ao alvo, tinha até uma “casa mal-assombrada”. O menino desviou das pessoas em sua frente e foi até a “casa mal-assombrada” para vê-la melhor.

Quando desviou da última pessoa em seu caminho, pôde ver um enorme lobo que fazia parte da decoração de terror. E, ao lado dele, um palhaço com uma faca de plástico em mão.

“Que mau gosto!” Pensou o menino enquanto virava-se tentando acalmar seu coração que por instante havia entrado em pavor.

Deu de cara com Jéssica, que, em culpa, tentou aproximar-se e iniciar conversa.

— O que houve? Perguntou a menina.

O menino não queria conversa, pois toda a admiração que nutria por ela havia sumido, e agora o sentimento dava lugar à mágoa. Ele não queria alimentar ainda mais essa mágoa, já que em poucos dias tudo ficaria para trás, e ele poderia começar nova vida em algum lugar onde as pessoas fossem bondosas.

Mal sabia o menino que onde quer que fosse haveria lobos em forma de gente, outros em forma de hiena, e alguns trapaceiros em forma de coíote.

Jéssica continuou a conversa.

— O que houve? Desistiu de ir? Tem medo de palhaços assassinos? Eu vou com você. Disse de maneira insistente enquanto olhava a “casa mal-assombrada.” E esboçou uma risada irritante.

Santiago a ignorava, mesmo assim respondeu.

— Não tenho medo de palhaços. Só não suporto lobos.

A menina, que olhava para o garoto, virou-se novamente para a atração. Não percebendo que Santiago tinha se afastado, disse:

— Lobos? Onde os viu? Só há um palhaço em frente à entrada. Completou, virando-se novamente, perdendo-o de vista na multidão.

O menino logo encontrou seus pais.

— Aqui está meu garoto. Os pais fizeram questão de exibir a todos o menino,

o mesmo menino que havia se perdido e que agora estava sã e salvo.

Aproximaram-se do delegado, que o repreendeu.

— Por onde andou, garoto? Não mais assuste seus pais dessa maneira, ou terei de prendê-lo.

Os pais riram alto. O menino se juntou à gargalhada despreocupado, pois ria por outro motivo.

Ainda expressava um sorriso no rosto, quando viu o tom de seriedade surgir na cara do delegado, que relatava aos pais:

— Não quero alarmar vocês, mas a situação está ficando insustentável. Amanhã, discretamente irei até o hotel e levarei o tal Felipe para a delegacia. Todos na cidade sabem que o motivo daquela mina de ouro ter falido foi em razão de o ouro ser falso. Ouvi de várias pessoas que esse Felipe, esse coioite, anda tentando aplicar um golpe. Mas não na minha cidade, aqui a lei é aplicada. Posso farejar um trapaceiro a distância.

E sacou uma arma imaginária apontando-a na direção do garoto.

— Opa, aqui tem um!

E riu alto sem parar.

Os pais o acompanharam na risada.

— Foi uma brincadeira, menino! Não precisa ficar com essa cara de enterro. Vá se divertir!

Os pais viraram-se e, nesse momento, sua atenção se voltou ao prefeito, que novamente insistia na conversa de que não precisavam temer os uivos, pois a ameaça dos lobos estava contida.

O menino permanecia imóvel.

Sua alma estava em silêncio. Sua inocência e a crença de uma vida melhor, longe dali, haviam trincado.

O menino saiu abruptamente correndo, adentrando a floresta em busca de um atalho.

Longe dali, no hotel, o avô ainda observava pela janela. Minutos depois de o neto ter saído, viu Felipe entrar na casa principal. Não demorou mais que cinco minutos, e saiu de lá com uma maleta. O avô prontamente se levantou, pegou um machado, que estava próximo a seu fogão a lenha, e saiu de casa

gritando.

— O que você pegou lá? De quem é essa maleta?

Felipe, ao ver o velho descendo com um machado em mão, não teve nem tempo de juntar suas coisas. Pegou apenas uma pasta com documentos, jogou a mala e a pasta dentro de seu veículo, e saiu cantando pneu.

O homem velho não tinha velocidade suficiente para alcançá-lo.

Felipe olhou pelo retrovisor e viu o velho cair e ficar de joelhos no chão.

“Não adianta rezar, velho nojento!”

O velho pôs as duas mãos no chão.

“Isso mesmo, caia morto!” Pensou Felipe enquanto reajustava o retrovisor, e voltava sua atenção para a estrada.

O menino corria apressado pela floresta. Talvez se chamasse os outros inquilinos pudesse fazer com que Felipe devolvesse a maleta dos pais. O menino então entendeu que Felipe não havia comprado um carro novo graças a sua gorda comissão que ganharia, mas havia apenas adquirido seu veículo de fuga.

Estava correndo quando foi interceptado pelo lobo negro.

— Está fugindo novamente, Presa de Lobo?

— Não! Você não está entendendo, preciso impedi-lo de fugir. Ele me enganou, e está fugindo com o dinheiro de minha família.

— E quem entregou o dinheiro a ele? Indagou o lobo.

— Eu.

— Por favor, me ajude!

O lobo continuou.

— Entregou o bem de seus pais como um néscio que acredita em tudo que lhe dizem! Ganancioso, trapaceiro, aliou-se a um coiole para furtar os próprios pais. O coiole já deve estar longe agora. Com certeza sua carne deve ter um gosto podre. Ademais, quem disse que isso é problema meu? Não confunda as coisas, menino, sou seu predador, não seu aliado.

O menino parou de correr; o lobo o circundou.

Santiago mal recuperou o fôlego, e disse:

— Por favor, leve-me ao Covil. Eu me rendo, mas me ajudem a recuperar o dinheiro da família.

O lobo pulou com raiva próximo a ele.

— E quem disse que iremos te ajudar?! Nós faremos o que quisermos com você, porque lhe demos uma chance e, ao invés de agir corretamente, quis trapacear! Não precisamos fazer nada. Cavou seu próprio buraco! Você não é um lobo, menino! Você é Presa de Lobo! É um coioote trapaceiro que destruiu a própria família.

O menino começou a chorar, enquanto retomava sua perseguição.

— Corra, coioote, corra! Você tem até a meia-noite! Depois a sua carne apodrecida será minha!

O menino nem se importava com o que aconteceria, pois sabia que havia errado, e que precisava corrigir isso antes de seu fim.

Começou a chuveirar. O menino corria mais e mais, e lembrou-se do que os lobos falaram na primeira vez em que esteve no Covil: “Para sobreviver, torne-se um de nós, torne-se um lobo.”.

Conforme corria, também se lembrou de como viu o lobo negro correndo naquela noite depois ter pulado a janela e de quão rápido podia correr.

“Torne-se um lobo.” Eles disseram.

O vento soprou mais forte, e com ele veio uma voz firme, que sussurrou em seu ouvido: “Sinta a brisa, o cheiro e os sons da noite. Escute seus músculos, seus fortes músculos de lobo!”.

O menino começou a correr, posicionou as mãos no chão e começou a correr sobre quatro apoios. Sua velocidade aumentou, mas caiu pateticamente no chão.

Levantou-se e gritou para a noite: “Não sou um lobo, sou apenas um menino!”.

Havia mais alguém na mata naquela noite, alguém que ouviu seu chamado. O menino ouviu passos pesados indo em sua direção.

“Não, não! Outro lobo! Mas ainda tenho tempo!”

Temu que seu grito pudesse ter soado como uma desistência, e que o lobo negro estivesse voltando para interromper sua vida.

Começou a correr novamente.

O lobo atrás dele o perseguia incansavelmente.

Não mais uma simples corrida tentando impedir que o verdadeiro coiote fugisse com o dinheiro de sua família, senão uma corrida pela sobrevivência.

Felipe havia descido rapidamente do carro apenas para abrir o portão principal da propriedade. Uma chuva fina começava a cair.

Escolheu a estrada secundária. Seriam alguns poucos quilômetros nessa estrada de chão, e logo estaria na via principal. Daria o fora desse lugar esquecido por Deus e desfrutaria da pequena fortuna que seu novo golpe lhe rendera.

“Que garoto idiota! Nem mesmo perguntou meu nome inteiro. É um imbecil mesmo! Merece isso!”

Felipe abriu novamente a maleta, manejava os maços de dinheiro sorrindo histericamente como um coiote ao roubar uma carcaça.

O carro ameaçou deslizar por um minuto, soltou o dinheiro e fixou os dois braços ao volante.

Havia pouca visibilidade. Apertou os olhos, estava tenso, mas acelerou visando escapar logo dali.

Queria aproveitar o momento acompanhado de uma mulher e champanhe caro.

Fez mais uma curva, o carro deslizou outra vez.

“Calma.” Disse a si mesmo. “Serei cauteloso. Aquele imbecil nada pode fazer agora. Quando contar aos pais, se contar, eu já estarei bem longe!”

Cautelosamente reduziu a velocidade. Apertou os olhos, tentando decifrar a surpresa que a última curva lhe trouxera.

“Mas o que é isso...?”

Um vulto chocou-se bruscamente contra o carro fazendo Felipe perder o controle da direção, e capotar girando duas vezes no ar.

O carro enfim parou preso a uma árvore. Por ter reduzido a velocidade, a batida não foi mortal.

Demorou alguns segundos retomar a consciência.

“Mas que peste de animal selvagem!” Gritou enquanto tentava abrir a porta.

Abraçou a maleta, e a viu segura.

Tirou o cinto de segurança e, sem muita dificuldade, saiu do carro.

“Vou a pé até a via principal e tentarei carona com alguém. É o único jeito.”

Mal conseguiu concluir seu pensamento...

“Só pode ser brincadeira!”

O menino estava indo em sua direção aos gritos.

— Pareeeee!

Pouco antes do acidente, o menino corria a passos largos. Seu perseguidor o acompanhava, não podia ceder à vontade de parar senão morreria.

Arranhou-se algumas vezes ao passar apressado por cercas que dividiam a propriedade.

Viu ao longe a luz de um carro, e desejou que fosse o carro de Felipe, já que nenhum outro hóspede tinha carro.

“Por favor, alguém me ajude!” Implorou em silêncio.

Os passos que o seguiam foram por outra direção; foram em direção à estrada.

Quando chegou à beira da estrada, viu ao longe algo se chocar contra o carro, fazendo o motorista perder o controle, fazendo o carro capotar.

Observou a cena, e começou a caminhar lentamente. Estava exausto, seus passos iam se enfraquecendo.

Apressou o passo, ao avistar Felipe com a mala de dinheiro saindo do carro.

Tentou gritar mas a garganta estava seca.

— Pareee!

Um som baixo demais saiu de sua boca.

Tentou novamente.

— Pareeeee!!!

Por mais que tivesse gritado, não foi sua voz ouvida dessa vez, senão uma voz mais forte, mais ameaçadora.

Santiago parou em frente a Felipe.

— Devolva o dinheiro! Sua jovem voz já podia ser ouvida.

— Devolver? Está maluco? Respondeu Felipe, olhando para os lados, certificando-se de que o menino estava sozinho.

— Aliás... Continuou.

— A menos que você tenha uma arma. A única coisa entre mim e a riqueza é um menino estúpido. Pensando bem, é até melhor não deixar pontas soltas.

O olhar de Felipe mudou.

— Vou matar você.

Felipe, cuidadosamente pôs a maleta próxima a uma árvore.

— Venha, garoto! Mostre-me do que é capaz!

Santiago lançou-se, mas Felipe o interceptou com um soco no estômago. Um soco mais fraco do que estava acostumando a receber.

Ele e Felipe começaram a lutar, enquanto Felipe, já experiente no assunto, o socava; o menino, sem nunca antes na vida ter revidado, tentava agarrá-lo e empurrá-lo.

O coioite castigou o menino nessa noite.

Aquele cordial amigo e cúmplice agora desferia golpes banhados a ódio.

O menino apanhou, sua cabeça sangrava; caiu quatro vezes, levantou-se cinco.

— Por que não cai e fica no chão de uma vez, garoto?! Gritou o coioite.

Gritava enquanto novamente batia no menino. Este, já com a cara inchada, caiu outra vez, e demorou a se levantar. Reuniu todo o seu esforço, e ficou em pé, ou quase em pé. As pernas estavam bambas, curvadas, seu corpo estava projetado para a frente, procurando apoio para não desabar.

O menino era acostumado a apanhar, e jamais, antes do episódio da cachoeira, havia derramado uma lágrima, mesmo sofrendo agressões durante toda a sua vida.

Mas isso não era uma agressão.

O menino começou a chorar, não pela dor, mas por sua própria fraqueza, ganância, pela traição às pessoas que mais amava. Chorava por ter caído na trapaça do coioite.

— Vai se render?

- Jamais! Respondeu sua alma.
- Então não tem jeito! Felipe disse enquanto abria seu canivete.
- Está com medo, garoto? Vai morrer agora.
- Medo? Refletiu então o menino.
- Medo? Disse novamente.

Lágrimas de sangue escorriam em seu rosto. Mesmo diante de seu fim, o menino esboçou um riso insano.

Felipe iria terminar isso rapidamente, não queria perder mais tempo com aquela criança.

Mas nada nem ninguém poderia alertá-lo sobre o que estava por vir.

Em todos os seus anos como trapaceiro, levando aflição a pessoas honestas, o coiole devorador de inocência estava frente a um garoto que, mesmo prestes a morrer, sentava-se no chão.

Santiago precisou usar as mãos para cruzar as pernas.

“Eu acho que ele se rendeu de vez.” Pensou Felipe.

Mas circundou o menino cautelosamente.

— O que você está planejando? Apenas caia morto!

O menino novamente o olhou. O coiole havia devorado sua inocência e isso refletia claramente em seu novo olhar.

Subitamente, o menino fez o impensável.

O menino, prestes a morrer em sua frente, não implorou por misericórdia ou compaixão. Encheu os pulmões e soltou um forte uivo.

Foi um uivo prolongado, que desafiava a capacidade pulmonar de alguém dessa idade. Ecoou por todos os cantos, sendo ouvido em todas as partes. No festival, as pessoas ouviram-no e alarmaram-se, começando a andar em círculos e a caminhar apressadas.

Felipe, incrédulo, ficou olhando aquele “circo” acontecer em sua frente.

Após o uivo, o menino o olhava seriamente.

Felipe não pode conter-se, caiu numa gargalhada sem fim.

— Você é muito estúpido, menino! Ridículo! Acha que por se fazer de palhaço vai me distrair ou ganhar tempo?

Felipe recuperou-se do riso. Não era o momento de se distrair, estava se posicionando para desferir seu último golpe. Seu riso agora era substituído por um semblante sério, grotesco, pronto para ceifar uma vida. Era uma expressão que, se contasse, ninguém acreditaria que aquele mesmo hóspede sorridente poderia expressar.

— Prepare-se, garoto!

Antes que pudesse se mover, ouviu, ao longe, outro uivo.

Felipe parou por um momento.

“Não pode ser! Estou ouvindo coisas!”

Ficou imóvel a fim de captar qualquer som.

Novamente um uivo! Dessa vez mais próximo!

Viu uma sombra se aproximando por atrás do menino, que o fitava sem piscar.

Felipe olhava para a escuridão, tentando captar qualquer movimento. Estava imóvel, de olhar compenetrado, tentando desvelar o segredo que se escondia nas sombras.

Nessa hora, já aterrorizado, viu surgir um olho vermelho atrás do garoto, em seguida, dois, logo um focinho acompanhado de uma boca com dentes escuros. Um enorme lobo surgia detrás do garoto.

Rosnava ferozmente. Soprava um bafo quente na gélida noite, fazendo sair vapor de suas narinas. O lobo era velho e sangrava do lado direito.

O menino pôde sentir aquela presença, sem se mover. Nada sentiu, nenhum alívio. Havia oferecido sua vida aos lobos, e eles vieram-na coletar.

Felipe sentiu o coração disparar. Tudo em que acreditava até o momento havia perdido o sentido. Ali, em sua frente, um menino uivou, e um lobo selvagem apareceu em seu socorro.

Mal teve tempo para assimilar os fatos, e pôde ouvir fortes pisoteadas em marcha indo em sua direção.

— Ahhhh! Mas que maldição! O que é isso?!

Saiu em disparada, cruzou pelo menino como um raio. O medo que sentiu nesse momento mudaria para sempre sua vida. Correu até chocar-se contra o para-brisa de um carro na estrada principal.

O coioote perdeu a vida ao tentar atravessar incauto o Covil dos Lobos.

O menino estava sentado, com sangue escorrendo em seu rosto. Seu coração estava aliviado.

Tomara que sobre algo de mim para que eu possa levar a mala a meus pais, e salvar o hotel que tanto amamos e que tolamente confiei a um trapaceiro.

Sentiu um bafo quente em sua nuca; havia chegado a hora.

Não iria enfrentar seu fim da mesma forma como viveu toda a sua vida: cabisbaixo a tudo, não confrontando seus medos, não revidando! Dessa vez iria enfrentar seu amargo fim de frente.

Começou a virar-se vagarosamente. Seus olhos estavam entreabertos, reuniu coragem e os abriu subitamente.

— Avô!

O que viu não foi um lobo, mas, sim, seu avô coberto de sangue, ombro deslocado, braço quebrado, perna fraturada.

— O que aconteceu?

O avô caiu em seus braços.

— O que aconteceu, você pergunta? Indagou o velho com voz fraca.

— Alguém tinha de parar aquele carro. Eu me atirei em frente ao automóvel numa tentativa desesperada de tirá-lo da estrada.

— Mas os lobos, avô? Onde estão?

O avô começou a chorar, e com a mão tremendo a colocou sobre o peito do neto.

— Eles estão aqui, filho.

— Como assim? Eles não existem?

O avô continuou.

— Claro que existem. Eu bem sei. Os conheço há muito tempo, eu os chamei. Eu passei noites e noites uivando e chamando, implorando por sua ajuda.

Agora, vejo que eles atenderam meu chamado, mas não vieram por mim, vieram por você. Nunca fui capaz de tornar-me um lobo, não consegui vencer os desafios, mas por algum motivo eles me deixaram ir. Passei a vida toda pensando no que eu poderia fazer, no que poderia ter feito, mas nada fiz!

— Vencer os desafios? Perguntou o menino.

— Sim, você deve vencê-los para libertá-los.

O avô segurou a tosse na tentativa de conter um pequeno sopro de vida que ainda lhe restava.

— Pelo menos, minha morte tem algum significado. Eu vi o que você fez. Vi tudo. Não acredito que fez isso, que quis trapacear. Mesmo que tenha sobrevivido a isso, os lobos não o perdoarão.

— Encontre o livro! Encontre o livro! Disse o avô enquanto sua voz enfraquecia.

Os lobos, um a um, saíram das sombras.

O já conhecido lobo negro foi o primeiro.

— Sabe que horas são, garoto?

— Sei, sim.

— Hora de parar de sentir medo!

O lobo o olhou com cara de surpresa.

— Maldito seja! Vociferou o lobo com raiva.

— Você não é um lobo! Disse o menino.

— Você é o medo! O medo que faz as pessoas agirem como jamais agiriam, de fazer o que não devem fazer, de não sair do lugar. Sentem medo de um uivo na madrugada, medo de errar, de tentar, medo de morrer. Eu não tenho mais medo.

— Quer dizer que não tem mais medo de morrer, Presa de Lobo?

— Tenho, sim. Mas não tenho mais medo de viver. Viver é que é o grande desafio!

O lobo começou a rosnar de raiva.

Enquanto rosnava, uma névoa densa começou a formar-se ao redor do lobo do medo, e esta a envolveu, pouco a pouco tomando uma forma arredondada,

que logo diminuiu de tamanho, cercando a garganta do lobo. A névoa materializou-se numa corrente que rapidamente dissipou-se.

O menino venceu o medo.

O lobo ainda assim foi em sua direção com agressividade.

— Deixe-o! Ele o venceu. Disse o Alfa.

Nesse momento, o menino venceu o Algoz do Medo, que o amedrontava desde criança. Que se escondia em seu guarda-roupa, embaixo da cama, que o impedia de falar com Jéssica, ou de confrontar Maicon. Ele superou esse medo, que agora era seu prisioneiro.

— E quanto a meu avô, você pode ajudá-lo?

— Seu avô? Indagou o Alfa.

— Onde? Vejo apenas um irmão lobo perante nós. Você venceu seu último desafio, velho. Você levou uma vida egoísta, mas, ao fim, sacrificou o que mais temia perder: sua vida! Você agora é um de nós.

Dizendo isso, os lobos começaram a se afastar. Restando por último o Lobo Cinza que, antes de partir, disse:

— Estarei com você todos os dias, não me verá, mas serei a ruína de seu castelo. Seu desafio não é me vencer ou me aprisionar.

— Como assim? Eu já não venci o desafio?

— Venceu o medo, apenas isso.

— Não esqueça: somos sete ao todo! Apenas vencer o medo não o torna um lobo.

Disse isso e, em seguida, desapareceu na noite.

— Avô, o que foi isso? O que sabe sobre isso?

E o que viu em seus braços não foi um lobo feroz, tampouco um velho rabugento. Em seus braços havia apenas paz.

— Vô?! Fale comigo! Não, não! Dizia o menino enquanto lágrimas inundavam sua face, e a dor preenchia seu peito.

— Eu causei isso! Por favor, alguém me ajude!

O menino caiu em prantos. Não eram seus machucados que doíam, mas sua

alma.

O avô havia morrido como um fiel lobo. Pela primeira e única vez na vida havia se transformado em lobo não para proveito próprio, senão para ajudar o neto.

Seu semblante era de paz.

O menino desmaiou exausto.

Capítulo 4 - A Ruína do Lobo Cinza

Despertou bruscamente. O menino estava novamente numa cama de hospital. Estava tonto e custou a relembrar todos os fatos e a entender toda a situação em que se encontrava.

“Ah, sim... disse em pesar. Matei meu avô.”

Seus olhos se encheram de lágrimas. Sensação que logo foi substituída pelo medo, mas não o medo que o algoz o fazia sentir, era algo diferente, como uma aflição, como uma dor no peito.

“Serei preso?” Pensou por instantes.

“Se analisar o que fiz, por mais que tenha agido de boa-fé, roubei minha família, e meu avô morreu como um herói para salvar nosso dinheiro.

Deitou a cabeça no travesseiro.

“Seja lá o que me aguarda, minha vida está arruinada. Mesmo que eu não vá preso, meus pais não me perdoarão. Serei a pessoa em quem ninguém mais confiará. Serei apontado na rua como idiota, como ingênuo, como ladrão.”

A porta do quarto abriu. Uma enfermeira de semblante sério entrou, rapidamente passou os olhos pelo garoto.

— Vejo que acordou. Vou retirar o soro e chamar seus pais. Você não tem nenhuma fratura ou concussão. Estava em observação por precaução. Mas já está bem. O doutor deve liberá-lo até o fim do dia. Precisamos de um pouco de paz aqui no hospital. Toda essa gente aglomerada na porta esperando para lhe ver atrapalha nossa rotina. Nossos pacientes precisam de paz.

— Pessoas me esperando? Questionou o rapaz.

“Essa não!” Pensou.

— Quanto tempo eu fiquei desacordado?

— Você dormiu por três dias seguidos. Respondeu a enfermeira.

— Droga! Todos na cidade já devem saber o que fiz. Estão todos aqui para rir de mim e me criticar. Sinto que vieram me buscar para ser queimado na fogueira!

A enfermeira usou o telefone.

— Alô! Avise a mãe do garoto que ele está acordado. Seus pais estão a caminho. Disse isso enquanto abria as janelas.

— Você precisa de um pouco de luz. Disse.

E, em seguida, saiu pela porta.

O sol estava forte, prejudicando sua visão.

O quarto estava silencioso. Mas os já conhecidos tambores batiam em seu peito em aflição ao que viria em sequência.

Já imaginava vários cenários, e, em um deles, os pais entravam com a polícia para levá-lo.

Sua imaginação não era tão fértil para que pudesse adivinhar sua real situação.

A porta abriu, e os pais do rapaz foram rapidamente em sua direção.

O sol batia em seu rosto, não permitindo ver com clareza a emoção estampada no rosto de sua mãe.

Ela sentou na cama. O pai se aproximou, tampando o sol enquanto punha a mão no ombro de sua mãe.

Com a luz ofuscada, Santiago pôde ver com clareza. Ele conseguiu ver, não ódio, não raiva, mas ternura nos olhos dos pais, que disseram:

— Como está nosso pequeno “herói”?

Seu corpo não moveu um músculo. Seu olhar era de dúvida: se realmente sua audição havia sido afetada ou se estaria novamente vivenciando um sonho.

— Está confuso, querido?! Indagou a mãe.

— Deixe-o descansar. Nosso filho já passou por traumas suficientes. Disse o

pai indo em sua direção, ajustando seu travesseiro.

— Está confortável, filhão? Baita susto nos deu!

— A mãe me chamou de “herói”? Do que ela está falando?

O pai deu uma gargalhada olhando para a mãe do garoto.

— Você está confuso em razão da situação que passou, filho. Descanse, que as lembranças voltarão.

“Mas que lembranças?” Pensou o garoto.

Não havia reprimido nenhuma memória. Foi espancado, seu corpo estava em frangalhos. Ajudou o coiole a furtar seus pais, apanhou tentando recuperar o dinheiro, e nada pôde fazer senão oferecer-se em sacrifício aguardando a ajuda dos lobos, que não vieram; foi salvo pelo avô, esse sim era o “herói”.

Ao pensar nisso, o menino sentiu-se triste.

— E quanto ao vô Leopoldo, mãe! O que aconteceu com ele?

A mãe baixou os olhos em tristeza.

O pai substituiu sua feição por raiva.

— Aquele velho bêbado teve o que merecia.

— Não fale assim! Exclamou a mãe.

— Ele nunca foi bom pai, mas era meu pai.

O menino ainda não conseguia entender o que estava acontecendo, para qual realidade alternativa tinha despertado. De alguma forma, os pais o consideravam um herói.

Eis o que aconteceu na noite do festival e do furto.

Após o confronto com o coiole, o menino desabou desmaiado.

Logo após os acontecimentos houve um atropelamento que causou transtorno na via principal da cidade. Motoristas nervosos chamaram a polícia.

As pessoas que estavam no festival, ao ouvirem as sirenes — e acredite, numa cidade pacata sirenes de viaturas só podem significar tragédia. Pouco antes das sirenas, as pessoas no festival ouviram uivos naquela noite, próximos o suficiente para representar perigo. Começaram a ficar alarmadas, e todos decidiram ir embora ao mesmo tempo, causando pequeno

congestionamento na estrada principal.

Um dos mais apreensivos foi depressa para casa, pois havia deixado a esposa sozinha com os filhos.

A chuva fina dificultava a visão, sendo surpreendido por um homem que surgiu em frente a seu carro.

O acidente parou o trânsito, e as pessoas nervosas e amedrontadas aguardavam em seus veículos.

Curiosos e nervosos, alguns motoristas saíram de seus carros para ver o que havia sucedido. Pessoas aglomeravam-se para ver o acidente. A polícia cercou a área para fazer a perícia.

— Olha! Disse um dos espectadores recém-chegado.

— Tem um carro atravessado naquela estrada! Disse ao delegado que recém chegava.

O delegado, em seguida, pegou seu rádio enquanto avistava duas pessoas caídas em uma estrada de acesso.

“Solicito uma ambulância agora mesmo, há duas pessoas feridas aqui.”

Ao se aproximar, a conclusão do delegado seria a mesma que a de muitos. Ele faz parte daquela do tipo de pessoa que sempre avalia a situação apenas pelo que os olhos vêem no momento; do tipo que não se preocupa em esclarecer ou analisar os fatos.

Uma das vítimas caída era o velho bêbado da cidade do qual ninguém gostava.

A outra vítima era o filho dos proprietários do hotel, que não despertava nenhum interesse nas pessoas, mas todos sabiam quem era, principalmente por ser trabalhador e sempre “disposto” a ajudar, mesmo que essa disposição fosse oferecida por sua mãe.

O delegado tirou seu casaco, pois não chovia mais. Enrolou-o e o colocou embaixo da cabeça do menino.

— Garoto, você levou uma bela surra, hein?! O que que aconteceu?

Ele então olhou a seu redor tentando entender os fatos. Avistou uma mala caída na estrada, e a abriu revelando uma grande quantia de dinheiro.

— A ambulância está a caminho! Disse outro policial.

Verifique se os donos do hotel estão entre os curiosos.

— Está brincando? A cidade inteira está aqui.

— Então chame-os!

O policial assim o fez. Enquanto distanciava-se, o delegado observava minuciosamente a cena, e logo chegou a uma conclusão.

Alguns minutos se passaram, e os pais do menino chegaram.

— Meu Deus! Meu filho! O que aconteceu?! Perguntou a mãe apavorada.

— Aconteceu o seguinte, Senhora. Disse o delegado.

— Já estávamos de olho nesse forasteiro há algum tempo. Ele veio à cidade pedir dinheiro, tentou ser discreto, mas cidade pequena eventualmente todos acabam sabendo.

— Suponho que aquela mala de dinheiro seja de vocês.

O pai arregalou os olhos.

— Sim, fomos furtados!

— acredite, já estou nessa profissão há anos, tenho faro para detectar fatos. Felipe aproveitou o fato de todos estarem no festival e sequestrou seu filho para que este contasse onde vocês guardavam suas economias. Pelo estado físico em que se encontra, apanhou muito até ceder. Deus! Até mesmo eu revelaria se apanhasse dessa maneira. Vocês têm um herói zelando por vocês.

O avô estava de bruços, e o pai do menino não o reconheceu.

— E essa outra pessoa, quem é?

— Acho melhor sua esposa não ver.

— Por quê?

É o pai dela. Está morto.

— Mas como?

— Lugar errado, hora errada! Simples assim.

— Já o pegamos várias vezes bêbado perambulando pela estrada à noite. O azar dele acabou sendo a sorte de vocês. Sinto muito que ele tenha morrido, mas se não tivesse sido atropelado, Felipe teria conseguido fugir, e tanto seu dinheiro como seu filho estariam perdidos agora. Pelas marcas no chão, houve confronto aqui. E os hematomas nele confirmam que ele lutou até a

exaustão.

— Mais apanhou do que lutou. Concluiu outro policial.

— Depois de perder o controle do carro, Felipe deve ter se desesperado ao ver seu plano sendo frustrado, e que Santiago não o deixaria levar o dinheiro de vocês. O medo de ser pego o fez fugir, abrindo mão do dinheiro, que está a salvo graças a seu filho.

— A propósito, quem guarda tanto dinheiro em casa assim? Que isso sirva de lição!

— Com licença, deem espaço para ambulância, precisamos levar seu filho. Disse um terceiro policial chegando ao local.

Nesse momento, os paramédicos viraram o corpo no chão, revelando sua identidade.

A mãe do garoto deu um grito de desespero!

— É meu pai! E foi ao encontro do velho caído.

Abraçou-o fortemente, e chorou como nunca antes. Mesmo que a relação com ele não fosse das melhores, nutria esperança de um dia se aproximarem mais. Talvez este contasse porque havia ido embora uma vez e o que fez todos os anos em que esteve desaparecido.

— É meu pai. Disse após alguns minutos.

— Iremos levar o corpo para o necrotério.

Após o acidente, o menino foi encaminhado ao hospital onde permaneceu até acordar. O avô foi levado para o necrotério. O corpo foi liberado no mesmo dia.

Não houve cerimônia de despedida, apenas um enterro, que, em respeito, algumas poucas pessoas compareceram.

Os dias se passaram, e todos na cidade logo ficaram sabendo do acontecido: o menino que se arriscou para proteger o patrimônio da família — típico herói que todos admiram. As pessoas queriam vê-lo, saudá-lo, parabenizá-lo por sua índole e coragem.

Antes nunca notado, sempre rejeitado, agora respeitado por todos.

Um respeito construído em cima de uma ilusão.

Nesse meio tempo, entrevistas foram concedidas pelos pais, festas foram agendadas, homenagens combinadas. Em uma das entrevistas, os pais afirmaram que seu filho tornara-se um homem íntegro em virtude da educação que recebera, e que o fato de ajudar nos afazeres de casa o fez amadurecer e tornar-se um homem.

No dia em que o menino acordou, a cidade estava à porta do hospital para saudá-lo.

Jéssica, Maicon e os demais capangas também estavam lá. Não conseguiam acreditar que aquele menino medroso e covarde teria lutado contra um adulto.

O menino recebeu alta e já podia ir embora. Ainda estava bastante ferido, e os pais foram convencidos a evitar fortes emoções para o filho. Saíram pela porta dos fundos, e foram conduzidos para casa no carro do delegado.

Já em casa, havia um cerco de policiais garantindo que ninguém estivesse ali para incomodá-lo.

Chegando à porta, Santiago viu várias cestas de presentes, frutas, compotas de doces caseiros, bilhetes desejando sua recuperação, além de várias cartas de admiradoras secretas.

— Você está tão quieto, filho. Achei que ficaria feliz com toda essa bajulação.

Santiago não teve tempo para refletir, não sabia como agir. Por impulso, passou a interpretar.

— Estou feliz, claro, apenas um pouco surpreso. Ainda estou muito cansado. Posso ir deitar? Não quero comer nada, só ir para meu quarto.

— Claro. Respondeu-lhe a mãe carinhosamente. Como desejar!

— Quero apenas deitar e ficar sozinho.

Deitado, contemplando a solidão de seu quarto, procurou compreender todos os eventos.

A realidade não o tornou um pária, não era visto como um ladrão. As duas únicas pessoas que sabiam a verdade haviam morrido. Poderia, assim, toda essa tragédia ser convertida em benção.

Poderia finalmente ser reconhecido, ter amigos. As pessoas passaram a nutrir admiração por ele.

Sentiu-se triste por um momento. O verdadeiro herói já foi esquecido, não

teve glórias em sua despedida, nem admiração de ninguém. Não faria falta, e ninguém visitaria seu túmulo, não haveria flores em sua lápide.

O menino apropriou-se de uma glória.

Ninguém sabia da verdade, e ele poderia usar isso a seu favor, a ponto de mudar de vida! Era certo afirmar que ninguém sabia disso.

Algum tempo depois, seus ferimentos já estavam quase todos curados. Ainda se sentia tonto quando subia as escadas, mas, segundo os médicos, isso era normal.

Desceu para tomar café da manhã, a mesa já estava posta.

Ouviu os passos da mãe e sentiu o cheiro de café fresco no ar.

Porém, estranhou ao ver que no lugar da mãe quem lhe servia o café era uma menina por ele já conhecida.

— Jéssica? O que faz aqui?

A menina ficou vermelha, desviando o olhar.

Toda repulsa que sentia pelo garoto havia sumido e, no lugar desses sentimentos ruins, uma pequena admiração havia brotado, pelo fato de ele ter sobrevivido a uma queda da cachoeira, ficado perdido cinco dias na floresta e por apresentar um semblante do habitual; além de ter lutado com garra e coragem para proteger os bens da família.

Nenhuma de suas amigas tinha um namorado tão qualificado assim. Todas sentiriam inveja dela, se fosse ela a fisgar o “herói local”.

Na manhã seguinte em que o menino deixou o hospital, Jéssica educadamente bateu na porta do hotel oferecendo sua ajuda. A mãe prontamente aceitou.

Nesse momento, enquanto servia café a Santiago, a admiração que sentia foi substituída por vergonha, pois lembrou que tinha participado de uma brincadeira que levou ao desaparecimento dele.

Mas seu súbito interesse pelo menino era maior do que sua vergonha, pois queria ficar próxima da pessoa mais famosa da cidade.

— Vejo que já viu a novidade! Disse o pai, aproximando-se da mesa. Puxou uma cadeira, sentou-se e concluiu.

— Jéssica vai trabalhar aqui conosco. Vai fazer as suas tarefas. Não

queremos mais que trabalhe nesses afazeres.

— E o que farei? Questionou o menino surpreso.

— Você agora vai trabalhar comigo. Vai aprender a gerenciar nosso negócio. Você já é um homem, mesmo sendo tão novo, e o dia de me substituir à frente dos negócios está mais próximo.

— Ah! Vejo que já contou a novidade! Disse a mãe entrando com um cesto de pães fresquinhos. Serviu a xícara ao marido e, em seguida, deu-lhe um beijo afetuoso.

O menino não era tratado assim desde há muito.

— Então Santiago, ficou feliz com a notícia? Vai aprender a gerenciar o hotel, o que achas?

O menino não estava feliz, nada havia mudado, apenas seria um escravo mais “requintado”: novamente seus pais decidiram o que seria de sua vida.

Decidiram que ser gerente era o melhor para seu futuro e que deveria viver toda a sua vida fazendo a mesma coisa, morando no mesmo lugar, tudo isso porque seus pais acharam que era uma grande honra receber a gerência dos negócios da família. Não cogitaram perguntar ao menino o que ele gostaria de fazer da vida, pois isso não lhes importava.

Enquanto tomavam café, Jéssica não tirava os olhos de Santiago. Incrivelmente agora o via com bons olhos, mas não era admiração ao garoto quieto, dedicado a ajudar a família, senão ao “herói” que havia se tornado.

Os pais notaram o interesse de Jéssica no garoto. Olharam-se e riram um para o outro silenciosamente.

Santiago percebeu que os pais haviam até escolhido com quem ele deveria se relacionar, namorar e, quem sabe, até casar.

— Já terminei, posso ir?

— Sim, claro!

Saiu.

— Não vá muito longe! E cuidado com os repórteres, pois estão te procurando para uma entrevista.

O menino saiu batendo a porta.

Estava um dia bonito, os últimos dias de férias. Fez seu costumeiro trajeto. A

unidade em que Felipe vivia estava lacrada para investigações.

Ele então avistou a cabana onde o avô morava, que aparentava estar do mesmo jeito.

Começou a caminhar pelo campo, a esmo, não temia encontrar o Algoz do Medo, pois não tinha mais medo. Não temia encontrar nenhum lobo. Sentia que poderia vencer esses desafios.

“São sete desafios.” Disse-lhe o avô.

Santiago então recordou-se que o avô havia dito que encontrasse um livro.

O menino começou a subir o pequeno trecho que dava acesso à cabana do velho. Chegando lá, encontrou a porta apenas encostada.

O avô era um homem recluso e um tanto paranoico. Havia armários lotados de comida bem como outros mantimentos por todos os cantos, como se o avô estivesse se preparando para o apocalipse.

A casa era composta de três cômodos. A cozinha era pequena, e ficava ao lado da porta de entrada. Não havia sala, e no mesmo cômodo tinha uma cama, um pequeno guarda-roupa, uma velha espingarda pendurada na parede. Era mais uma cabana de caça do que propriamente uma casa. O banheiro ficava nos fundos, e havia um terceiro cômodo trancado a chave.

O menino não se interessou em abrir a porta trancada.

Fechou a porta de entrada e as cortinas da janela, e tratou de procurar algum livro relativo a lobos.

Procurou a tarde toda, mas nada encontrou.

“Quão difícil deve ser encontrar um livro aqui?” Pensou.

Por fim, encontrou a chave do cômodo que estava trancado, pendurada atrás da porta principal.

Abrindo a porta, deparou-se com pilhas de livros amontoados.

A cabana do avô antigamente era a biblioteca do hotel, e ali havia coletâneas de livros antigos e novos.

O menino continuava a ajudar o pai num trabalho chato e repetitivo, em que diariamente viam os mesmos números, faziam as mesmas contas, chegavam às mesmas conclusões.

A tristeza o consumia. Não conhecia nada do mundo, e estava preso num

mundo cinza, sem graça.

Após o trabalho, o garoto praticava longas caminhadas pela floresta. Começou como uma simples curiosidade: saber quando o lobo apareceria, vociferando prazos, ameaças. Mas nada aconteceu, nenhum uivo era ouvido mais.

Após as caminhadas, ia à cabana do avô, tentando procurar um livro do qual não sabia nem o nome, nem mesmo a aparência.

O tempo passou. Antes ele ia até o colégio para ver Jéssica, agora tinha que ficar se desviando das investidas da menina.

Certo dia, ao acordar, percebeu que ela o observava em seu quarto. Disse estar ali a fim de chamá-lo para o café.

“Até parece que preciso ser chamado. Desço para o café todos os dias na mesma hora.” Pensou Santiago.

Nesse dia em particular, o menino fez um pedido especial aos pais. Resolveu aproveitar dessa bondade e atenção momentâneas, e pediu para ir morar na antiga cabana do avô. Os pais ficaram felizes pelo pedido do filho, que cada dia mais tornava-se um adulto, portanto com necessidades de adulto. O pai secretamente havia ficado contente, pois usaria o quarto do menino para montar uma sala de jogos.

Jéssica era a única que não estava satisfeita com a situação, já que havia oferecido seus serviços para justamente ficar próxima ao garoto; agora mal o veria. Ele tinha perdido todo o interesse na menina. Em seu íntimo sabia que ela nutria falsa ilusão por ele.

Meses depois, e ele ainda não tinha pistas de qual livro o avô falava. E suas caminhadas agora eram de procura. Todas as noites penetrava a floresta à procura dos lobos, caminhava até cansar, mas nada encontrava, e retornava para casa frustrado.

Para completar sua frustração, seu aniversário de dezessete anos estava próximo. Evitou as pessoas durante suas férias inteiras, mas o novo ano letivo estava para começar. Os moradores da cidade já estavam mais calmos, e o menino herói já não era novidade. Embora quase ninguém o tivesse visto, aos poucos sua fama foi enfraquecendo.

Os pais, a fim de explorar ao máximo a popularidade do garoto e atrair hóspedes, resolveram organizar uma grande festa em sua homenagem.

O garoto não queria festa. Estava morando na cabana do avô, dormindo em sua cama, comendo sua comida, lendo seus livros, tudo isso começou a fazer crescer dentro dele um sentimento estranho e pesado, que jamais havia sentido antes.

Certo dia, vasculhando velha caixas, encontrou uma foto do avô ainda jovem, com a recém-nascida filha nos braços e a mulher ao lado. Na foto, um avô feliz, totalmente diferente do velho que conheceu.

“O que aconteceu com o Senhor? Como se tornou amargo e solitário? Os lobos fizeram isso com você? O algoz devorou seu coração, vô? Será que isso também irá acontecer comigo se eu não me tornar um lobo?”

O menino lamentou sua perda e de como jamais conheceria a história do avô. Ficou observando sua foto por alguns minutos até que uma lágrima surgiu. Aquele sentimento pesado tornou-se mais forte.

A manhã do grande dia chegara junto de novidades!

O menino escovava os dentes, quando ouviu a porta de sua cabana abrir. Já não se preocupava em mantê-la fechada ou aberta.

Saiu do banheiro rapidamente para conferir a situação. Estava sem camisa, e vestia apenas trajes íntimos.

Ao olhar a porta, pôde ver uma menina com uma bandeja de café da manhã. Estava ruborizada de vergonha. Mesmo assim ela não saiu de sua frente.

Santiago apressou-se em vestir sua bermuda favorita.

— É uma bonita bermuda. Disse Jéssica.

— Ué! Ela não é suja e encardida, como disse outro dia? Respondeu por impulso.

Jéssica baixou a cabeça e serviu-lhe o café.

— Feliz Aniversário, Santiago!

O menino ficou surpreso.

Sem que pudesse reagir, a menina foi rapidamente em sua direção.

— Eu tenho seu presente bem aqui comigo! Disse em tom sedutor enquanto mordida os lábios.

Santiago envergonhou-se. Saiu para o lado.

— Não precisa me dar nada não. Eu nem queria comemorar meu aniversário.

Jéssica não iria desistir.

— Após a festa, posso vir aqui novamente? Perguntou a menina.

Santiago, com a boca cheia de pão, quase engasgou, e não conseguiu responder.

Jéssica aproveitou a oportunidade.

— Então está combinado! Espere-me com a luz apagada! E saiu batendo a porta.

Santiago espiou pela janela a “doce” e alegre menina ir-se.

“Mais essa agora!” Pensou o garoto.

Passou o dia como de costume: leitura e caminhada. Não havia TV nem rádio na cabana do avô.

Empregava a maior parte de seu tempo lendo.

Na hora da festa, vieram com precisão quase todos os moradores da cidade. Era um evento em que por fim veriam como estava o garoto. Alguns apostavam que ele estaria todo desfigurado em consequência da surra que havia levado. Não faltavam boatos sobre isso.

Os moradores, em segredo, organizaram, com a prefeitura, cerimônia que seria realizada no mesmo dia e que lhe atribuiria título de Cidadão Honorário.

Antes de a festa começar, sua mãe foi à cabana. Levava consigo um terno, uma gravata e um par de sapatos.

— Vista isso, pois hoje é um dia especial. E saiu.

Santiago olhou para as vestes de sua “personagem”.

A festa havia começado, mas nem sinal da atração principal. Sem que percebessem, logo à frente deles estava um menino vestindo uma regata com estampas de uma empresa de transporte local, bermuda e chinelo.

A mãe o observava em desaprovação!

Todos queriam cumprimentá-lo. Todos queriam ouvir de sua boca o que havia acontecido. O menino procurou ser simpático. Para alguns, disse que suspeitou de Felipe e, por isso, havia voltado para casa, escondendo-se no

carro e, no meio da estrada, surpreendeu o vilão que perdera o controle.

Em partes entrou em sua “personagem”. Não podia negar que estava usufruindo daquela bajulação.

Viu, na multidão, Maicon e seus capangas, que agora implicavam com outro garoto.

Santiago sorria e cumprimentava a todos que passavam.

Ao passar pelo delegado, este o abordou.

— Você já pensou em ser policial, garoto? Posso te ajudar.

Estava de barriga cheia, pessoas lhe ofereciam comida o tempo todo.

Nesse momento, ao ir ao encontro do pai, vi-o conversando com o pai de Jéssica.

— Garanto que meu filho não puxou por ele. Ele tem meu caráter.

Santiago interessou-se pela conversa.

— Do que estão falando? Perguntou.

— Não é nada! Dizia o pai ao ser interrompido pelo pai de Jéssica.

— Olha, garoto, estou preocupado de você ser o novo namorado de minha filha, e não ter vindo conversar comigo.

Santiago ficou sem reação.

— Eu só preciso me certificar de que você não herdou nada “dele”.

— Dele? A dúvida de quem era foi maior do que a revelação de seu namoro, que disse nada sabia.

— Sim, dele. Do vagabundo do seu avô.

Santiago sentiu o pesado sentimento bater com força.

— Não passava de um vagabundo. Um bêbado que abandonou a família. Por que voltou? Para morrer atropelado na estrada como um cão de rua.

O pai do menino ria disfarçadamente.

— Admita, você não o tolerava.

— Sim, era um vagabundo. Tenho pena de minha mulher.

Santiago sentiu-se enfurecido por instantes: “Quem ele pensa ser para julgá-lo dessa maneira?” Pensou Santiago sobre a declaração do pai.

Havia perdido rios de dinheiro em jogos.

De repente, outras pessoas uniram-se à conversa. Mais e mais pessoas vieram para “contribuir” para opiniões sobre o avô de Santiago.

O sentimento pesado aumentava.

Santiago sentia-se tonto. De repente, aquele mar de elogios que presenciou tornou-se um falatório irritante.

Santiago tentou esquivar-se, fugir, mas logo alguém o abordava, cumprimentando-o.

As palavras que ouvia tornaram-se lentas. O pesado sentimento explodia dentro de si.

Quando conseguiu afastar-se da multidão, sentiu alguém pegar em sua mão. Era Jéssica que o puxava para o escuro.

— A menina tentou beijá-lo!

Santiago desviou. Não queria nada disso. O pesado sentimento o consumia, o devorava internamente.

— O que houve? Perguntou a menina.

Santiago retornou àquele inferno de pessoas. De repente, em meio à multidão, viu o fantasma do avô triste a observá-lo.

Em seguida, o lobo cinza cruzou sua frente. Isso foi suficiente para sair desse transe.

Ouviu novamente o pai caluniar seu avô.

Outra pessoa disse:

— Ainda bem que morreu!

— Calem a boca! Gritou o menino.

Subitamente, todos ficaram em silêncio. A banda da cidade, que tocava discretamente, parou de cantar.

— O que foi isso, Santiago? Disse o pai do garoto.

— Bando de hipócritas! Ninguém aqui sabe o que realmente aconteceu!

— Parem de chamar meu avô de mentiroso e de vagabundo!

Aproveitou o silêncio da banda, reuniu toda a sua coragem, subiu ao palco, apropriou-se bruscamente do microfone do cantor. Santiago despejou a

verdade para todos.

— Eu não sou herói! Não salvei ninguém! Eu lutei, mas na intenção de consertar um erro! Não lutei para proteger nada, senão por medo das consequências do que fiz!

O menino contou com todos os detalhes todo o plano dele e do coiole e de como persuadiu seus pais a irem ao festival, deixando a chave do “galinheiro” para o coiole, que se fartou em encher os bolsos com o dinheiro da família. E somente no festival ouviu a polícia relatando o histórico criminoso do golpista, que o fez correr para casa, mas chegando tarde demais. Contou que tentou cortar caminho pela floresta para interceptar o ladrão, mas não chegou a tempo.

— Mas o vagabundo a que você se refere, pai, chegou a tempo!

— Meu avô chegou!

— Ele atirou-se em frente ao carro sendo mortalmente ferido. Seu sacrifício fez com que Felipe parasse.

— E depois, mesmo ferido, meu avô, ainda assim, com sua ferocidade, conseguiu amedrontá-lo a ponto de ele fugir, e, a mim, só me restou apanhar! E o restante da história ficou pelo destino, que colocou um carro no caminho desse traioleiro.

— É errado chamá-lo de traioleiro. Sou eu o traioleiro: o coiole trapaceiro. As duas pessoas que conheciam a verdade morreram, e eu assumi uma honra que me pertence. O verdadeiro herói foi enterrado sem prestígio algum. Mas não consigo mais viver com esse sentimento pesado.

De repente, o menino deu-se conta, e, com leve sorriso no rosto, completou:

— Não consigo mais carregar essa culpa!

Finalizou a frase, e pôde ver a decepção no rosto de todos presentes! Teria sido linchado se um forte uivo não fosse ouvido por todos.

As pessoas ficaram amedrontadas, pois desde o festival ninguém os ouvia.

O delegado tentou acalmar a todos, atribuindo o uivo a um cachorro, mas a histeria já tinha sido instaurada. As pessoas começaram a deixar o local. Para sua sorte, isso evitou um possível linchamento.

Após a multidão se dispersar, os últimos a saírem foram seus pais, que o olharam com o pior dos olhares. O menino estava sozinho no palco. Sentou por um momento e fechou os olhos.

Sentiu uma brisa gelada, o que o levemente fez sorrir.

— Já estava na hora de você aparecer, Algoz da Culpa. Não é mesmo?

O lobo estava em sua frente, com a boca entreaberta, como que preparando uma mordida.

— Você já sabe meu nome, mas já sabe como me derrotar?

O menino respirou fundo.

— Eu não sei como derrotá-lo, e não devo derrotá-lo, mas aceitá-lo, e aprender a viver com a culpa.

— Entendo agora que um lobo sente culpa por abater uma presa inocente, mas isso é necessário para sobreviver. Ou o lobo caça e vive ou deixa a presa ir, e morre de fome. O lobo carrega o fardo pela vida que encerra, mas precisa sobreviver e aprender a carregar esse fardo. Todos os homens são responsáveis por suas ações, sejam elas boas ou ruins, sejam por sobrevivência ou ganância. Eu não devo fugir ou ignorar o resultado de minhas ações. Devo receber esse fardo e fortalecer-me para saber carregá-lo comigo para sempre. Assim aceitarei você, que em algumas situações virá à mente sem ser convidado, remoendo meu passado. Mas não tenho mais medo de sentir culpa. E agora todos sabem o que eu fiz, mesmo assim suportarei esse fardo. Você não me vencerá, Algoz da Culpa, nem hoje, nem nunca.

O lobo ferozmente avançou até o garoto, abrindo a boca e mordendo o ar próximo a seu rosto.

— Exato, garoto! Enquanto o som daquele lobo ecoava pela noite, os demais lobos foram surgindo a seu redor.

O Lobo da Culpa aproximou-se do Algoz do Medo, que sempre tinha uma cara ameaçadora.

— Então, acabou?

— Não tão rápido, garoto! Deve vencer a todos nós. Disse um dos lobos, num tom suave, enquanto se aproximava.

Um lobo de pelagem clara como gelo e manchas pretas se aproximou do menino. Esse lobo era cego de um olho, e tinha uma cicatriz em seu rosto,

resultado de alguma luta travada no passado.

— Eu sou o próximo menino. Falou com voz branda.

E sua missão não é derrotar-me ou aceitar-me, mas libertar-me.

Capítulo 5 - Aquele que Protege a si Mesmo

O menino acordou em sua cabana. Era o primeiro dia após sua confissão. Nem o café da manhã foi-lhe servido. Jéssica apenas fez a gentileza de deixar um pão mofado a sua porta.

A casa do avô era a antiga biblioteca do hotel. Embora tivesse amontoado todos os livros num único cômodo, a quantidade de livros era enorme.

Por sorte, seu avô tinha uma despensa cheia. O menino então passou os últimos dias de suas férias lendo os livros do avô. Em um dos livros viu uma pequena anotação: *O Índio e o Lobo*.

À medida que o tempo passava, o menino ia devorando os livros um a um. Eram obras sobre diversos temas: ficção, relatos, dicionários, almanaques esportivos, contos, romances etc.

Um dia ouviu uma batida em sua porta. Sua mãe ou alguém haviam deixado uma mochila com cadernos e livros ali. O novo ano escolar estava prestes a começar, e, embora seus pais estivessem de mal com ele, não lhe seria permitido viver sem confrontar a todos.

Era costume seus pais o levarem à escola no primeiro dia de aula, mas não era a mesma doce época em que vivia, por culpa do garoto. Agora tinha que levantar mais cedo, e ir caminhando até o colégio.

Atrasou-se para o primeiro dia. Havia balbúrdia na sala, do tipo que se espera entre amigos se cumprimentando. Meninas conversavam, relatando suas férias e viagens; a professora estava concentrada anotando a chamada, e permitiu tal interação por um momento.

Santiago abriu a porta e, ao se visto, todos imediatamente interromperam suas atividades e o olharam da cabeça aos pés. Olhares repulsivos! A professora o encarava, e logo disse:

— Tinha que ser você o atrasado! Viu o que já fez? Atrapalhou a aula. Trate de sentar logo e ficar em silêncio!

Havia uma única cadeira vazia, a segunda da terceira fileira. Logo ao sentar entendeu que seu ano não seria fácil.

Atrás dele estava o algoz de sua juventude, Maicon.

“Esse será um longo ano.” Pensou o garoto.

Sentou e abriu os livros. O barulho começou a diminuir, e a professora iniciou a chamada.

Enquanto ela estava com a cabeça baixa, uma bolinha de papel acertou a cabeça do menino.

Ele a juntou e olhou para trás. Ao fundo, no grupo de Jéssica, ria uma das meninas, que disse em silêncio:

— Abre.

O menino olhou a bolinha amassada! Num mundo perfeito, os colegas mandariam palavras de incentivo e perdão.

Abriu o papel e leu.

Santiago, escrevemos este poema para você:

Ladrão, ladrão
que rouba da própria família
Não merece perdão
Tão grande era sua aflição
De ter uma mente vazia
Roubar tornou-se sua profissão.
Matou seu próprio avô
Longe da luz do dia
Caindo em tentação
Esperamos que para sempre viva
Em completa solidão.

Ass.: alguém que muito te odeia.

Ao terminar a leitura, amassou o papel novamente, levantou-se e foi até o lixo jogá-lo fora.

— Na minha aula, os alunos devem pedir permissão para se levantar, ainda mais você! Gritou a professora.

— Desculpe, professora!

Baixou a cabeça e regressou a sua mesa. Virou para sentar, mas Maicon com os pés empurrou a cadeira para o lado.

O menino caiu.

Todos riram.

Levantou-se e, pela primeira vez, encarou Maicon.

Este, em resposta, disse:

— O que vai fazer, ladrãozinho?

O menino puxou a cadeira e sentou. Baixou a cabeça, e no caderno fez uma anotação.

“Sobreviva ao primeiro dia.”

A culpa é minha, e eu a suportarei.

Um forte vento soprou, abrindo a porta da sala.

— Santiago, levante-se e feche a porta, pois você foi o último a entrar.

O menino respirou fundo, levantou-se e foi em direção à porta, de olhos baixos, pegou-a para fechar. Ao erguer os olhos deparou-se com um lobo parado em sua frente.

O menino arregalou os olhos sem entender.

— Por que você não me liberta, Santiago? Estou dentro de uma prisão de vidro, a qual Maicon está arranhando. Quebre essa frágil parede e me liberte.

Santiago virou-se para a professora, e disse:

— Preciso ir ao banheiro, e fechou a porta com força!

A professora ficou de boquiaberta com tamanha petulância.

Na lista de chamada, anotou: castigo após a aula.

— O que você está fazendo aqui? O que vai fazer se for visto? Você tem a chave de minha prisão, Santiago. É meu carcereiro, portanto somente você pode me ver. Eu o acompanharei aonde for de agora em diante. Você precisa me libertar.

O menino, mesmo sem entender, disse ao lobo:

— As pessoas podem não te ver, mas elas podem me ver. Agora, só falaremos quando estivermos a sós, entendeu?

O lobo virou a cabeça em desaprovação emitindo um pequeno som.

— Tsc.

Relutantemente concordou.

Santiago abriu a porta da sala, novamente foi para sua cadeira e sentou.

A aula enfim teve início.

Pelo menos durante a aula ninguém poderia atormentá-lo. Era a hora do intervalo que o preocupava.

O sinal tocou, e todos se dirigiram para a porta. Maicon aproveitou a situação e deu um peteleco na orelha de Santiago, que permanecia sentado.

O menino nada fez, apenas permaneceu sentado.

“Não vou sair para o intervalo, acho que devo permanecer na sala.” Pensou.

Todos já haviam se retirado, restando apenas a professora e Santiago na sala. Jéssica ainda estava à porta.

— Professora?

— Sim, querida?

— A Senhora vai ficar na sala o tempo inteiro?

— Sim, por quê?

— Pode ficar de olho nas minhas coisas? Sabe, né! Hoje em dia aceitam qualquer delinquente nas escolas.

A professora respondeu:

— Claro, pode ir. Pode deixar que eu o vigiarei.

A menina esboçou um risinho e saiu.

Santiago suportava.

O lobo estava à porta.

— Ei, Santiago, quer que eu tire um pedaço dela para você?

Santiago riu em silêncio, pelo menos não estava sozinho.

A aula terminou. Após todos se retirarem, o menino permaneceu tempo a mais de castigo, e depois levantou-se e foi embora.

Era uma longa caminhada até sua casa. Seu estômago roncava e sentia náuseas devido ao grande tempo em jejum. Para o dia seguinte, levaria uma marmita pronta. E, ao levantar-se para sair, como ficou a mais no colégio, não havia ninguém mais lá, e poderia ir em paz para casa.

O menino e o lobo caminharam em silêncio lado a lado.

Santiago irrompeu:

— Quanto tempo você vai ficar comigo?

— Até você me libertar.

— E se demorar?

— Eu tenho todo o tempo do mundo, menino, mas você não.

— E como posso chamá-lo?

— Chame-me apenas de Terceiro.

E seguiram em silêncio até sua casa.

Já em casa, somente os livros o aguardavam. A convivência era um pouco incômoda, pois aquele lobo ocupava metade da sala. Passava a maior parte do tempo dormindo, enquanto o menino gastava seu tempo lendo.

O menino sentia-se bem, não estava sozinho. Sentia-se de alguma forma protegido.

Os dias seguiram-se iguais. O lobo pouco conversava. Hora ou outra irrompia com a pergunta:

— Pronto para me libertar?

Salvo isso, não falava mais nada, mas seguia o menino aonde fosse.

Uma tarde após a escola, enquanto caminhavam para casa, o lobo resolveu quebrar seu silêncio.

— Sua vida é entediante e solitária. Ler todos esses livros vai melhorá-la?

— Em partes, acredito que sim. Se o lobo soubesse ler, entenderia.

— Na natureza, só precisamos entender a força. Um lobo deve ser forte para caçar e proteger a alcateia.

— E como você ficou forte?

— Nós lutamos pela sobrevivência, corremos atrás de nossa presa, assim fortalecemos nosso corpo. Se o lobo parar, ficar somente dentro de um quarto lendo livros, ficará fraco, perderá a liderança e o respeito dos outros lobos.

— Mas o lobo será sábio? Indagou o menino.

— E do que vale a sabedoria se o lobo morrer de fome?

O menino não se dava por satisfeito na conversa, o lobo, tampouco.

— Façamos o seguinte, Terceiro: eu te ensino a ler, você me ensina a correr e a caçar. Assim você verá o mundo como eu vejo e vice-versa.

— Interessante! O lobo não tinha mais o que fazer mesmo, e ficar acompanhando a monótona vida daquele garoto era um tédio.

— Mas eu já sei ler! Aprendi há muito tempo com um velho e tolo índio.

O menino ficou interessado em saber um pouco mais sobre os lobos. Nunca antes havia se perguntado a respeito e, por vezes, achava que estava apenas imaginando coisas. Aqueles lobos hora pareciam fantasmas, hora pareciam seres de carne e osso. Ele ainda não sabia o mistério por trás da aparição desses lobos.

Mas não foi loucura que apareceu perante o coiole salvando-o. Não foi a loucura que fez um velho conseguir alcançar um carro e interceptá-lo. O menino acreditava e respeitava os lobos, quer fossem de carne e osso quer fossem seres espirituais.

— Então você lê comigo, e eu corro com você! Combinado?

Os dias se passaram, e a vida no colégio não se tornou mais fácil. Santiago era metódico, ia ao colégio, fazia ele próprio sua comida, aguardava alguns minutos após o término e ia embora. Em casa, lia e ensinava o lobo; trocavam poucas palavras. O lobo não via a sabedoria com os mesmos olhos que o menino, mas, se disse que iria ler, ele iria ler.

Ao entardecer, os dois corriam por campos, estradas, cada vez conseguiam ir

mais longe.

— Você vai me ensinar a lutar como um lobo?

— Lutar como um lobo, menino? Você é idiota? Você tem que lutar como um homem.

Após algum tempo, o menino evoluiu sua mente e fortaleceu seu corpo. O lobo começou a ler sobre os feitos dos homens e cada vez menos os entendia: como podiam plantar e, em seguida, destruir; como podiam ter tantos homens empenhados em salvar vidas, e outros empenhados em fazer guerra.

“A humanidade não mudou nada.” Pensou em segredo.

“É por isso que você falhou, não é índio?” Pensou o lobo recordando um passado distante.

“É por isso que homens podem tornar-se lobos, mas lobos não podem tornar-se homens.”

O menino havia lido muito na noite anterior e esqueceu de fazer seu lanche, saiu atrasado e em jejum.

Na hora do intervalo, sentiu-se tonto, seu corpo precisava de combustível. Pela primeira vez em meses, precisou sair para o intervalo em busca de merenda.

Foi um choque que, ao sair, ninguém mais o reparava. Já não era novidade o que havia ocorrido e, aos poucos, as pessoas pararam de se importar com isso.

As meninas já comentavam sobre outras meninas. A nova fofoca era sobre uma colega que recentemente havia perdido a virgindade. Este era o assunto do momento.

O menino incauto relaxou e passou a frequentar todos os recreios, com o lobo sempre a seu lado. Às vezes arriscavam um diálogo, mesmo próximo dos demais, pois o lobo era invisível, e o menino muitas vezes também era.

Alguém ainda o percebia tramando em segredo.

Os jogos de inverno iriam começar, e o menino foi escalado para ajudar na organização do time de futebol. Não se candidatou, mas a professora ainda nutria certo desgosto pelo garoto, e o obrigou a cumprir essa tarefa.

Ele, em partes, até que aceitou de bom grato a tarefa. As pessoas já haviam parcialmente esquecido o que tinha acontecido, e sua vida escolar estava mais

fácil de administrar.

Um dia antes da primeira partida, o garoto levou seu lanche, e pôde permanecer na sala durante o intervalo, escrevendo a listagem dos equipamentos que a direção precisaria comprar para o time.

O sinal bateu, e todos os alunos voltaram para a sala. A aula reiniciou. Era um assunto chato, sobre Matemática. “Quando vou usar esse tal de “Bhaskara?” Pensou o garoto.

A aula foi interrompida pelos gritos histéricos de Lucia, uma das meninas que sentava ao fundo.

— Sumiu, Sumiu! Meu celular sumiu! Deixei dentro de minha bolsa, e não está mais! Alguém o pegou!

Todos os alunos que estavam olhando para Lucia, como que em sincronia, voltaram-se para Santiago. O garoto se assustou, imóvel; o silêncio foi quebrado por alguém exclamando:

— Foi ele, foi sim! Uma vez ladrão, sempre ladrão!

E de repente todos começaram a falar simultaneamente. O menino sentiu-se atordoado com tantas vozes ao mesmo tempo, levou as mãos à cabeça, como que em proteção, e a baixou sobre a mesa.

— Foi ele!

— Eu sempre desconfiei que fosse fazer de novo!

— Eu o vi pegando!

— Ele também já me roubou!

Inúmeras eram as frases que ele ouvia. O menino começou a chorar, ergueu a cabeça para gritar, mas só o que disse foi:

— Eu não fiz nada! Eu não fiz nada! Falou novamente de maneira baixa, e procurou algum rosto acolhedor, mas só pôde ver raiva em seus rostos.

A porta se abriu com uma brisa, uma névoa entrou pelas janelas abertas do corredor, logo a névoa adentrara a sala, e o lobo deslizava-se entrando e falando.

— É agora, moleque: liberte-me!

O menino não entendia o que aquilo significava, somente chorava, até que a professora resolveu intervir.

— Sentados! Calma! Ninguém tem provas de que foi ele.

“Embora eu discorde.” Pensou.

— Lucia, você tem certeza de que deixou seu celular na sala? Você não o deixou em algum lugar lá fora? Onde esteve?

— Fui ao banheiro na biblioteca, e só!

— Jéssica, por favor, vá com ela até o banheiro e verifiquem se não está lá caído.

As meninas saíram e levaram uma vida para retornar. Regressaram de mãos vazias.

— Não encontramos nada!

A professora não sabia que fazer.

— Jéssica, por favor, pode chamar o diretor para mim?

Maicon ergueu a mão.

— Sim, Maicon.

O garoto se levantou.

— Professora, a Senhora não acha que seria muito mais verificar a mochila dele. Se ele pegou, com certeza escondeu na mochila.

Santiago sentiu-se aliviado.

— Isso, professora, pode me revistar. Juro que não peguei nada.

— Tudo bem, então! Disse a professora enquanto saía de trás de sua mesa.

Santiago, aliviado, olhou para Maicon na intenção de agradecer.

O menino retribuiu com um sorriso maldoso.

— Essa não! Caí numa armadilha.

Não foi preciso revistar o menino, pois, ao abrir sua mochila, pôde-se ver o celular rosa de Lucia.

Santiago não disse nada, apenas olhava para Maicon que ria sem parar.

A professora foi em sua proteção. Temia que fizessem algo com ele, já que era responsável pelo bem-estar dos alunos. Agiu de modo rápido, e com as mãos nas costas de Santiago “gentilmente” o direcionou à porta, e então saíram.

— Alguém junte as coisas dele e traga até mim. Vou encaminhá-lo à direção. Quando a vida estava começando a ficar normal, o menino sofre um amargo golpe. Na coordenadoria estavam alguns professores, diretor, além de alguns pais que foram chamados, entre os quais os pais do menino.

O menino aguardava do lado de fora da sala.

Podia ouvir a mãe chorando, e o pai com a voz tão fraca dizendo:

— Não sabemos o que houve com ele, sempre tentamos educá-lo corretamente. De alguma forma, ele se perdeu.

Os demais pais gritavam, esbravejavam, pois não queriam seus filhos junto com um delinquente. Exigiam sua expulsão imediata.

— Gente, gente! Eu não farei com esse garoto o que a maioria das pessoas faz com os indesejados, com os excluídos: os excluem ainda mais. Nós estamos aqui na função de educar, de ajudá-los a trilhar o caminho correto, e não de forma seletiva, mas de igual para igual. Não farei o que todos fazem, não serei seletivo, vou atribuir-lhe apenas uma suspensão de três dias. E, ao voltar, daremos mais atividades, o manteremos sob nossos olhares. Todos tem salvação! Disse um professor.

Alguns pais saíram nervosos da sala, gritando histericamente:

— Eu vou recomendar sua demissão ao Conselho! Gritaram ao diretor.

Santiago aguardava a saída dos pais. Demoraram mais alguns minutos e, ao saírem, passaram reto por ele.

Sentiu-se triste, nem ao menos perguntaram se ele realmente tinha feito isso.

O diretor pôs a mão em seu ombro:

— Vá para casa, menino.

Lentamente se levantou. O menino e seu lobo partiram.

Estava em silêncio. Enquanto caminhava sentiu-se totalmente excluído, em completa solidão.

— Parece que seremos só nós dois por um longo tempo ainda, Terceiro.

— Eu não acredito que você não me libertou, não acredito que jogou fora a chance que lhe criei.

— O que quer dizer com “a chance que você criou”?

— Hora essa! Fui eu quem colocou o celular dela em sua mochila! Disse, sem remorso algum.

— Por que fez isso?

— Porque seu tempo está acabando. O Algoz do Medo está se fortalecendo novamente. Disse o lobo, que começou a correr e logo sumiu.

Santiago foi para casa: não queria nem comer, somente deitar.

Tentou entender o que havia acontecido.

Acalmou-se. Em seu interior não temia o que estava por vir, como o tratariam, pois estava com a consciência limpa, tinha convicção de seus atos e, em posse disso, a opinião alheia não lhe importaria.

O menino aprendeu a viver em solidão.

Sua situação doía, era como uma ferida invisível, mas que ardia arrancando-lhe lágrimas.

Chegou a um ponto em que, ou se entregava ao algoz ou teria que viver a vida que tinha, do jeito que era. Mas, para isso, o que os outros pensavam sobre ele não poderia mais ter importância.

E não tiveram.

Foram três dias em solidão, sozinho em casa. Praticava sua corrida, pois seu corpo pedia por isso, e não era um pequeno contratempo que impediria seu fortalecimento.

O dia de retornar à aula chegou. Mesmo com o novo episódio do roubo, não foi dispensado de seus deveres. Os jogos começariam em poucos dias. Criou um filtro mental para as brincadeiras e gozações: não escutava, não se importava.

Também não mais passava seus intervalos trancado na sala. Embora ninguém mais deixasse suas mochilas lá dentro, o menino simplesmente não iria continuar vivendo excluindo-se do mundo.

O lobo havia sumido.

Santiago também não o procuraria, ainda não havia descoberto sua identidade e como deveria “libertá-lo”.

Certa noite, na cabana, o menino encontrou uma tábua solta no chão, dinheiro que o avô havia economizado, e um antigo livro, intitulado A Lenda do

Cherokee e o Lobo. Esse nome não era novidade, pois já havia lido em algum lugar. Ao abrir o livro encontrou uma pequena folha presa na contracapa que dizia:

“Use esse dinheiro. Ele é um presente meu para você. Você só entenderá este livro após aplicar o ensinamento do Quarto.”

O garoto fechou o livro, e reconheceu a caligrafia do avô.

“Sim, Senhor.” Respondeu prontamente.

De alguma forma, o avô previu o que aconteceria. Ou tudo isso era mais uma influência espiritual dos lobos?

O menino ainda não tinha essas respostas.

O dia dos jogos chegara, e o menino trabalhava na organização dos equipamentos. Maicon era o capitão do time de sua turma, e o atormentava sempre que podia.

Seu time foi derrotado logo na segunda partida. Ele já sentia que, de alguma modo, encontrariam um jeito de culpá-lo.

— Meu cadarço estava muito gasto. Minha chuteira está com as travas soltas. E a culpa é sua, toda sua, ladrão estúpido! Gritava Maicon no vestiário.

— Calma, Maicon! Calma! Exclamava o professor coordenador do time.

— A culpa é dele! Era função dele checar os equipamentos de todos.

A chuteira de Maicon era nova. Além do que ninguém deixou Santiago verificar os acessórios individuais dos membros do time.

De repente, um professor entrou no vestiário solicitando ajuda.

— Venham comigo! Precisamos levar um aluno para o hospital. Ele bateu a cabeça durante uma disputa aérea e está em convulsão.

— Meu Deus!

— Santiago, você fica encarregado de fechar o vestiário. Disse o professor ao sair.

Saiu pela porta e deixou este jovem lobo à mercê dos chacais.

Santiago tentou seguir o professor, mas foi parado por um soco no estômago que o atingiu em cheio.

— Você vigia a porta, não deixe ninguém entrar. Disse Maicon.

O colega correu para a porta, e antes que conseguisse fechar, uma sombra passou rapidamente entrando no recinto, que ia furtivamente por trás de Maicon.

O menino segurava a barriga, tossia, trazia à tona o que havia em seu estômago.

Ergueu os olhos e olhou para Maicon.

— Segurem esse ladrão, vou cravar minha chuteira na cara dele!

O lobo saiu das sombras.

— É agora garoto, liberte-me!

Santiago fechou os olhos e sentiu uma explosão dentro do peito.

— Sim Terceiro, é agora! Venha! Disse ao decifrar o lobo.

O lobo correu ao redor dos garotos e, pouco a pouco, foi perdendo sua forma corpórea e transformando-se em uma fumaça escura, que entrou pelo nariz do menino, pelas orelhas e pela boca.

Agora o menino respirava ofegante e, de repente, levantou-se soltando um grito, um grito de raiva, um grito de fúria!

O semblante do garoto mudou na hora. Dos quatro que foram em sua direção, dois pararam na metade do caminho, pois suas pernas tremiam e em seu interior seus instintos os fizeram parar; sentiram em sua alma que havia perigo à frente.

O menino desviou do primeiro que o tentou agarrar. Este chocou-se violentamente contra a parede; o próximo tentou socá-lo, mas também desviou, segurando o agressor pelo braço puxando e empurrando-o com força contra a parede.

O agressor chocou-se e, antes mesmo de cair, o menino já o havia alcançado numa velocidade surreal.

Santiago segurou com as mãos o topo da cabeça e o ombro do agressor, puxou-os com força deixando o pescoço exposto. Abriu a boca preparando uma mordida, quando ouviu uma voz.

— Não! Lute como um homem!

O menino fechou a boca e apenas o empurrou para longe.

Seu olhar agora se virava em direção a Maicon, que subitamente havia perdido seu ímpeto e sua coragem, vendo aquele garoto de quem sempre judiava, revidando, e derrotando sem esforços dois dos mais fortes do seu time.

O menino agora caminhava em sua direção. Maicon via a fúria emanar de seus olhos.

— Não, Santiago! Era só uma brincadeira! Falou ao menino, procurando uma rota de fuga.

Foi salvo assim que a porta abriu pelo professor que havia voltado para buscar sua carteira.

— Mas o que está acontecendo aqui? Indagou ao ver dois alunos imóveis: um segurando o nariz ensanguentado; outro, caído no chão. E a sua frente, Maicon, com uma cara de pavor.

— O que houve, Maicon?

— Professor, é que...

— Não houve nada aqui, professor! Interferiu Santiago.

— É isso que ia dizer, Maicon?

— Não houve nada, professor. Disse Santiago, enquanto caminhava em direção à porta. Sua postura havia mudado, sempre andava encurvado, mas agora estava ereto e seu olhar era sério.

— Acho que o Senhor poderia levar Maicon e esse outro ao hospital. Acho que não estão bem. Veja, Maicon molhou as calças, e esse caiu e bateu o nariz.

— Não é, pessoal?!

— Sim, sim. Responderam todos em coro.

Todos saíram do vestiário.

Santiago respirou fundo.

— Entendo. Todo lobo deve ter um pouco de fúria em si, não é?

— Exato!

— Um lobo que não protege a si mesmo não é capaz de proteger a ninguém.

- Exatamente, menino. Sussurrou uma voz em sua mente.
- Se você for somente pacífico e indefeso, o chacal o engolirá vivo. Eu farei parte de você para sempre. Disse o lobo surgindo novamente em sua frente.
- Uma parte de minha alma agora mora em você.

Capítulo 6 - A Vingança do Algoz do Medo

O rapaz retornava para casa, sentia em si grande mudança. Pela primeira vez na vida havia imposto sua vontade, quando se levantou e disse: “Basta! Não mais serei atormentado, não mais serei a presa indefesa.”.

O menino havia conquistado algo perigoso, algo tentador, algo poderoso demais para lhe pertencer. Aquele lobo jamais poderia ser o protagonista de sua vida. A fúria desenfreada é a causa das maiores atrocidades já cometidas pelos homens. Santiago tem o poder de proteger a si mesmo, e sua fúria deve ser usada apenas para isso.

Essa qualidade serve para proteção, mas deve sempre ser tratada com o maior cuidado possível. A fúria é como uma bomba prestes a explodir: ao manuseá-la, aja com extrema cautela, ou a destruirá em pedaços.

São negras as histórias dos homens que sucumbiram à própria fúria. Homens sempre tão influenciados por suas emoções que, por não saber contê-las, travaram guerras e interromperam vidas inocentes.

O menino, que tinha em si a dose certa de fúria, suficiente para proteger a si e aos que o cercam, jamais transformaria sua fúria em violência desenfreada.

Um pouco de fúria é sempre necessário. Fúria não é sinônimo de violência. Nesse momento lembrou-se do avô que fez o coite fugir apenas com o olhar.

Santiago sentia seu interior acalmar-se aos poucos. Percorreu o mesmo caminho até a escola, mas tudo estava diferente, tudo havia mudado por causa daquele lobo que o acompanhava. Era grande sua coragem, sua força de vontade em transformar-se ainda mais em lobo.

O menino, por primeira vez, sentia confiança em si e de que seria capaz de realizar qualquer coisa.

A caminhada começou silenciosa, mas logo o lobo irrompeu a falar.

— Menino, eu irei te levar ao Covil dos Lobos, onde conhecerá seu novo adversário.

O menino não sentiu medo dessa vez, sentiu grande curiosidade. Quão grande iria ser seu novo desafio? Quanto isso iria impactar sua vida? Quão longe ainda estaria ele de tornar-se um lobo?

O lobo decidiu que já era hora de o menino conhecer o caminho para o Covil.

“Posso ver a nova forma de sua alma. Ele está pronto.” Pensou o lobo.

A Fúria decidiu testar as forças físicas do menino.

— Acompanhe-me! Gritou.

Seus músculos explodiram e o fizeram correr extremamente rápido.

O menino instintivamente disparou atrás. Quanto mais rápido o lobo corria, mais o menino o acompanhava.

Por mais que seus esforços de tentar deixar Santiago para trás fossem grandes, o menino ainda assim o acompanhava.

“Sinto que posso ir até a Lua e, se olhar para trás, esse garoto estará em meu encalço.” Pensou o lobo.

Pouco antes de chegarem ao Covil, o menino pôde contemplar a mesma paisagem que viu há tanto tempo: por um momento viu a si próprio fugindo amedrontado para a colina.

Santiago não se dirigiu diretamente ao Covil. Estava sedento, e decidiu ir até o riacho beber um pouco de água, deitou-se na beirada, onde a água estava parada e pôde ver sua imagem refletida, encheu as mãos com o líquido e, por uma pequena fração de segundos, viu um lobo cinza de olhos azuis refletindo nas águas. A visão durou poucos segundos — agora via sua própria imagem refletida.

“Não tenho mais os olhos mortos. Consigo ver, há força em meu olhar.” Pensou Santiago.

O lobo chegou primeiro ao Covil. Ao olhar para trás, e não mais ver o menino, riu discretamente, pensando em algum momento ter despistado o

garoto.

Para sua surpresa, por pequena diferença, Santiago também havia chegado ao Covil.

Eles já estavam sendo aguardados por seis lobos.

O Terceiro olhou amigavelmente para o garoto, seu pensamento não era mais de competição. Agora seu semblante mostrava apenas tristeza.

— Adeus, garoto! Disse o lobo enquanto saía de perto dele, juntando-se ao restante da alcateia.

— Você não disse que estaria sempre comigo? Indagou Santiago surpreso.

— Sim, sempre estarei. Eu faço parte de você, mas meu lugar é aqui neste Covil.

O menino sentiu-se triste por um momento. Era como se tivesse perdido um amigo, o primeiro amigo que teve, pois já estavam juntos por muito tempo.

O menino e o Terceiro não teriam tempo para despedidas. Foram interrompidos por outro lobo.

— Não se preocupe, menino. Disse um lobo marrom, indo em sua direção. Tinha olhos pálidos, brancos como neve. Totalmente desprovidos de visão.

O lobo, ao se aproximar, disse:

— Você veio a nosso Covil para tornar-se forte ou para fazer amigos? Fique atento, seus desafios ainda não acabaram! Eu sou cego desde nascença. Eu vivo na noite eterna. Só conheço a escuridão, e você deve me trazer luz. Sou aquele que sussurra sempre a seu ouvido, quando você é atormentado; sou aquele que fez seu coração bater forte e suas pernas correrem rápido quando teve de enfrentar o coio; sou aquele que lembrou que seu avô foi o herói, e você, um trapaceiro; sou aquele que fez você dizer a verdade sobre isso na frente de todos; sou aquele que tem a hora certa para acontecer. Aquele que deve ser trazido à tona não importando a ocasião. Você precisa saber a hora de me chamar. Não enxergo, mas vejo tudo. Posso ver que está confiante. Posso ver, mesmo que pequena, a força de sua alma. Mas ainda somos sete lobos, e eu sou apenas o Quarto desafio.

— Cuidado com essa sua confiança: ou “ela” e você podem parar na barriga do Algoz.

— Vamos logo. Completou o quarto lobo.

O Quarto saiu do Covil. E, antes de o menino segui-lo, contemplou os seis lobos que haviam permanecido no Covil.

Havia o Lobo Negro, sempre com um olhar ameaçador. Este representava o medo, e foi seu primeiro desafio. Também ficou no Covil o Lobo Cinza Escuro, quase preto, que representava a amarga culpa, seu segundo desafio. O Lobo Cinza Claro com a cicatriz, que representava a fúria, seu terceiro desafio.

O Lobo Branco de Olhos Azuis, que todos chamavam de Alfa, ainda não havia revelado qual seria seu desafio.

Esses eram os lobos que o menino já conheceria, bem como o Lobo Marrom e o Lobo Cego, que agora também o acompanhavam. Além destes, havia um lobo idêntico ao Lobo Marrom, mas com olhos pretos. E também o sétimo lobo, que era branco, com uma enorme mancha negra que atravessava suas costas.

O menino então saiu, caminhando com o Quarto. Levou alguns instantes para perceber que era um tanto desagradável.

Santiago logo começou a correr de volta para casa. Ao olhar para trás, viu que o lobo apenas caminhava. Ele então parou.

— O que foi? Não consegue me acompanhar?

O lobo nada respondeu, apenas continuou caminhando.

A primeira impressão que Santiago teve, que logo iria se comprovar, foi que o Quarto não passava de um lobo fraco, e o menino precisou conter-se na volta para casa. Sempre que corria com vontade, o lobo era deixado para trás.

Demorou quase a noite toda para voltar. Restava pouco da madrugada quando chegaram. Por um momento, o menino pensou em ir rapidamente dormir para levantar cedo e servir os cafés.

Esse pensamento logo foi afastado. Santiago não era mais incumbido dessas lições, desde que tentou trapacear com o Coiote. Seus pais não mais lhe atribuíram nenhuma tarefa, e o evitavam a todo custo. Quem havia se dado mal era Jéssica, que foi pagar de boazinha, e agora estava realmente empregada no hotel, tendo que ajudar nas tarefas diárias.

O lobo assim que chegou, logo se aconchegou num canto próximo à janela.

Santiago estava sem sono e sem disposição para ler seus livros, tentou usar

seu tempo para conversar com o lobo e ver o que poderia aprender com ele.

Mas o Quarto era quieto demais, silencioso, não emitia um único som. Ficava imóvel quase todo o tempo. Os olhos olhavam em vão como se fosse uma estátua. No começo foi como uma relação entre proprietário e um inquilino indesejado. Isso logo evoluiu para uma convivência forçada, em que Santiago tinha de tolerar sua presença.

Santiago não havia dormido ainda, simplesmente aprumou-se e saiu. Assim que saiu viu aquela estátua se mover, que rapidamente já estava a seu lado, seguindo seguiu seus passos com precisão. O dia na escola foi diferente dos demais. Maicon e seus capangas agora sentavam ao fundo, o mais longe possível de Santiago.

Atrás dele sentava outro garoto, que, por incrível que pareça, era invisível até para Santiago, que nunca o havia visto antes.

— Preste atenção nesse garoto. Ele é você ontem. Disse o lobo

O lobo estava sentando próximo à professora, como se fiscalizando toda a sala. Se ao menos mais alguém pudesse vê-lo, talvez houvesse ordem naquela turma.

Na volta para casa, Santiago resolveu obter pistas sobre o que deveria fazer dessa vez. Não aguentaria muito tempo na presença desse lobo.

— Como você consegue caçar se não pode ver? Santiago arriscou.

— Não uso minha visão para caçar. Respondeu secamente o lobo.

Os dias que se passaram foram calmos e tranquilos, e o menino não mais sofria *bullying*. E logo um novo boato surgia — novamente sobre ele. Dessa vez era de que havia derrotado sozinho os membros do time inteiro — e isso alimentou sua fama.

“Sempre o Santiago.” Pensava a professora.

“O menino que se perdeu na floresta, o mesmo que tentou roubar os pais, aquele falso herói, e agora o quê? Delinquente violento?”

Os demais valentões agora o temiam, e com isso sua vida escolar foi tranquila — até o dia em que sumiu completamente da vista de todos e nunca mais foi visto.

Ainda nos dias de escola, hora ou outra captava algum olhar desaprovador em sua direção, mas ninguém ousava lhe dirigir a palavra.

Durante esse tempo, vivenciou uma rotina silenciosa e um tanto tediosa. Além de ir para a aula, praticava sua corrida diária e lia alguns livros.

Certa noite, olhando para o livro *O Cherokee e o Lobo*, imaginava quando iria lê-lo.

A única certeza que tinha no momento era a de que estava longe de ter pistas de como derrotar o Quarto Lobo.

Não havia recebido nenhuma dica do lobo, não tinha ideia do que deveria fazer.

As férias de inverno estavam prestes a começar. Amanheceu um lindo dia de sábado, mas que, após o meio-dia, acabou se transformando num grande temporal. O lobo olhava para a chuva sem tirar os olhos dela.

O menino, que estava lendo um livro de terror, interrompeu sua leitura e começou a observar o lobo.

Foi logo confrontado.

— Já sei no que está pensando: “Se eu não enxergo por que observo a chuva?” Disse o lobo.

— Já disse: não uso meus olhos para ver; eu vejo tudo; sinto o cheiro da chuva, ouço cada gota cair e escorrer pela íngreme estrada. Finalizou o lobo.

— Eu não sei o que quer. Não tenho ideia do que você representa. Disse o menino em desabafo.

— E por que você não me pergunta? Se você pedir, hei de responder. Disse o lobo.

O menino refletiu por um momento. Poderia ser uma armadilha, uma tentativa, um truque dos lobos para saberem se ele ainda buscava atalhos para as respostas.

O lobo continuou.

— Eu sou aquela sensação que sentia ao ser atormentado, e ninguém o ajudava. Sou aquele que fazia com que você fizesse todas as suas obrigações sem pestanejar.

— Quem é você? As palavras escaparam do menino.

— Você não tolera minha presença porque já afastou a verdade de sua vida. Você não me tolera porque sou a justiça que você não enxerga; sou a verdade

e também seu senso de justiça e de dever. A maioria acha que não enxergo, mas vejo tudo, embora a maioria das pessoas não me procurem. Assim como você, calam-se.

— Cada pessoa é responsável por seu destino. É dever de cada pessoa reportar uma injustiça e, se possível, intervir. Falou Santiago.

— Eu não me importo se o Algoz do Medo devorar seu coração. Disse o lobo.

— E o que você quer?

— Quero que me mostre quão justo e verdadeiro pode ser. Quero ver sua justiça; ver você confrontar de vez a injustiça sofrida. Posso prever que logo uma grande injustiça será cometida e cabe a você impedi-la.

O menino pensou por alguns momentos. Poderia ser que Maicon e seus comparsas estivessem tramando algo.

— Você poderia ter aplicado a justiça contra seu agressor, mas você não o fez. Por quê?

O lobo deu uma pista: a justiça deveria ser feita antes que Maicon o surpreendesse.

O menino quem falava agora.

— Acredito que violência gera violência. Somente me defendi, mas me nego a agredir outra pessoa. Devo manter minha fúria trancada, só a usarei para proteção, nunca para agressão. Tive de lutar contra o Coiote para corrigir meu erro. Desencadeei a fúria para me proteger. Acredito ser justo, e a única justiça que quero aplicar é contra mim mesmo: por tudo que fiz, pelas consequências que trouxeram a meu avô e a meus pais.

O lobo ficou em dúvida por um momento, pois suas palavras não condiziam com seu olhar.

Enquanto a chuva caia lá fora, o menino nesse momento erguia-se ante o lobo.

— Vamos ao Covil.

— Deixe-me consultar os outros lobos.

— Eu já tenho a resposta.

O lobo o olhou com seus olhos cegos.

— Voltar ao Covil sem cumprir o desafio e tentar barganhar pode demonstrar fraqueza. Disse o lobo.

— Você não está tentando tomar atalhos novamente, está?

— Não!

— Veremos!

Os dois não perderam tempo e saíram na chuva rumo ao Covil.

O menino não se apressou, saiu caminhando lado a lado com o lobo. A chuva caía com força sobre eles.

Caminharam a tarde toda, até que finalmente chegaram ao Covil.

O Lobo da Justiça iria começar a falar, mas foi interrompido pelo menino.

— Já sei o que ele representa e já sei a resposta!

Os lobos o olhavam.

— Ele é a verdade e a justiça. A verdade incomoda muitas vezes, mas não importa quanto não goste, ela o seguirá por todos os cantos. A justiça deve ser aplicada naqueles que fazem o mal.

Os lobos agora olhavam com espanto. O Algoz do Medo, que estava deitado, levantou-se interessado em ouvi-lo.

— Há muitas pessoas más neste mundo. Uma maldade sem correção só tende a ficar maior. Você alimenta o mal quando decide não agir. Muitas pessoas ruins não encontram a Justiça porque, por vezes, ela é cega e, embora tudo veja, sozinha não é capaz de fazer nada. Cada pessoa tem o dever de reportar uma injustiça. Não é humano deixar uma pessoa sofrer sozinha, já que você pode fazer a diferença. Eu mesmo fui vítima disso. Poderia muito bem ter morrido quando me atirei da cachoeira, e onde estaria a Justiça para mim se eu tivesse morrido? Quem me atormentava seguiria atormentando outros. Essa roda de sofrimento, esse ciclo de maldade têm de ser interrompido. Há sempre alguém sofrendo sozinho, por isso sei que meu dever agora é parar esse ciclo de maldade.

Os lobos estavam sentados observando. O Algoz estava de prontidão.

O menino continuou.

— Eu devo interromper isso! Como vítima, devo aplicar a justiça. E assim o farei!

O menino respirava fundo, de olhos fechados. A tarde nublada estava transformando-se em total escuridão. Os lobos estavam inquietos e temerosos. O Algoz estava em êxtase aguardando a conclusão de Santiago. A escuridão havia chegado ao Covil.

Quando Santiago abriu os olhos, tudo a seu redor estava escuro, porém, seus olhos já acostumados, podiam enxergar nitidamente em meio à escuridão.

Então Santiago abriu a boca e exclamou com raiva:

— Devo aplicar a justiça em Maicon, por todos os anos que me atormentou! Assim evitarei que pratique isso com outros.

O menino foi rapidamente interrompido pelo Quarto Lobo. Nesse momento, o calmo Lobo Cego virou-se para ele e deu um grito de desespero:

— Não, garoto! Você não pode...

O Quarto foi interrompido pelo Lobo Negro, que pulou em sua frente mordendo-o forte no pescoço, interrompendo, assim, sua fala. Nesse momento, o lobo estava imenso e com uma única mordida pôde ergue-lo no ar.

O Algoz atirou para longe o Lobo da Justiça.

— Eu aplicarei essa justiça! Exclamou o Algoz do medo.

— Pare! Disse o Alfa, liderando os demais lobos para o ataque.

Os lobos fizeram um círculo ao redor do Algoz, que em tom de ironia disse:

— E porque eu deveria parar? Por que algum de nós deveria obedecê-lo? Olhe para você: patético e fraco!

O Alfa era o menor dos lobos, de aparência frágil, tinha um olhar forte e uma presença respeitável, mas em termos físicos era facilmente superado pelos demais.

— Escute, menino! Isso não é...

Antes que o Alfa pudesse falar, o Lobo Negro também o mordeu com toda a força no pescoço. O Alfa, que era o menor dos lobos, foi facilmente erguido no ar. O Algoz o chacoalhava, conforme apertava pressionava sua mordida, em seguida o arremessou com força contra uma rocha. O Alfa chocou-se violentamente. O menino pôde ouvir algo quebrar. Logo uma poça de sangue surgiu debaixo do lobo. Os olhos do Alfa olhavam para o menino que, em um último esforço, tentou falar, mas sua voz não saiu. O Algoz não perderia essa

chance e, antes que o Alfa recuperasse as forças, novamente o mordeu, com uma das patas segurou sua cabeça no chão, e puxou seus dentes com força, arrancando-lhe um pedaço do pescoço, ceifando-lhe a vida.

O menino viu a luz sumir dos olhos do Alfa. Estava morto.

O menino estava imóvel. Alguma coisa em sua decisão fora errada e isso causou a morte do Alfa. Não havia tempo para sentir culpa ou tristeza, o menino agora temia por sua própria vida. O Algoz queria seu coração e não havia ninguém para impedir.

Todos estavam quietos, quando o corpo do Alfa subitamente começou a desintegrar-se: pedaços descolavam-se e evaporavam-se. Uma densa fumaça branca surgia de um pedaço que se soltava. Aos poucos nada mais restava do lobo, senão uma névoa branca, que aos poucos subiu aos céus e foi sugada pela escuridão da noite.

Os lobos e o menino observaram esse belo, porém fúnebre evento. Todos sentiam a dor em seus corações. Os lobos haviam perdido seu líder, sua luz; o menino, as esperanças.

O Algoz agora era o líder e imediatamente impôs sua vontade aos demais.

— Mais alguém ousa desafiar-me?

Enquanto falava, o Lobo do Medo começou a crescer ainda mais, sendo alimentado pelos medos dos demais. Quando sua transformação havia se concluído, seu tamanho já era o dobro dos outros.

O Lobo Cego aproximou-se. Estava machucado, mas vivo. Este então foi o primeiro a curvar-se diante do Medo, que sempre vence a justiça. Os demais seguiram seu gesto.

O menino ainda permanecia em pé incrédulo do que havia testemunhado. Pensou em curvar-se também, mas seu corpo estava paralisado.

A atenção do Algoz, agora focava em Santiago. O Algoz aproximava-se em posição de ataque.

— Então, Presa de Lobo, eu lhe ensinarei a justiça dos lobos.

Disse isso e saiu do Covil para a noite.

Santiago ainda estava parado olhando para os demais lobos.

— É melhor você ir. Disse um dos lobos que se atreveu a erguer a cabeça. Os demais permanecera cabisbaixos.

O menino virou-se, e saiu correndo seguindo o Algoz.

Correu o mais rápido que pôde. Quando chegou à cabana, o Algoz já o esperava. Carregava consigo dois coelhos que devia ter abatido no caminho.

O cheiro de sangue infestava a cabana de Santiago.

O Algoz tratou logo de soltar toda a sua influência negativa sobre o menino.

— Está vendo esses coelhos? Eles são você amanhã, ou seja, minha refeição! Não é dever do forte proteger ninguém além de si mesmo. Se viver sua vida querendo somente o bem, essa é a recompensa que terá. Será um coelho fraco e indefeso, à mercê de qualquer ser.

O Algoz, em seguida, arremessou os dois coelhos aos pés de Santiago.

— Pode comer se quiser, já estou cheio.

— E por que os matou? Questionou em tristeza.

— Matei porque são fracos.

— Diga-me, Santiago, quer ser um coelho amedrontado ou o lobo que caça o coelho?

Pela primeira vez o Algoz o chamou pelo nome.

— Quero ser o lobo.

O Algoz sorriu perversamente. Seus dentes estavam cobertos de sangue.

— Então vamos caçar seu coelho! Conte-me tudo que sabe sobre esse Maicon.

— Não o conheço muito. Disse Santiago enquanto tirava os coelhos do chão, colocando-os numa sacola e levando-os ao lixo.

— Só o vejo nas aulas, na escola, na biblioteca, e em alguns em eventos públicos. Uma vez, há algum tempo, fui à inauguração do fliperama da cidade, onde ele estava com seus amigos. Roubaram minhas fichas e me trancaram no almoxarifado. Passei a noite sozinho lá. Todos foram embora e só no dia seguinte, o zelador, ao chegar, me libertou. Cheguei em casa, mas minha família nem tinha percebido que eu havia saído.

— Ahh! Que chatice, garoto! Vamos observar todos os passos desse coelho.

— O que faremos ao encontrá-lo?

— Aplicaremos a justiça! Disse o lobo rindo.

Santiago não entendia o que o Algoz queria dizer com “aplicar a justiça”. Quando Santiago decidiu aplicar a justiça em Maicon, imaginou-se confrontando-o. Se necessário, usaria sua fúria para conter qualquer plano que Maicon estivesse tramando. Mas um calafrio em sua espinha dizia que o Algoz tinha algo diferente em mente.

— Vamos a essa escola! Primeiro precisamos encontrar o momento certo de surpreender a presa.

— Não tem aula. Disse Santiago.

O lobo o olhou em dúvida e se aproximou.

— Não está querendo dar uma de esperto, está?

— Não, não... As férias de inverno começaram ontem.

O Algoz iria falar algo, quando farejou algo no ar.

— Até mais, Preza de Lobo. Amanhã à noite retorno e o caçamos. Disse isso e saiu pela porta.

Santiago pensou em dizer que as férias durariam dez dias, mas não teve coragem.

O Algoz ficou ausente o dia todo. Santiago passou o dia aflito. À noite o Algoz retornou cheirando a sangue.

— Vamos à escola agora?

Santiago apenas concordou.

Correram em silêncio até a escola, que estava totalmente fechada. Apenas o vigia estava lá. Este dormia profundamente durante sua vigília.

O Algoz olhou para o menino.

— E então? Onde ele está?

Santiago não sabia o que dizer.

— Ele não deve estar aqui. Vamos olhar em volta.

Caminharam por um tempo, e nada encontraram. Poucas pessoas atreviam-se a andar à noite. Na primeira noite não encontraram nada, e assim por duas noites seguidas. Na terceira, o Algoz, já sem paciência, acreditava que tudo era uma enganação de Santiago.

— Onde está esse coelho, Presa de Lobo? Indagou em tom ameaçador,

encurralando Santiago contra o muro do colégio.

— Não sei!

— Você não informou nada a ele, ou informou?

— Não, claro que não! Você é um lobo, não pode farejá-lo?

— Ainda não conheço o cheiro dessa presa.

— Então fareje onde há bastante pessoas, certamente onde deve estar!

O Algoz começou a captar odores no ar. Logo um delicioso cheiro de medo entrou em suas narinas.

— Sinto cheiro de medo!

Santiago, por um momento, lamentou-se de ter sugerido a ideia.

Não correram nem três quadras, quando Santiago logo avistou Maicon e seus comparsas numa lanchonete.

— É ele ali. Disse Santiago apontando para Maicon.

O Algoz jamais esqueceria o cheiro de Maicon, pois era este que exalava o odor de medo.

— Então, Presa de Lobo, vá e me traga aquele coelho. Mate-o!

— O quêêê? Indagou espantado.

— Não posso matá-lo!

— Você não quer justiça? Pois então pegue-a.

O Algoz soube que o menino não o faria, não sem incentivo. Orquestrou um plano para mostrar a Santiago que Maicon merecia esse desfecho.

Então propôs a Santiago:

— Presa de Lobo, iremos observar Maicon durante os próximos três dias. Se julgar que ele mereça viver, eu deixarei você e ele em paz!

Santiago alegrou-se por um momento, mas então logo lembrou que o Algoz era um enganador e rei das emboscadas.

— Estarei em sua casa amanhã na mesma hora. Disse o Algoz enquanto fugia pelas sombras.

Santiago quis observar Maicon por mais um tempo.

Santiago estava do outro lado da rua, mas conseguia ver perfeitamente os três

terminarem suas refeições, jogarem comida em um casal que estava sentado à frente deles e forcarem um menino a pagar a conta. Até o momento, nenhuma novidade!

Ao saírem da lanchonete, depararam-se com outro menino, gordinho, colega de Santiago, que o conhecia bem, pois já o havia visto sendo importunado diversas vezes. Nessas ocasiões, Santiago sentia-se aliviado pelo outro estar sendo alvo dos “carinhos” de Maicon.

Fora da lanchonete, o menino gordo carregava alguns livros em uma mão, e um disco de vinil novinho em outra. Maicon e seus capangas o encurralaram e logo levaram-no ao beco entre o estacionamento da lanchonete e a floresta.

Longe dos olhares dos adultos, Santiago testemunhou a maldade de Maicon. Primeiro bateu nele, em seguida quebrou seu disco, e com um pedaço dele cortou seu rosto. Seus dois capangas afastaram-se, compreendendo que Maicon havia ido longe demais na brincadeira. Maicon então empunhou o pedaço de vinil cortado e, como se fosse uma espada, foi em direção à barriga do menino gordo.

Teria sido fatal se seus amigos não o tivessem impedido. O menino gordo aproveitou a oportunidade para fugir.

Maicon deu um soco em cada um de seus amigos e alertou:

— Da próxima vez me deixem tirar o bacon daquele porco! Havia muita raiva em suas palavras.

Enquanto terminava de falar, seus dois amigos se afastaram e logo ele estava sozinho. Maicon tinha um porte físico superior aos demais, havia repetido três vezes a última série, talvez de propósito para não precisar abandonar a escola.

Santiago então viu Maicon saindo em direção à rua oposta. Estava indo para casa. Santiago o seguia ao longe.

Maicon começou a andar depressa, mas, à medida que se aproximava de casa, diminuía sua velocidade.

Já era início de noite quando chegou à quadra anterior de casa. Havia um parque, onde se dirigiu a um dos balanços. Santiago não conseguia ver seu semblante. Mas Maicon ficou sentado ali até tarde.

Quando então decidiu se levantar e ir embora, Santiago estava quase dormindo encostado numa árvore.

Maicon entrou em casa, e Santiago foi embora.

No caminho até casa, não conseguia esquecer a feição de Maicon prestes a estocar o outro menino.

— Ele iria matá-lo! Disse o Algoz surgindo detrás do garoto.

— Não precisou nem de um dia. Enquanto você o observava Maicon, eu observava vocês dois. Você iria simplesmente ver tudo isso acontecer, e não iria fazer nada, não é?

— Você estava me observando também? Perguntou Santiago.

— Claro! Você também é minha presa, nunca se esqueça disso! Maicon precisa ser parado, você deve agir. Dizia o lobo em um tom amistoso, aproximando-se do garoto.

— Sim, eu farei! Se não for eu, ninguém mais fará!

O Algoz ria profanamente.

Passou a noite inteira na cabana, convencendo o menino sobre o que deveria fazer.

Santiago acabou dormindo o dia todo, acordando somente pela noite. E como todo bom predador, caçaria à noite.

Os dois algozes saíram da cabana atrás de sua presa.

Logo o Algoz do Medo captou o cheiro de Maicon no ar. Não demorou para o localizarem.

Maicon estava com os demais capangas no fliperama da cidade onde quase todas as crianças estavam lá, alvoroçadas, aguardando o lançamento do novo e moderno jogo Pacman.

O menino e o Algoz o observavam a distância, de dentro da floresta. A visão do menino estava agora aguçada.

Maicon e os amigos ficaram algumas horas no fliperama. Além de jogar, divertiam-se atrapalhando os demais, roubando suas fichas e implicando com os menores.

Ao sair, Maicon e os outros foram em direção as suas casas. Ao chegar próximo da rua principal. separaram-se e, dessa vez, Maicon seguiu sozinho pela rua deserta, caminhou um pouco até passar por duas meninas. Ao passar por elas, virou-se e disse:

— Nem “oi” recebo! Disse, enquanto promovia gestos obscenos.

— Um dia eu pego essa puta sozinha! Disse Maicon.

— Está vendo, Santiago! Alguém precisa parar esse garoto. Eu não sou mal, só quero te ajudar. Esse menino, sim, é mal. Argumentava o Algoz.

O menino e o Algoz o seguiam pelas sombras, sem serem notados. Até que não havia mais ninguém na rua, e o Algoz ordenou:

— Agora menino! Aplique a justiça! Ele está indefeso, não verá o ataque, apenas sentirá a dor. Agora! Dizia em êxtase.

— Ainda não! Defendeu Santiago.

— Eu quero ver mais.

O lobo rosnou em desaprovação.

— Ver mais? Já esqueceu tudo que ele o fez passar?

E, de repente, o instigar do lobo desencadeou uma onda de emoções negativas, fazendo Santiago recordar as vezes que foi judiado, agredido e ofendido. Lembrou-se de uma só vez de tudo de ruim que Maicon o fizera passar. O menino foi embriagado pela cólera do Algoz, e agora sentia apenas o instinto primitivo de todo lobo: sede de sangue.

— É, tem razão! Esse filho da puta vai ter o que merece! Disse Santiago.

O Algoz sentiu em si uma transformação começando a acontecer.

— Finalmente! Dizia para si mesmo.

Seguiram os passos de Maicon até próximo de sua casa, onde o viram Maicon parar em frente à casa por alguns minutos, cabisbaixo, como que se recusando a entrar. Então sentou no meio da rua e ali ficou por alguns minutos.

Conforme Santiago e o Algoz se aproximavam, puderam ouvir gritos e vozes de uma discussão que oriundos da casa de Maicon. Algo se quebrava.

Maicon permanecia sentado em frente a sua casa. De repente, um homem saiu pela porta dizendo:

— Aqui está você, seu vagabundo! Um homem gordo, de aparência grotesca, e trazia consigo uma garrafa de conhaque em mão.

— Entre agora mesmo e ajude sua mãe com os afazeres.

Enquanto dizia isso, puxou Maicon pelo braço e deu-lhe um pontapé na bunda com força!

— Vagabundo imprestável!

Entraram na casa, e a discussão se intensificou.

Santiago podia observar das sombras, em todas as janelas das casas ao redor, os vizinhos contemplarem a cena com olhar de pena e de medo.

Santiago observava por alguns minutos, e ninguém interviu. Nada aconteceu. Foi necessário alguns gritos de socorro vindos da casa, para que alguém chamasse a polícia, que logo chegou.

Era um dos policiais da cidade. Desceu do carro e bateu na porta.

Uma mulher de aparência tristonha e maltrata atendeu. Deveria ter uns quarenta anos, mas sua aparência era de uma idosa prestes a ter um colapso.

— Recebemos mais uma ligação dos vizinhos. Está tudo bem? Questionou o policial.

A mulher cruzou os braços com força. Cabisbaixa, e sem olhar o policial, disse:

— Sim, está tudo bem! Maicon voltou muito tarde e eu tive de repreendê-lo outra vez. Ele, com raiva, quebrou um copo. Provavelmente foi isso que os vizinhos ouviram. Mas está tudo bem!

— Você tem que dar um jeito nesse seu filho. Disse o policial, já partindo.

Da janela, aquele homem gordo observava rindo, enquanto apreciava um demorado gole da garrafa que tinha em mãos.

— A Justiça é cega mesmo! Disse o menino.

O lobo retrucou.

— Isso não é assunto seu, garoto. Não esqueça o que aquele menino fez contra você durante toda a sua vida.

Santiago jamais esqueceria.

Assim que o policial saiu, a discussão recomeçou. Maicon saiu com uma mochila porta afora, deu alguns passos até o meio da rua. A mesma mulher triste foi à porta e disse:

— Vai me abandonar? Vai me deixar sozinha com ele? Ele vai me matar. E caiu em prantos.

Maicon virou-se para voltar para casa. De cabeça baixa voltou.

A casa ficou em silêncio. Santiago aproximou-se da casa e viu o homem dormindo sentado na poltrona da sala, com a TV ligada. Não havia nem sinal de Maicon nem da mãe.

O Algoz deu-lhe uma patada nas costas.

— Viu só, estúpido! Perdeu uma boa oportunidade. Amanhã eu retorno.

— Sim será amanhã. Disse Santiago.

O lobo sumiu, e logo Santiago também partiu, retornando a sua casa.

Nos dias seguintes, repetiram os atos: conheceram todos os hábitos de Maicon, estudaram o momento oportuno para atacar. O Algoz via oportunidade em cada rua escura; o menino queria encontrar a hora certa para fazer. Quatro dias foram necessários para conhecerem todos os passos da rotina de Maicon. Sua vida era horrível, era baseada em atormentar os indefesos, e ser atormentado quando voltava para casa. Por breve momento Santiago sentiu pena do garoto. Essa sensação de pena logo era afastada pelo Algoz que o fazia lembrar os momentos em que sofreu na mão de seu carrasco. Essas lembranças intensificavam o conflito que havia em Santiago. Nesse momento somente a escuridão andava ao lado do menino.

Santiago ainda não entendia que Maicon projetava seus próprios demônios aos demais, que fazia aos demais apenas o que recebia do pai. Não havia um lugar para voltar para Maicon, um refúgio. Seu local de segurança, junto dos pais, era seu inferno pessoal. Maicon não conhecia outra forma de comunicar-se senão com violência.

Na quinta noite, o lobo instigou mais ainda o menino, que, dessa vez, liderou a emboscada.

— Ele vai fazer isso para sempre. Você deve impedi-lo. Devore-o com seus dentes de lobo. Dizia o Algoz.

— Logo ele irá passar dos limites e tirará uma vida. Quem sabe está tramando neste exato momento tirar a sua.

O menino embriagou-se com a influência do medo.

— Aplicaremos nele a justiça dos lobos! Disse o menino.

O Algoz ria maliciosamente. Sua pelugem preta tornava-se mais negra. De repente, a corrente invisível ao redor de seu pescoço surgiu e partiu-se evaporada em fagulhas de fogo e sombra.

— É hoje! Disse Santiago.

Nesse momento, o garoto estava tomado por todos os sentimentos negativos que o Algoz fora capaz levantar. Ele não tinha mais um olhar morto, tampouco de fúria; seu olhar era cruel, seus olhos tornaram-se vermelho-sangue enquanto olhava para o Algoz do medo em sua frente. Por um momento sentiu que poderia até mesmo derrotar o Algoz se este se colasse no caminho entre ele e sua presa.

O Algoz do Medo lambia-se faminto ao observar a nova expressão no rosto de Santiago. E a expressão era de crueldade. O Algoz observava com êxtase sua criação.

E o Algoz do Medo agora revelava sua segunda face: a de influência nefasta, a de personificação do que o medo pode revelar.

O Algoz da Crueldade surgiu do medo, medo este que fazia as pessoas agirem com crueldade para com os demais.

O Algoz do Medo e o Algoz da Crueldade saíram em busca de sangue.

Para Maicon, sua última noite vivendo aquela vida começara da maneira habitual. Nesta noite específica, seus amigos não o acompanharam, e ele foi sozinho à costumeira lanchonete, de onde saiu mais cedo para casa cedo.

E as duas sombras o seguiam sem serem notadas.

— A Lua Cheia estava alta no céu.

A Algoz tinha uma expressão nefasta estampada em seu rosto, a mesma expressão que agora o menino com os olhos vermelhos carregava. Camuflaram-se nas sombras. Santiago liderava a emboscada.

Seguiram os passos de Maicon em sua volta para casa. A noite estava silenciosa, todos os animais, predadores ou não, sentiam o cheiro de maldade

no ar, em que nem o mais corajoso atrevia-se a emitir um ruído.

Logo em sua frente, Maicon chegara à praça em que sentava quase todas as noites. As luzes dos postes começaram a se apagar. Sentou num dos balanços. Maicon estava olhando para o chão e não percebeu que tudo a seu redor havia sido tomado pela escuridão. Somente a luz sobre dos balanços estava acesa.

De repente, ele escutou um galho estalar. Ergueu seu rosto e viu que todas as luzes dos postes estavam apagadas. Em sua frente, viu dois vagalumes.

Santiago estava na mata a poucos metros de Maicon.

Abria sua boca, e seus dentes haviam se tornado longos e escuros.

— Agora! Faça! Disse o Algoz.

Santiago estava embriagado com a sensação. Seus olhos agora eram negros.

Maicon ouviu novamente um galho quebrando ao se encontrar totalmente imerso na escuridão. Saiu correndo. Andou em direção aos dois vagalumes. Parou subitamente. Não eram vagalumes, eram olhos!

O lobo e o menino sentiam a excitação de uma presa a fugir, e começaram a correr. O Algoz do Medo estava bem em frente a Maicon, impedindo sua fuga. Santiago o emboscava pela lateral. Maicon correu, por sorte para o lado certo. Santiago saiu em disparada a persegui-lo.

Maicon ouvia os passos o seguirem, correu como pôde. Percebeu que não conseguiria chegar até casa, olhou ao redor e viu um pequeno brinquedo tubular no parque, correu em direção a ele, tentou esconder-se entrando no tubo mais estreito, o qual coube perfeitamente. Puxou-se com os braços e entrou com a cabeça, braços e com o tronco; as pernas estavam quase inteiras dentro de um dos brinquedos de tubo.

Quase conseguiu.

Sentiu algo puxar-lhe levemente para fora do brinquedo. Maicon olhou para trás, mas nada viu. Puxou a perna para dentro.

Dessa vez, sentiu uma dor aguda no tornozelo que se seguiu de uma forte mordida que o puxou com força para fora de seu esconderijo atirando-o ao chão, quase se chocando contra um banco. Instintivamente tentou agarrar-se ao banco, mas a força descomunal o puxou e, num único movimento, o

arremessou ao longe. Maicon bateu as costas contra um carro. O alarme do carro disparou sem emitir sons. Somente as luzes piscavam.

Quando a dor de Maicon o permitiu abrir os olhos, viu o espectro em sua frente: um lobo de pelugem escura e de olhos negros, seus dentes pingavam sangue da mordida que havia dado, em seus dentes escuros o sangue de Maicon escorria. Maicon estava em frente ao Algoz que lhe traria a morte.

Santiago podia ver que Maicon estava encurralado contra um carro, e não se apressou, pois deliciava-se com o cheiro de medo e o som de pavor oriundos do coração de Maicon.

— Faça! Disse o Algoz.

— Santiago preparava-se para o golpe fatal, ouvia seu coração de Maicon palpitar.

Santiago, embora embriagado pela sede de sangue, reconheceu imediatamente esse som de pavor que conhecia tão bem. O som de pavor e rosto amedrontado. Lembrou-se por um momento do Lobo Cego.

Estava com todos os instintos apurados: olfato audição e visão.

Então aguçou sua visão para contemplar mais ainda aquele olhar de pânico que ele agora instigava em Maicon. Sua visão estava tão aguçada que viu nos olhos do “coelho” em sua frente sua própria imagem refletida. E o que viu era um lobo negro como a noite, de olhos pretos. Este lobo representava tudo o que ele próprio temia.

Santiago lembrou-se do Algoz que matou aqueles coelhos apenas porque eram fracos. Por breve momento, o menino havia se tornado o Algoz do Medo.

— Faça! Agora! Dê-me o seu coração! Dizia o real Algoz do Medo.

O menino parou imóvel, que agora chorava em pavor. Santiago, de relance, viu, em sua frente, não Maicon, mas a si mesmo. Apenas mais uma criança judiada.

Maicon e Santiago haviam trocado de lugar. Santiago agora era o forte que apavorava o fraco. Santiago voltou a si, e nas lágrimas de Maicon, ele viu seus olhos negros voltarem à cor original.

— Não! Dizia o Algoz!

— Faça!

Santiago deu um passo para trás, e disse:

— Isto não é justiça, é vingança.

— Sim! Vingue-se! Dizia o Algoz em tom de êxtase.

— Não posso me vingar, pois essa não é a justiça dos lobos.

Quando Santiago deu o segundo passo para trás, não era mais um lobo, mas o menino que sempre foi.

— Não! Gritou enfurecido o Algoz.

O Algoz falhou em corromper o garoto. A Algoz jamais poderia devorar um coração justo, era primeiro preciso fazer o justo derramar sangue inocente.

Santiago olhou então para o Algoz, que agora passava por uma transformação. Era como se alguma coisa estivesse tentando sair de dentro dele. Seu rosto de lobo por alguns segundos tomava a forma humana, como um rosto de homem por baixo da pele de lobo. O Algoz lutava dentro de si para manter-se em pé.

— Maldito garoto! Eu logo voltarei! Você falhou no meu desafio! Jamais poderá tornar-se um lobo!

— Maldito índio! Disse o Algoz em tom baixo enquanto fugia para a mata.

Maicon ainda estava imóvel no chão. Agora via Santiago de olhar pacífico em sua frente.

Santiago olhava Maicon caído no chão. Pôde ver por frações de segundos Maicon à beira de um abismo. Santiago não o empurrou para a morte, mas lhe estendeu a mão.

Maicon aceitou o gesto e levantou-se. Nada disse, e saiu correndo para casa.

Santiago nem olhou e virou-se para sair. De repente, ouviu uma voz no fundo de sua mente.

— Corra e não olhe para trás!

Por algum motivo lembrou-se das palavras do Alfa, ditas na sua primeira aventura ao Covil.

O menino então, apesar dos avisos, olhou para trás.

Sua aguçada visão pôde ver que a mãe de Maicon iria ao encontro do filho, mas ela não estava só, pois, seguindo seus passos de perto estava o pai de Maicon, já com o cinto em mão.

A mãe de Maicon parou em frente a Maicon, que a abraçou.

— O que foi, filho?

— Ouvi seu grito! Nesse momento, a mãe de Maicon olhou para trás e viu o homem indo em sua direção.

— Fuja, Maicon! Disse a mãe desesperada, percebendo que a bebedeira de seu marido não era a mesma de sempre.

Quando o homem os alcançou, não recebeu o filho com uma calorosa e amorosa recepção. Apresentou para aqueles dois seu punho fechado com raiva, e disparando como uma balda um soco tão forte na mãe de Maicon, fazendo-a rodopiar desmaiada duas vezes antes de cair com força no chão. Talvez o medo a fizera desabar antes mesmo de ser acertada.

— Venha para casa agora mesmo, seu imprestável! Disse ele enquanto disparava novamente seu punho, dessa vez acertando em cheio o estômago de Maicon, que caiu de joelhos e vomitou. Segurando a barriga, levantou-se cambaleando e dirigiu-se para casa.

As janelas dos vizinhos dessa vez estavam fechadas. A curiosidade perde seu ímpeto ante o medo.

O pai, despreocupado, olhou a mulher caída em sua frente e, por um segundo, cogitou em deixá-la ali mesmo. Mas a prudência do agressor consiste em não deixar rastros. Juntou a mulher do chão, colocou-a nos ombros e a conduziu a passos lentos a caminho de casa.

Não havia testemunhas do episódio. Nenhum vizinho viu que dessa vez ele havia passado dos limites, e que novamente não haveria punição ao transgressor.

O pai de Maicon olhou novamente e pôde ver ao longe apenas um menino em pé no meio da rua.

— Vá se ferrar, desgraçado! Gritou o homem para o menino ao longe.

Santiago enfim entendeu que Maicon não era seu Algoz, senão mais um menino como tantos maltratados que projetam seu sofrimento nos outros. Um

menino sendo esmagado pelo ciclo de ódio e agressão. O pai fere o filho, o filho, a um amigo, esse amigo, a outro; e assim se inicia um ciclo sem fim — o Eterno Ciclo da Vingança.

Um homem buscando vingança deve cavar sempre duas covas: a segunda para si mesmo.

O menino sentiu um sentimento o compelindo a ajudá-lo. Começou como uma pequena fagulha que acendeu em sua alma. Ao pensar em toda a injustiça que existe, essa fagulha foi crescendo, e quando Santiago viu o homem acertar um soco na própria mulher, essa fagulha agora era o próprio inferno de chamas, que queimava no peito, mas não era ódio, não era vingança, era puramente sede de justiça.

O cérebro racional tentou suprimir esse fogo:

— Não posso fazer nada! Disse o garoto se afastando.

— Não posso fazer nada! Disse o garoto já em frente à casa.

— Não posso fazer nada! Disse o garoto abrindo a portão.

— Não posso fazer nada! Disse o garoto na soleira da porta.

O cérebro racional decidiu ausentar-se, e Santiago silenciosamente abriu a porta da casa de Maicon.

Era como se seus pés não fossem pés, fossem patas macias e silenciosas. Pode entrar na velha casa de madeira, sem provocar no batido chão um rangido, um único ruído.

Entrou sem fazer barulho. A casa era velha, os móveis eram velhos, era possível perceber que o foco dessa habitação não era criar um ambiente saudável para uma criança ou um lar para um família. Era o cenário de um vício, e nessa cena, além de inúmeras garrafas vazias de bebida, pôde avistar a mãe de Maicon atirada como um trapo velho no sofá de casa. Ainda estava inconsciente.

O sofá certamente era o inquilino mais velho daquela casa. Espuma saía por suas laterais, onde internamente roedores e cupins dividiam espaço. Tinha um tapete sujo, não velho, em que a mãe de Maicon havia comprado numa feira da cidade, na tentativa de adicionar um pouco de vida àquela deprimente sala de estar. O tapete era listrado de tom vermelho escuro e marrom, ou talvez em seu início fosse vermelho vivo e branco. Sobre esse tapete havia uma pequena mesa que servia como um enorme cinzeiro e depósito de garrafas.

Também havia um tipo de açúcar muito fino espalhados em fileiras sobre a mesa. Santiago então voltou sua atenção à velha televisão que ficava em frente ao sofá. Sobre a TV havia um revólver calibre 38.

— Santiago pegou a arma.

Pôde sentir o peso que a arma tem, e principalmente sua frieza, como um bloco de gelo! Ele se sentiu poderoso com essa arma em mãos. Eis o perigo de possuir uma arma: sentir-se invencível.

— Eu não preciso disso! Em seguida a deixou no mesmo lugar.

O menino então procurou as sombras e, como aprendeu com os lobos, rapidamente camuflou-se, mas não era preciso decifrar aquela escuridão ou procurar seus ocupantes, esta caçada em busca da presa foi logo interrompida pelos gritos que ouviu.

De repente, algo quebrou, algo de vidro. Novamente um grito, e enfim silêncio. Esses barulhos vieram do porão.

O menino saiu das sombras e cautelosamente caminhou pelo estreito corredor, abriu a porta e desceu sem se preocupar em esconder sua presença.

Desceu os poucos degraus, e logo estava no subsolo da casa. Era um local feio, fétido. Todas as paredes eram de tijolo rústico, com fungos e mofo por toda parte. Tinha uma pequena máquina de lavar roupa e um tanque, o chão era de terra batida. Em um pequeno pedaço havia o início de um piso, com azulejos de mal colocados. Maicon, em sua infância, tentou arrumar o cômodo para a mãe, mas quando o pai descobriu que ele havia mexido em suas ferramentas, deu-lhe uma surra e jurou repetir a dose se ele mexesse novamente. Essa empreitada resultou não num piso mal acabado, mas mal iniciado.

Santiago olhou para o outro lado e, no canto entre a máquina de lavar e a parede, viu Maicon encolhido. Seu encolhimento desafiava as leis da Física, pois parecia um ser minúsculo enfiado nesse estreito buraco, como um rato encurralado por uma cobra.

Maicon estampava no rosto grande marca avermelhada, fruto de um golpe de cinta de couro. Ardia mais do que uma queimadura de cigarro. Maicon chorava, não pedia socorro, em seus anos de tortura aprendeu que ninguém respondia a seus chamados. Por mais que gritasse até ficar sem voz, ninguém nunca viera em seu socorro, entendeu que ninguém nunca o ajudaria, e que

pedir para parar era a mesma coisa que pedir que a cinta viesse com mais força. Maicon também entendeu que a única maneira de fazer alguém entender seus sentimentos era provocando a única coisa que recebia do pai, pois pensava que era assim que homens se comunicavam. Entre todos os anos, todas as surras, todos os gritos sufocados de socorro sem resposta, nessa hora, ao avistar Santiago, Maicon começou a chorar compulsivamente. Soluçando, ele disse:

— Santiago... Disse Maicon com a voz tão baixa que ninguém pôde compreender.

Ele juntou novamente fôlego, acrescentou uma ínfima dose de coragem, e disse novamente:

— Santiago! Dessa vez, Santiago pôde ouvi-lo. Os dois se olharam. Maicon chorava copiosamente.

Santiago derramou uma lágrima ao ver seu Algoz ferido e encurralado.

Maicon engoliu a seco. Foi dolorido engolir aquela saliva, aquele orgulho, aquela descrença de que alguém o ajudaria. Maicon gritou:

— Socorro!

Com seu grito, Maicon jogou gasolina no fogo que já queimava dentro de Santiago. Embora este não pudesse bancar o herói, o pai de Maicon não estava para brincadeira, tinha empunhado em mão uma garrafa quebrada. Estava entre Maicon e Santiago.

Santiago em frente à escada, o pai de Maicon no meio, e Maicon no canto encolhido, mas demonstrando sinais de esperança.

Ambos agora olhavam para Santiago.

— Quem é você? Disse o pai de Maicon com voz tão horrível e malévola que Santiago tremeu por um instante.

— Sai de minha casa antes que te mate, desgraçado!

Maicon olhava a cena se desenrolar com olhos de espanto e de esperança.

— Maicon, venha aqui. Respondeu Santiago.

— Pegue sua mãe e tranque-se no quarto. Só saia quando eu mandar.

Maicon nada fez.

— Quem você pensa que é...? Tentou falar o pai, mas foi logo interrompido.

— Rápido! Gritou Santiago. A voz ouvida não era de um menino.

O pai, por um momento, ficou imóvel, demorando a entender a situação e a reagir.

Maicon aproveitou a distração e se esquivou pelo lado contrário de sua visão, passando por Santiago,

Maicon parou por um minuto, sabia que sair seria sacrificar Santiago.

— Vá, Maicon, você aguentou bem até aqui! Disse Santiago com a voz terna.

Maicon subiu rapidamente a escada, batendo a porta com força.

O pai de Maicon estava totalmente enfurecido e com sede de crueldade, e essa crueldade toda agora seria direcionada a Santiago, que corajosamente entrou na toca da Hiena.

E esta Hiena agora voltava toda a sua atenção e desejo de sangue a Santiago.

— E agora? Disse a Hiena.

— Você invadiu minha casa. Posso matá-lo e enterrá-lo neste porão. Disse enquanto batia com o pé no chão de barro.

— Ainda vou pôr aquele merda para cavar sua cova.

Ao invés de se afastar, Santiago se aproximou do homem. Estava com a testa frangida, e seus olhos traziam sua conhecida fúria.

— Você invadiu a vida dessas pessoas. Você infesta Maicon com sua influência nefasta. Irei acabar com isso agora! Disse Santiago em tom firme.

Sua testa estava enrugada com uma expressão de seriedade.

— Tsc... Expressou o homem cusbindo para o lado.

Trocou a garrafa de mão, e disse:

— Pelo visto, terei de cavar três covas esta noite! Acabei de pensar em me livrar dos dois imprestáveis lá de cima também.

O menino adentrou mais ainda o porão, passou por baixo de uma lâmpada, que, sem explicação, estourou, escurecendo mais ainda aquele cômodo.

O homem avançou em sua direção, tentou agarrar seu braço, mas Santiago puxou com destreza. O pai de Maicon jogou socos mas só encontrou o ar, estocava a garrafa quebrada mas só encontrava o vazio. Ele então fingiu dar um soco, Santiago antecipou-se, caiu na armadilha, e acertou um soco de

raspão no ombro de Santiago, em seguida empurrou o menino que bateu contra a parede, que fez a casa balançar por um instante.

O homem novamente investiu com sua garrafa, que agora o acertou, confirmado pelo grito de dor.

Havia acertado Santiago no braço, onde se podia ver seu sangue escorrendo.

O menino e o homem lutaram por alguns instantes, Santiago recusou a usar a violência. Esquivava-se, mas o homem era forte e robusto, e o garoto estava em desvantagem.

— Vai ficar só fugindo, covarde?!

Ao balançar a garrafa no ar, o homem acidentalmente quebrou a última lâmpada que iluminava aquele porão. De repente estavam totalmente imersos na escuridão onde não podiam se ver. Por alguns segundos ficaram imóveis. O homem não podia ver nada.

A Lua Cheia estava alta no céu e entrou por todas as janelas daquele pequeno porão iluminando uma pequena parte, o suficiente para que o homem visse em sua frente o menino encurralado num canto sem ter para onde fugir.

O homem empunhava a garrafa que pingava sangue; Santiago sangrava no braço.

O garoto fechou os olhos.

Pôde sentir o cheiro de seu próprio sangue, do podre do porão, do homem em sua frente, dos insetos, dos animais, sentiu o cheiro de uma coruja que estava a metros dali e, de repente, tudo se intensificou!

O menino ouviu seu coração batendo rápido, em seguida ouviu o coração de seu agressor. Já conhecia esse pesado som fúnebre, som agourento de quem carrega a morte.

Pôde ouvir os movimentos, sentir seu agressor, sua nefasta presença.

O menino pôde sentir a força de sua própria alma. Santiago abriu a boca e respirou fundo. O vapor da fúria começou a sair por suas narinas. Puxou o ar com mais força. Respirando fundo, sentia o oxigênio inundar seus pulmões. A quantidade de ar que inspirou era surreal para a capacidade pulmonar de um menino. Seu peito inflou-se quase que o dobro do tamanho.

O menino abriu os olhos e soltou o ar com ímpeto. Deu um passo para o lado, olhou diretamente o homem nos olhos. O homem tremeu perante a força do

olhar. Ele o olhava para dentro de Santiago, olhava sua alma.

Santiago puxou a perna esquerda em direção ao canto escuro da porão, em seguida a direita. O homem viu o menino em sua frente: metade de seu corpo estava tomado pelas sombras; a outra, iluminada pela luz da Lua.

Santiago deu mais um passo para o lado, e sumiu. Camuflou-se nas sombras.

O homem não conseguia vê-lo; tentou ouvir algo. Nada

Então quebrou o silêncio vociferando palavras de ameaças.

— Saia daí, desgraçado! Enfrente-me!

Nenhum som foi ouvido.

Em tom irritado e angustiado, o homem novamente gritou:

— Saí de onde está! O que tá aprontando, miserável?!

Novamente, nada! Um silêncio dominou o ambiente. Fora da casa, não se ouvia nenhum animal, nem mesmo um grilo. Era como se todos os animais e insetos estivessem se escondendo de medo.

O pai de Maicon engoliu sua saliva a seco e, dessa vez, exprimiu tom mais amedrontado!

— É o último aviso, garoto! Disse enquanto dava um passo para a frente. Seu corpo freou instantaneamente. Nesse instante o homem pôde ver os olhos do menino que brilhavam na escuridão.

Tentou escutar alguma coisa. Nada. Preparou-se para avançar novamente, agora com toda a raiva! Garrafa empunhada, músculos enrijecidos prontos para atacar Santiago. Nesse momento, o silêncio foi quebrado:

— Grrrrrrr.

Ele parou instantaneamente. Ainda podia ver aqueles olhos azuis em sua frente. A saliva custou a descer em sua garganta. Um pingo de suor caiu de seu rosto. Antes que tocasse o chão, ouviu novamente, com mais intensidade.

— Grrrrrrr!!! Rosnava para ele um animal selvagem.

Primeiro viu sair das sombras um focinho preto e pontudo, em seguida preenchendo todo um maxilar, longas filas de dentes longos e pontiagudos que derramavam saliva pela boca. Então aquele par de olhos azuis na escuridão revelaram-se atrás de um gigantesco crânio, com orelhas altas e pelugem cinza clara. A cabeça do lobo saiu totalmente das sombras, seguida

de uma pata direita, longas unhas rasgaram o chão batido. O lobo se revelou por completo. O homem tentou dar um passo para trás, mas caiu de costas. Seus olhos estavam arregalados, seus músculos estavam tão moles que sua mão não pôde sustentar o peso da garrafa que até instantes segurava com tanta valentia.

O lobo novamente rosnava ferozmente em sua direção.

O homem, com os olhos arregalados e a boca aberta, sentia algo quente surgir entre suas pernas, era tão quente e confortável que esqueceu por alguns segundos do lobo em sua frente. O homem urinou nas calças! Estava descrente do que presenciava, de tudo em que acreditava, de tudo que já havia visto na vida. Pois, ali em sua frente, sem ninguém lhe contar, sem ser uma ilusão causada pela bebida, cigarros ou cocaína, viu um menino se esconder no canto mais escuro, acuado, e de lá emergir um lobo!

O homem arrastou-se para trás, o pavor o dominava. O lobo sentiu o odor do medo e deu mais um passo para a frente rosnando ferozmente.

— Ahhhhh! Gritou o homem.

Tentou se levantar, escorregou e caiu na própria urina. Caído, ergueu os olhos e viu indo em sua direção dentes afiados em forma de mordida.

Arrastou-se para trás como um verme. O lobo mordeu o ar.

Rosnou ainda mais forte.

O homem agora gritava horrorizado, virou-se rastejando em direção à escada, subiu os primeiros degraus rastejando. Já estava em pé ao alcançar o fim da escada.

O homem pôde enxergar a forma da alma de Santiago, pôde ver a escuridão roubar a luz, pôde ver a escuridão dominar, mas não derrotar o menino. Santiago saiu das sombras renascido com um espírito forte, uma alma forte manifestada fisicamente na forma de um lobo selvagem.

O menino trouxe luz a sua própria escuridão.

O homem abriu a porta do porão com força. Ao sair, olhou para os lados do corredor. Em um lado viu Maicon e sua mãe, já acordada, aguardando no fim do corredor, próximo ao quarto do casal. Os dois haviam se trancado lá, e saído após ouvirem os gritos desesperados do homem, que ainda gritava apavorado olhando para todas as direções.

— Isso é loucura! Repetia sem parar.

Olhava para todos os cantos, até avistar seu revólver sobre a televisão. Correu até a sala. Maicon tremeu de medo, em sua cabeça já imaginava a cena: “O homem pegaria a arma e, antes de descer ao porão, acertaria dois tiros nele e dois em sua mãe, em seguida mataria aquele que tentou ajudá-lo.”

Maicon começou a tremer em medo, e viu Santiago sair do porão, com um corte no braço. Santiago parou em frente à porta do porão. O homem agora estava parado em frente à televisão, olhou a arma, mas viu na tela negra da televisão o lobo parado atrás dele, próximo à porta de onde saiu. Um calafrio terrível arrematou sua espinha. Em vez do revólver, o homem pegou chave de seu carro, que também estava sobre a tv. E, sem olhar para trás, saiu pela porta da frente, alcançou seu carro e fugiu em pavor!

Maicon foi correndo em direção à porta de entrada. Sentiu uma leve brisa de esperança e felicidade bater naquela casa. De repente, a Lua brilhou mais, e aquela casa já não parecia tão escura. Olhou para o lado e viu Santiago em pé, viu em seu braço um corte superficial, seu coração acalmou-se, e as lágrimas novamente brotaram de seus olhos.

Olhou para trás, e disse:

— Mãe, ele foi embora!

A mãe pôs as duas mãos na boca e começou a chorar.

— O pesadelo acabou! Disse a mãe.

— O que você fez? Indagou Maicon tentando conter o choro.

— Ahhh! Respondeu Santiago em tom descontraído.

— Apenas pedi gentilmente que fosse embora, e ele afirmou que nunca mais retornaria.

Maicon correu para perto da mãe e a abraçou com força.

— Somos só nós dois agora, mãe! Vou cuidar da Senhora. Nunca mais teremos medo em nossa própria casa. Prometo que nunca mais vai sofrer.

A mãe chorava enquanto abraçava o filho com força.

Santiago desviou o olhar, pois sua presença ali não mais era necessária. Deu alguns passos em direção à porta. Ouviu passos apressados.

— Espera aí cara de c... Disse Maicon impulsivamente!

— Digo, por favor, espera, Santiago. Não tenho nem o que lhe dizer... Antes que finalizasse a frase foi interrompido.

— Você não precisa me dizer nada Maicon, apenas fazer. O destino lhe reservou duas mortes nesta noite. Mas, em vez disso, você ganhou uma nova vida e a chance de ser feliz!

Santiago fechou os olhos e respirou. As seguintes palavras foram difíceis de proferir.

— Você foi salvo e renasceu esta noite e...

Precisou respirar novamente.

Maicon percebeu que Santiago estava fazendo grande esforço para dizer uma simples frase.

Santiago completou.

— Você foi salvo, ganhou uma nova vida e, principalmente, foi perdoado! Eu te perdoo por todos esses anos que me oprimiu. Eu te entendo.

Maicon não pôde mais conter nem disfarças as lágrimas.

Caiu de joelhos.

— Sinto muito, Santiago! Me desculpa!

Santiago deu um leve riso, que rapidamente disfarçou. Maicon realmente havia se arrependido.

Santiago manteve sua pose, e disse:

— Espero que aproveite bem essa nova chance que a vida lhe trouxe.

Desta vez não havia mais ternura nem simpatia na voz de Santiago. Seu timbre mudou para pronunciar as próximas palavras. Palavras que agora exerceriam uma nova e positiva influência em Maicon.

Santiago proferiu contundentemente:

— Dá próxima vez que ver um menino inocente à beira de um abismo, não o empurre, mas estenda a mão e o salve! Viva sua vida de forma honrada, fazendo sempre o bem, mesmo que o mundo ou as pessoas não mereçam. Esse é seu dever: doar-se! Ou o lobo voltará para cobrar esta dívida. Você me deve sua vida!

“Eu perdi a minha para salvá-lo.” Sussurrou para si, saindo pela porta.

Santiago sentia-se bem e satisfeito. Purificar aquela casa trouxe-lhe uma paz de espírito que ele não conhecia. Sua paz foi interrompida por um ínfimo, porém presente sentimento de medo.

— Eu falhei em vingar-me, e certamente o Algoz se vingará de mim. Serei devorado.

Disse isso e saiu caminhado pela rua. Um vento começou a soprar, vento esse que ele conhecia bem, pois trazia consigo o pesar de seu destino. O vento batia contra o corpo de Santiago, em suas costas, como se estivesse tentando empurrá-lo para a frente. O que sua aguçada visão era capaz de enxergar a distância, uma pessoa normal não poderia, senão com auxílio de um binóculo, para captar um pequeno borrão negro na noite. Mas os olhos do Santiago podiam ver claramente que o Algoz trotava em sua direção para tomar o que lhe pertencia, para saciar sua sede de sangue. Santiago falhou no desafio do Algoz da Vingança, e agora será devorado!

Capítulo 8 - Primeiro Interlúdio

O renascimento da luz

O menino agora caminhava ao encontro de seu destino. Não mais fugiria, nem se esconderia, não tentaria nenhum atalho. Havia aplicado a “Justiça dos Lobos”, mas não para si, não da forma egoísta como determinou o Algoz; ele não se vingou, não manchou sua alma com sangue inocente. Aplicou a justiça salvando uma vida. Combateu a injustiça sem aplicar violência, revelou ao pai de Maicon a força de sua alma, e este não teve forças para contra-atacar.

Santiago tinha plena certeza de ter vencido o desafio do quarto lobo, mas perdido o da vingança.

Enquanto caminhava, era impossível contar a onda de lembranças que inundava sua mente. Lembrou-se de sua jornada, do seu honroso caminho até o momento e de quão grande tornara-se com a influência desses lobos. Todos os homens, indiferentemente de crenças, gostos e temores, sempre enfrentarão lobos, coiotes, hienas e ovelhas ao longo de suas vidas. Cabe a cada pessoa separar-se dos carniceiros, não aplicar violência às ovelhas, ou seja, aos mais “fracos”, respeitar os lobos, e aprender o que puder com estes a ponto de tornar-se um. Se não conseguir, pelo siga-os; se não puder segui-los, então saia do caminho!

Os lobos que se manifestaram para Santiago o socorreram quando mais precisava. Sejam eles seres espirituais, sejam meros seres fruto da imaginação do garoto, esses lobos ensinarão as lições de que precisa para fortalecer seu caráter, ajustar seu caminho e corrigir as falhas e atalhos. Sua vida mudaria para sempre.

A realidade, sendo fantasia ou não, era que as qualidades e dogmas que precisava adquirir para salvar sua vida haviam se manifestado em forma de lobos.

A jornada que começou, quando um menino inocente e atormentado despencou de um penhasco, estava chegando ao fim. Mesmo que esse fim fosse perecer ante o terrível Algoz do Medo, o menino havia chegado ao fim de sua jornada, mesmo que esta não termine da maneira esperada.

Sentia em seu interior um pouco de frustração pelo espírito humano, porque foi de um homem que nasceu o medo, a avareza, a inveja e tudo que há de torpe neste mundo. Entendeu que o Algoz, que cobiçava seu coração, não representava apenas seu medo ou crueldade, senão a encarnação das próprias trevas que habita o coração do homem. Trevas que agora tinham a forma de um lobo, que estava diante de Santiago.

O Algoz já o esperava no fim da rua. O menino podia vê-lo claramente: imenso, sua face era a maldade incorporada, a encarnação de todos os pecados do homem, todo o terror e tormento estavam incubados nesse lobo.

O garoto não diminuiu o passo, não hesitou; continuou indo ao encontro de seu derradeiro carrasco. Enquanto caminhava, olhava as estrelas, e notou uma imensa nuvem negra prestes a ofuscar a luz da Lua. Seu caminho era iluminado com as poucas luzes artificiais dos postes que piscavam sem parar devido à ventania que iniciava.

O vento soprou ainda mais forte, empurrando Santiago na direção do lobo. Santiago parou. O lobo, que estava sentado, ficou em pé. Juntos seguiram de encontro. O Algoz tinha a boca aberta e a respiração ofegante, sua saliva escorria por seus dentes amarelados. Os dois caminhavam no mesmo ritmo e, pouco a pouco, o lobo aumentava a passada até começar a correr, enquanto o menino ainda caminhava.

O menino fechou os olhos e, num momento de concentração profunda, apurou os sentidos que, um a um, despertavam com toda a potência. Ele pôde sentir todos os cheiros a seu redor, pôde ouvir, como um estrondo, seu

coração uivando no peito; também pôde ouvir o coração de uma coruja começar a bater forte antes de alçar voo e ir em direção a um roedor. O menino ouviu a carne do roedor ser dilacerada. Sentiu os músculos expandirem-se e pôde sentir toda a superfície irregular da estrada por onde andava. Podia sentir o gosto amargo da morte inundar seu paladar. Abriu seus olhos e sua visão foi ao longe, estava ainda mais aguçada; via em sua frente o algoz a toda velocidade em sua direção.

Santiago manteve a calma e a serenidade de quem aceitou seu destino. Mas não há sentido em partir desta vida sem dizer: “Posso morrer, mas não sem antes ter vivido ao máximo; posso cair, mas não sem resistir em pé enquanto há forças para sustentar-me; posso ser atingido por um golpe mortal, mas não sem antes desferir um golpe fatal.”

Começou a respirar pela boca, expirava com tamanha força que fazia um som alto, esvaziava tanto seu pulmão que sentia seu abdômen contrair-se totalmente. Então a fúria encarnava em seu ser, era tão poderosa que não podia ser contida dentro do garoto. Ela aquecia tanto seu corpo que sua saliva evaporava rapidamente, vapor saía por suas narinas e boca, como se, fora de seu corpo, fosse um ambiente inóspito e glacial.

Começou a correr e, de repente, um forte sentimento o preencheu totalmente, sobrepujando qualquer outro pensamento. Santiago agora pensava em vitória, em resistir e em sobreviver! É perto do fim que percebemos as pequenas coisas boas da vida, que estão tão diante de nossos olhos a ponto de fugir de nossa visão. O menino estava vivo e era bom estar vivo, era ótimo viver! Era bom conhecer universos todos os dias nos livros que lia, era bom sentir o cheiro do orvalho pela manhã, o cheiro da chuva no campo, deitar em uma tarde qualquer e apenas olhar a chuva e ouvir sua canção ao bater no teto da cabana. Santiago agora recusava-se a aceitar seu destino.

“Jamais entregarei de bom grado minha vida! Se quiser, tome a força!” Gritou Santiago enquanto corria a toda velocidade em direção ao Algoz.

Recusava-se a entregar seu coração ao Algoz. O vento soprou ainda mais forte, os postes balançavam-se com violência, os galhos das árvores mais frágeis começaram a partir, folhas eram arrancadas das árvores mais fortes, a poeira subia ao céu, o vento soprava forte agitando agressivamente os fios de luz do poste. O vento soprou para longe a nuvem negra que ofuscava a Lua Cheia. A luz da Lua acompanhava Santiago em sua corrida até o Algoz.

Santiago iluminava os trechos da rua onde passava; o Algoz trazia consigo a escuridão.

Quando estavam próximos, o vento forte fez dois fios de alta tensão chorarem-se, e uma enorme faísca surgiu, explodindo um dos transformadores. Como um trovão explodindo em fúria, as faíscas voavam ao céu noturno como fogos de artifício iluminando o campo de batalha. Santiago, a poucos metros do Algoz, fechou os punhos e tentou uivar para a noite, mas foi sua voz que saiu pela boca, gritando enfurecido: “Ahhh! Algoooooz!”

Cerrou ainda mais os punhos. O menino corria para seu destino sem medo, nem mesmo uma alcateia inteira poderia conter seu ímpeto. Os dois estavam mais próximos, e o Algoz abriu sua boca descomunal formando uma mordida mortífera, sua mandíbula tinha uma força capaz de cortar uma ovelha ao meio. O Algoz estava quase ao alcance de seu punho. O menino estava quase ao alcance de seus dentes. Quando ambos estavam prestes de desferir seus golpes, Santiago, mais atento do que nunca, percebeu duas sombras saírem da mata e moverem-se rapidamente em direção ao Algoz, trombando ferozmente contra o Lobo Negro. Foi um som terrível de ouvir. Os lobos gritaram de dor.

Santiago não conseguiu simplesmente parar, e acabou se chocando contra os três lobos, que, por sorte, bateu na lateral do Algoz, amortecendo um pouco o impacto.

Santiago foi o primeiro a se levantar. Logo observou os dois lobos marrons caídos perante o Algoz.

Era claro que haviam levado a pior nesse confronto, pois o Algoz era imenso se comparado aos demais. O Algoz e os dois lobos foram parar a metros do menino, devido ao forte impacto. O Algoz estava tonto e caído e levou segundos para ficar novamente em pé. Embora tonto, percebeu as duas sombras também se levantarem e o cercarem.

— Vocês?! Disse enfurecido!

— Sua justiça é fraca! Não pode me parar!

— E a vocês não haverá perdão! Disse o Algoz aos dois lobos.

O menino estava em pé e observava o Algoz agora sendo cercado pelos dois lados, que eram gêmeos: o Lobo Cego da Justiça e sua réplica quase idêntica.

Santiago não sentiu alegria nem agradecimento em ser socorrido, e gritou

enfurecido:

— Esta é minha luta! Eu sou seu adversário! Ele é a minha presa!

O Algoz lançou-se em sua direção como que aceitando seu convite para duelar.

Santiago foi surpreendido com a velocidade do Algoz. Antes que pudesse reagir, uma forte luz brilhou do seu peito, impedindo que o Algoz o alcançasse. O Algoz estava temporariamente cego.

Nesse momento, Santiago viu seu peito iluminar-se com a luz da Lua, e do seu peito pôde ver uma luz sair e se projetar a frente. Essa luz cegou a todos por um instante. Quando toda a claridade se dissipou, o Algoz pôde ver em sua frente o renascimento da luz, o afloramento da coragem e da força de vontade do garoto, que era tão grande, tão capaz, tão confiável, que se materializou trazendo de volta à vida o Alfa.

A força de vontade e a coragem renasciam. A escuridão não mais sobrepujaria a luz. E essa luz era o Alfa renascido, porque a coragem nunca morre de verdade. Sua ausência nunca será eterna.

O Lobo da Justiça e seu gêmeo aproveitaram a distração e atacaram o Algoz que se descuidou por um momento, embora forte e rápido, foi atingido por uma forte mordida que lhe arrancou um pedaço da coxa esquerda. A Justiça Cega era ágil, e desviava de todas as suas investidas.

O Alfa juntou-se à luta. Era o momento de a coragem mostrar sua força, mesmo sendo menor em tamanho, era feroz, seus ataques eram certos. Embora não tirasse pedaços do Algoz, cada mordida causava um grito de dor e de lamentação do Lobo Negro. Os dois lobos gêmeos atacaram simultaneamente de ambos os lados, um pegou em sua pata esquerda; outro, em sua pata dianteira direita, ambos puxaram com força e morderam ainda mais. O Algoz caiu com as patas esticadas e, nesse instante, o Alfa aproveitou a chance para mordê-lo com força no pescoço, dominando-o.

O menino observava a luta, preparando-se para o momento que tivesse de intervir. Não deixaria os outros batalharem sozinhos em seu lugar. O Algoz, maior em tamanho, ficou em pé suspendendo os lobos no ar; numa sacudida agressiva desprendeceu-se de seus captores.

— Ninguém irá salva-lo! Gritou o Algoz enfurecido virando-se para Santiago.

Lançou-se em direção a Santiago com a boca aberta, o menino esquivou-se rapidamente deixando o lobo morder o vento. Santiago escapou da mordida, mas o lobo traiçoeiro trouxe suas garras de encontro ao garoto e rasgou-lhe o peito fazendo com que seu sangue começasse a escorrer por sua camisa branca. Não foi um ferimento fatal, mas em seu peito para sempre haveria uma cicatriz em forma de garra.

Santiago levou suas mãos ao peito e caiu com um joelho ao chão. Olhou para a mão e viu seu sangue. Sentiu-se nauseado e tonto por um momento. O corpo do menino bem como sua coragem enfraqueceram instantaneamente. Os lobos, como se retirassem sua força do menino, também perdiam as forças, e interromperam o ataque.

O Algoz percebeu que era este o *gran finale*. Aprontou-se novamente e lançou-se num novo ataque.

Antes que pudesse se aproximar o suficiente de Santiago, este mostrando sua tenacidade, embora seu corpo começasse a falhar, retirou a força de seu espírito, cerrou os punhos com fúria, e desferiu um golpe em direção ao Algoz, que foi incapaz de conter, indo de cara e a toda velocidade de encontro ao punho fechado de Santiago.

O soco de Santiago acertou o Algoz em cheio no meio dos olhos, acertando-o com toda a força de sua alma!

O lobo instantaneamente recuou abalado dando dois passos para trás. O Algoz também tinha tenacidade e, ao contrário de seus irmãos, não retirava sua força do garoto, tinha sua própria alma humana para dar-lhe forças.

Estava ele com um dos olhos fechados e com o outro observava o garoto em sua frente, sangue escorria entre suas garras. O lobo aprontou-se para o segundo ataque, ainda havia muita força e crueldade em seu corpo.

O Algoz do medo atirou-se em direção a Santiago, mordendo-lhe o pescoço e arrancando-lhe um enorme pedaço. Os olhos do menino ficaram pálidos, e ele caiu sem vida ao chão.

— O que aconteceu? Indagou o Algoz ao ver o menino vivo e em pé em sua frente.

— Eu acabei de atacá-lo! O que fez, maldita Presa de Lobo?

Mesmo que sua mente houvesse realizado um segundo ataque, seu corpo não o fez. Seu corpo o compeliu a parar. Seu instinto de lobo o fez parar. Esse

sentimento o impediu de mover-se. Nunca antes havia sentido essa sensação desagradável, era algo diferente do ódio e da maldade que sempre infestava sua mente e coração. Essa sensação incômoda era como um verme a roçar em sua pele, que sentia aumentar de intensidade, a entrar pela carne, causando-lhe dor, até alcançar sua cabeça!

— Por que não consigo me mover? Gritou angustiado.

O Algoz do Medo, agora encontrava-se paralisado e, por primeira vez em sua existência, sentia o amargo sabor do pavor.

Passou a pata em seus olhos na intenção de voltar a si, manchando os próprios olhos com o sangue do garoto.

— Estou com medo? Estou com medo desse menino maldito?

Desnortado por essa nova sensação, ele perdeu o menino de vista. Procurou em todas as direções, mas não o encontrava. Sua distração custou-lhe caro. Como em sincronia, percebeu três lobos o atacarem, sentiu uma forte dor na perna direita, em seguida uma forte dor aguda em seu pescoço quando dois dos lobos envolveram sua boca ao redor dele. Instintivamente, tentou se desprender mas desta vez faltou-lhe força — ou coragem! Só o que sentia era sua força esvair-se.

Aos poucos os lobos o dominaram. O Algoz emitia sons de desespero enquanto tentava se desprender. Foi lentamente perdendo suas forças e, de suas feridas, seu sangue escorria rapidamente. Franco, seu ímpeto havia sido totalmente destruído. Os lobos enfim o soltaram.

Tentou se levantar, mas as pernas estavam mortas. Levantou levemente a cabeça e olhou em sua frente e ali estava o menino parado, com um olhar penetrante.

O lobo não conseguiria atacar, não era só algo relacionado a sua força, mas, sim, seu instinto o fez ficar imóvel. Não havia mais medo em Santiago.

O Alfa também o olhava com um olhar sério e dirigiu-se para o lado de Santiago.

Chegando ao lado do menino, o Alfa disse:

— Algoz, não reconhece o que está em sua frente?

O Algoz olhou com seus olhos fracos e olhar incrédulo.

O Alfa prosseguiu.

— Algoz, reverencie aquele que o derrotou, reverencie este lobo em forma de homem!

O Algoz hesitou, mas ainda havia nele algo tão forte quanto o medo que sentia ou o medo que causava.

Nele ainda havia resquícios do momento de sua criação, alguma pequena fagulha do que ele foi antes de se corromper, e essa fagulha fez com que baixasse a cabeça reverenciando o homem em sua frente.

Sua escuridão perderá todas as forças e influência.

O menino estava livre e purificado da influência negativa do Algoz.

Uma corrente surgiu no pescoço dos demais lobos. Esta se quebrou e soltou-se no ar desaparecendo por completo. Os lobos enfim estavam livres!

— Você me derrotou, menino! Disse o Algoz, conseguindo ficar sentado.

— Mas a magia do velho índio que me aprisionou era falha, ligou meu destino aos demais lobos, posso não ser capaz de ter devorado seu coração, mas estou livre de minhas algemas, estou livre no mundo! Estou livre no mundo! Disse o enfraquecido Algoz

Com força suficiente para ficar em pé, novamente falou:

— Ainda iremos nos encontrar, Presa de Lobo. Você jamais pode derrotar o medo. Você pode afastá-lo temporariamente, mas ele sempre irá voltar. Prevejo que iremos nos encontrar algum dia, e aí sim irei devorar seu coração. Disse isso e saiu cambaleando para a mata, onde entrou e desapareceu.

Um silêncio se seguiu enquanto os desfechos dessa noite se encerravam. O menino continuava olhando para o local onde o Algoz sumira, sem temer seu retorno.

— Ele não irá voltar tão cedo. Disse o Alfa.

— Não tema, Santiago, mesmo que esse lobo seja a encarnação do mal e do medo, o medo também é necessário ao lobo!

— O medo é necessário ao lobo?

— Sim! Você pode afastá-lo, mas ele sempre existirá!

— O que você quer dizer com o medo é necessário ao lobo?

— O medo e a insegurança podem ser sua inimiga e te paralisar, até mesmo o

apavorar, mas o medo e a insegurança o ajudam a ser um lobo prudente e sensato, agindo com cautela e não deixando seus instintos o dominarem. Você derrotou seu medo, mas não é sensato afastá-lo totalmente, a ponto de transformar essa vitória em excesso de confiança. O lobo vence a presa porque transforma seu medo em cautela. Ele não baseia seu ataque apenas com a confiança em sua força, ele age sempre com prudência. E quando essa cautela falha, o lobo ainda pode contar com seus companheiros. Você venceu! Você agora nos governa. Uma parte de cada um de nós viverá em você para sempre.

O menino refletiu por alguns momentos.

— Mas eu ainda tenho muitas dúvidas e perguntas. E o que vocês farão agora?

— Não cabe a nós responder. Para essas tantas perguntas, algum dia um novo lobo com a resposta certa cruzará seu caminho. Esta alcateia é composta de seis lobos, que nasceram de um homem. Seis desafios que foram deixados por ele e que, por coincidência, desafios que você precisava vencer para iniciar sua nova jornada ou encerrar uma velha jornada. Seja qual for sua dúvida, não poderá aprender com nós. Podemos aparecer para você quando nos chamar, de tempos em tempos, quando a parte de nós que vive em você falhar. Chame-nos e iremos aparecer para você. Quando sua coragem fraquejar, me chame, e o lembrarei de como é corajoso!

O Lobo Cego se aproximou para completar a história.

— Você venceu a mim, ao meu irmão e foi capaz de trazer o alfa de volta a vida fazendo aflorar a sua grande coragem e força de vontade, sobrepujando as trevas que existiam no seu coração.

— Você me venceu ao aplicar a justiça, sem ser em proveito próprio e, ao mesmo tempo, conquistou meu irmão, que representa o perdão, que é algo tão difícil e dolorido de ser alcançado. Você o conquistou ao perdoar Maicon por todos esses anos de opressão e, sobretudo, por perdoar a si mesmo pelos erros que cometeu. O Alfa, assim como o medo, nunca poderá ser destruído! Embora em algum momento sua coragem possa estar enfraquecida, ela nunca deixará de existir dentro de você, pois demonstrou coragem em todos os desafios de sua jornada, e agora carrega em si a força de vontade para conquistar tudo que deseja.

— Devo-me tornar um lobo e ir com vocês? Perguntou o menino.

— Não, menino! Você não se tornou um lobo.

— Você se tornou um homem.

— Vá e viva sua vida como homem!

Os demais lobos surgiram em sua frente oriundos de ambas as direções da mata. Contemplaram-no por instantes. Santiago pôde ver o Lobo da Fúria, que balançava a cabeça positivamente. Cada lobo se despediu de Santiago, e partiu para lados diferentes.

Antes que o Alfa fizesse o mesmo, o menino tinha uma última pergunta a fazer:

— Isso não é justo! Sou um companheiro de vocês, não sou? Não quero ficar sozinho! Ainda tenho muitas perguntas! O que eu encontrarei no livro de meu avô?

O Alfa riu por um momento.

— É um livro grande demais e não retrata toda a verdade do que aconteceu. Como você conquistou cada um de nós, irei dar-lhe um presente, talvez uma resposta para mais algumas perguntas. Ainda resta em mim um pouco da magia do velho índio que me originou.

Santiago, agora tinha mais dúvidas ainda.

— Que índio seria esse? Que origem seria essa?

— Amanhã, durante os primeiros raios de sol, levarei sua resposta. Por hora, descanse e cuide desse ferimento!

Disse isso indo em direção à mata.

Segundo Interlúdio - Uma Visita

Inesperada

Santiago dirigiu-se para sua cabana, o luar era o último companheiro que o restava, acompanhando-o até que o menino chegasse em casa.

Logo que entrou, sentiu uma pequena solidão, até mesmo o fato de não ter mais um adversário a vencer o chateava. Procurou rapidamente o kit de primeiros socorros, seu sangue já havia coagulado no peito, junto com fiapos da sua camisa. O menino lavou bem a ferida, ardia como se estivesse jogando sal no machucado.

A maioria dos medicamentos estavam vencidos a muito tempo, pegou uma gaze, fez uma compressa com água e lavou bem seu ferimento. Após colocou algumas camadas de gazes e esparadrapos, era um curativo grotesco de mal feito, mas resolvia seu problema. Torcia para que esses simples cuidados fossem suficientes. O menino sentia-se exausto, chegou até a cama e nem retirou as roupas sujas de sangue, desabou caindo em um sono profundo e sem sonhos.

O resto da noite não foi longa, e conforme o alfa disse, os primeiros raios do sol surgiram, e o menino receberia uma visita inesperada nesta manhã.

Toc. Toc... Silêncio.

Novamente, toc, toc. Desta vez com mais força. Santiago levemente ouviu.

Desta vez, ao invés de uma batida na porta, o menino foi despertado por um uivo forte!

Assim que despertou, novamente escutou um som forte de batida na porta. Levantou-se bruscamente e atendeu. Tropeçou e caiu de joelhos no chão. As batidas se intensificavam.

Ele precisou de alguns segundos para afastar de vez o sono e concentrar-se no que estava acontecendo. Foi até a porta e girou a maçaneta, a porta se abriu, os raios do sol bateram com força em seu rosto forçando seus olhos a fecharem-se por uns minutos. Quando pode ver, olhou a frente, mas não tinha ninguém. Desceu os degraus da cabana, olhou de um lado ao outro e não viu ninguém. Subiu, entrou, fechou a porta, e quando deu-se conta, havia um grande lobo deitado em cima da sua cama.

O menino primeiro olhou desconfiado a cena, mas logo foi tomado de uma

alegria. Os desafios ainda não acabaram! Pensou consigo mesmo.

Sob a cama, o lobo roçava-se saboreando o momento.

— Ahhh! Como eu senti saudade dessa cama velha! Disse o lobo.

Em seguida desceu da cama e veio próximo ao garoto. Cheirou o menino descaradamente.

— Urgg, você tá fedendo, hein!

— Outro lobo? Este eu nunca vi. Pensou o ainda pouco sonolento menino.

O lobo o olhava da cabeça aos pés, deu uma volta ao redor do menino.

Vejo que não passou muito tempo. Você ficou forte moleque.

Este lobo que o cercava era velho, faltava-lhe alguns dentes, tinha um grande ferimento já cicatrizado em uma de suas laterais, seu pelo parecia palha seca de tão cinza que era, em sua juventude esse lobo poderia ser preto, marrom, mas agora só restava um pelo velho o cobrindo.

O menino então disse para o lobo:

— Quem é você? O que quer na minha casa?

O lobo deu uma enorme gargalhada.

— Sua casa? Essa casa é minha! Pelo menos era, até você me matar.

Nesse momento o lobo o olhou com olhar de tristeza.

— Relaxa moleque, eu não vim me vingar de você, fiz minhas próprias escolhas. Salvar o hotel da minha filha era minha missão.

Santiago arregalou os olhos.

— Quem é você?

— Você nunca foi muito esperto né garoto.

— Sou eu! Aquele a quem você deve seu lindo nome.

— Vô?

O lobo acomodou-se na poltrona, tentou sentar a bunda mas sem sucesso.

— Às vezes esqueço que agora não sou mais um homem. E riu novamente.

— Vejo que nada mudou por aqui.

Santiago derrubou algumas lágrimas e abraçou o velho lobo falando:

— Me perdoa vô?

O lobo rapidamente afastou o garoto. – Eu não vim aqui para ouvir suas desculpas, eu vim aqui para lhe ensinar uma valiosa lição.

Santiago parou e ouviu atentamente.

Meu corpo morreu garoto, isso não é novidade nenhuma. Mas meu espírito e minha força de vontade ainda vivem, em outro plano, em outra dimensão, sou uma influência positiva, uma energia positiva.

— Você é um fantasma! Disse Santiago.

O lobo respirou fundo e continuou.

— Minha missão como homem acabou, mas nada realmente morre, entende garoto? Meu espírito vive em outro plano astral. Entendeu agora?

Santiago erguia as sobrancelhas, apertava a boca e balançava a cabeça positivamente, confirmando o gesto de quem não havia entendido nada.

— Menino o que importa é que voltei, por um tempo e é isso.

— Você veio me contar sobre o Cherokee?

— Sobre o Cherokee? Você ainda não leu o livro?

— Não li! Você disse para eu ler, só quando vencesse o quarto lobo, e eu venci ontem, venci todos os lobos ontem à noite.

O avô olhou o menino desconfiado.

— Não, eu não vim para lhe contar sobre o Cherokee. Se quiser saber sobre ele, espere eu partir e então leia o livro.

Santiago correu para pegar o livro.

— Não! Você pode ler o livro a hora que quiser, eu vim me certificar que você não cometa o mesmo erro que eu cometi.

— Você quer dizer de não vencer os desafios?

O lobo deu um peteleco na cabeça do menino com sua pata.

— Você é lento demais hein! Esqueça os lobos, esqueça o desafio, você já venceu. Eu vim aqui para que você não cometa os mesmos erros que eu.

— Agora que derrotou os lobos, o que fará?

— Eu vou continuar fazendo a mesma coisa eu acho.

Falando nisso, não é hora de ir para a escola?

Tem razão! Disse Santiago correndo para o banheiro, tirou rapidamente as roupas e tomou um banho gelado, tomando cuidado para não danificar seu notório curativo. Pegou seu material escolar, um pacote de bolacha e saiu. O velho lobo o acompanharia.

Foram em silêncio até a escola, e em silêncio passaram por todo o pátio e chegaram à sala de aula.

Antes de entrar, Santiago hesitou por um minuto: “Que expressão Maicon terá? Será que contou para alguém do que aconteceu?”

Antes que pudesse formular mais um pensamento, o velho lobo o empurrou para dentro da sala de aula.

Todos os alunos estavam presentes, menos Maicon. A aula foi chata, era uma aula do tipo ocupar tempo, todo o conteúdo já havia sido ensinado e os alunos esperavam o encerramento do ano letivo a vinda da formatura. Era a última semana de aulas. A aula acabou uma hora antes, uma das professoras havia faltado.

Santiago e o lobo estavam indo para casa, ao passar por um cruzamento, Santiago decidiu ir até a casa de Maicon para ver como o garoto estava.

Santiago bateu na porta, uma, duas, três vezes e nada aconteceu. Ficou ali mais alguns minutos, aguardando que alguém pudesse aparecer, até que viu uma mulher surgindo por trás da porta.

— Oi? Você é o menino de ontem à noite? Entre por favor.

— A casa estava vazia, tinha apenas duas cadeiras na sala e a televisão estava sob o chão da casa.

— O que aconteceu com os móveis? Disse Santiago alarmado.

A mulher deu uma risada, realmente feliz.

— Ahhh! Maicon e eu queimamos tudo de madrugada! Queremos começar uma vida nova e nos livrar de tudo que nos lembre “dele”.

Santiago sorriu.

— E Maicon, onde está? Sinto-me um dedo duro, mas ele não foi a aula hoje.

A mulher baixou os olhos.

— Eu sou doente e não posso fazer trabalhos pesados, era meu marido que

sustentava a casa, não temos economias e as contas nas esperam. Eu e Maicon fomos cedo a casa do meu irmão e este arrumou um trabalho para Maicon, é uma pena ele perder a última semana de aula, mas não podemos.

— Não podemos. Repetiu a mulher.

Santiago, sentiu uma breve brisa da culpa pairar sobre a sua cabeça. Rapidamente a espantou. - Há consequências, sempre há! Você não muda a vida das pessoas, seja para o bem ou para o mal sem consequências.

— Uma pena porque Maicon precisava fazer essa última semana, ele teria que assistir aulas extras para passar de ano, infelizmente ele vai perder o ano. Disse a mulher baixando mais ainda os olhos.

— Nem pense nisso garoto. Disse o velho lobo ao perceber uma ideia formulando na mente de Santiago.

— Eu tenho umas economias, que meu avô deixou de herança, não é muito, e eu usaria para ir embora daqui, mas vocês precisam mais do que eu.

A mulher olhou para ele estarrecida.

— Não, não podemos disse.

— Eu insisto, disse Santiago pegando a pelas mãos.

— tenho certeza que meu avô ficaria feliz com isso.

— Eu não estou feliz! Gritou o avô de Santiago.

Espere aqui que eu já volto. Santiago foi até a sua casa, pegou o pequeno bolo de notas, a maioria era notas de R\$ 50,00 e R\$ 20,00, nunca se preocupou em contar, e também não preocupou-se em guardar alguma para si. Enfiou as notas no bolso da calça e saiu correndo. Chegando lá, o lobo estava deitado embaixo de uma árvore, protegido da luz do sol.

Santiago bateu novamente na porta.

Antes de entregar-lhe o dinheiro, ele impôs uma condição.

— Esse dinheiro é de vocês. A única condição é que Maicon se forme, e que não saiba de onde veio este dinheiro, está bem?

A mulher consentiu.

Na volta pra cabana, o lobo disse a Santiago:

— E agora moleque? Aquele valor era sua passagem para uma vida melhor, o que fará agora que soltou sua âncora permanentemente neste lugar.

— Eu nunca pensei naquele dinheiro, eu nunca precisei daquele dinheiro. Talvez levasse anos para eu ir embora, quem sabe eu também nunca fosse.

— Eles precisam mais do que eu.

O lobo olhou com desaprovação para Santiago.

Voltaram para cabana, e como se fosse um casal que acabará de brigar, os dois ficaram a noite sem trocar uma única palavra, um único olhar.

Na manhã seguinte, o lobo não o acompanhou até a escola. Ao entrar na sala, Santiago viu Maicon sentado na última fileira. Maicon ao observa-lo sentiu-se envergonhado. Eles se cumprimentaram sem gestos, conversaram uma amistosa conversa sem palavras. Se compreenderam pelo olhar, como se fossem velhos amigos.

No dia seguinte, o lobo já menos birrento com o ocorrido, acompanhou Santiago até a escola. A rotina do garoto, era pior do que estar morto. Escrevia, lia, comia, sentava sozinho. Ia para casa.

— É como se você não aprendesse nada hein moleque! Gritou o lobo assim que chegaram em casa.

Santiago o olhou descrente. Tudo o que você aprendeu, toda sua coragem, toda a força da sua alma, vai fazer o que com tudo isso?

— Me diga o que tem feito ultimamente? Enclausurado dentro dessa cabana, fazendo todo dia a mesma coisa? O que fará quando acabarem os livros, o que fará quando acabar a comida?

O coioote não devorou a sua inocência? Então como você foi inocente a dar todo o dinheiro que tinha?

— Eu não fui inocente não avô. Eu fui bondoso, eu sou responsável pelos meus atos. Eu os libertei não para que fossem aprisionados por contas ou refém das necessidades. Maicon após se formar irá trabalhar, eles precisavam apenas dessa uma semana, apenas que alguém acreditasse neles.

O lobo aceitou a explicação, não de maneira fácil, deu uma ou outra resmungada, mas entendeu.

— Talvez esse garoto tenha virado um homem mesmo. Pensou o velho.

Santiago havia entrado em um casulo onde sofreu uma metamorfose, e agora estava na hora de sair deste casulo e viver.

Os dias seguintes passaram voando, o lobo resmungava palavra ou outra, já

Santiago mantinha sua rotina de autoaprendizagem e disciplina de treinar seu corpo todos os dias.

O último dia de aula chegou: amigos se cumprimentavam chorando, amigas faziam planos de morarem juntas, de irem embora para a cidade grande e cursar uma faculdade. Maicon não se demorou nas despedidas e já partia; Santiago sentiu por primeira vez a falta de ter alguém para compartilhar seus momentos. Todos foram embora, e o menino lobo se via sozinho sem uma alcateia. O menino não poderia viver para sempre sozinho, trancado entre quatro paredes, esquecendo da vida real. Foi isso que o avô fez durante toda a sua vida e era esse seu maior arrependimento, e sua missão era fazer o garoto enxergar isso. Faltava apenas isso para que ele, enfim, torne-se não um lobo, senão um homem sedento por conquistas. Um lobo solitário pode ser forte, mas com o passar do tempo a solidão deixa de ser um autoaperfeiçoamento e transforma-se em prisão.

— Não sei por quanto tempo poderemos ficar junto garoto, então não vamos perder muito tempo. Disse o lobo incentivando Santiago a juntar suas coisas. Antes de sair da sala, Santiago deu uma boa olhada, pois foi seu alento por muito tempo, era algo de sua vida, de sua rotina, e sua ausência seria sentida.

No caminho para casa, o lobo disse:

— O que você pensa sobre o futuro? Passará o resto dos dias nesta cabana isolado do mundo? E seus sonhos? Suas vontades? Você carrega a vontade de lobos e de homens. E a minha vontade também vive em você! Mesmo que não queira ajudar nos negócios da família, isso não o exonera de sua responsabilidade. Este negócio é sua herança, essas terras um dia serão suas. Você tem obrigações com ela.

Nos últimos dias, o avô apenas observou o que o neto estava fazendo da própria vida. Santiago graduou-se com facilidade. Havia se formado no Segundo Grau, mas sem nenhum plano nem vontade de cursar uma faculdade ou algo do tipo.

O avô, aos poucos, tentou fazer o neto enxergar as coisas a sua maneira: contou um pouco de sua história, e de como arrependia-se de ter se isolado do mundo, de ter afastado a mulher e de ter morrido sendo um desconhecido para a filha. E não iria permitir que o neto trilhasse o mesmo caminho.

Após o fim das aulas, logo chegava as festas de fim de ano. Santiago foi convidado pelos pais a fazer a ceia com eles. Foi uma comemoração de

poucas palavras, pois não se sentia muito bem na presença dos pais. Embora estivessem todos reunidos, até mesmo o espírito do avô, Santiago começava a entender o que o avô dizia: essa sensação de “eu não me encaixo” ficará mais forte se Santiago não fizer o mínimo esforço de tornar a si mesmo “encaixável”. Após a ceia de Natal, Santiago, sem receber um mísero presente, voltou para sua cabana.

Chegando à cabana, o avô disse:

— Garoto, está na hora de eu lhe dar seu presente. Disse isso e olhou Santiago no fundo dos olhos: algo o forçou a cair num sono profundo.

O dia amanheceu, e Santiago acordou sem entender bem o que havia acontecido na noite anterior.

Estava meio confuso, e sua cabana não estava da mesma forma como lembrava.

Foi cabisbaixo até o banheiro, ligou a torneira, encheu as mãos de água e lavou seu velho rosto.

Ficou imóvel ao se deparar com sua imagem no espelho que não mais eras de um menino, senão de um velho. Assustou-se e caiu para trás diante do que viu. O lobo velho o observava rindo.

— O que aconteceu? Gritou Santiago.

— Ora essa! Eu apenas antecipei seu futuro! Se é só isso que pretende fazer da vida, para que perder tempo? Se o livro é chato, mal o folheamos e pulamos páginas. Eu lhe fiz o favor de antecipar o último capítulo de sua história.

— Esse é o destino que o espera: velho e sozinho! E estacionado no mesmo lugar! O que achou? Era isso que imaginava para você?

Santiago foi em direção ao lobo implorar para que desfizesse isso! Santiago, antes que pudesse falar, olhou pela janela e viu o que antes fora o hotel de sua família, que agora não passava de uma casa abandonada e sem vida.

— Seus pais faleceram há muitos anos, e como não havia ninguém para tomar conta dos negócios da família, o hotel fechou, e agora é a ilustre residência de ratos e vagabundos que hora ou outra dormem ali. Este é seu legado. Você derrotou o Algoz, por isso esperam-se coisas grandiosas de alguém que foi capaz de fazer isso! E, no entanto, o que você fez? Nada! Você não fez nada de sua vida! Leu milhares de livros, mas não conhece nada

do mundo, não fez nada de bom em sua vida, e o tempo passou.

— Mas eu iria fazer! Eu iria embora, e voltaria um dia para dar meu próprio toque ao hotel, para fazer do meu jeito! Eu apenas nunca havia pensado nisso direito. Dizia o velho menino.

Saíram pela porta. O mato era alto ao redor da cabana. As outras residências estavam totalmente destruídas, e o tempo apagou as marcas de suas existências. Caminharam até a casa, um forte cheiro infestava o local. As paredes estavam pichadas, os móveis estavam destruídos. Havia um porta-retrato quebrado no chão, que serviu de banheiro a algum mendigo.

A escada estava quebrada, e ele não pode subir ao andar superior. Ficou ali observando o hall de entrada, sentiu saudade dos pais, não imaginava quanto gostava deles até o dia em que não os tinha mais em sua vida.

— Se quiser posso lhe mostrar a sepultura de seus pais. O tempo já apagou as marcações, mas lembro o local.

Santiago derramou lágrimas e olhou para o velho lobo.

— Eu já sei, você é mais um desafio! É velho, é experiente. Você é a sabedoria?!

O lobo fechou os olhos, respirou fundo e gritou:

— Só porque sou velho tenho de ser sábio? Não sou a sabedoria, sou seu desejo de viver!

Depois de gritar, o lobo agora tinha uma feição generosa e terna.

— Quero alertá-lo: não viva em solidão, meu filho. Não se exclua num quarto ou numa caverna. Não seja uma ilha inacessível. Abra-se ao mundo, às pessoas! Você é um homem, não tem desejos de homem? Nenhum livro que leu pode realmente explicar como é amar uma mulher! Nenhum livro que leu pode sequer explicar a explosiva emoção que é balançar um filho! Se deseja nada disso, não tem problema, mas simplesmente visite o mundo, tenha conquistas, seja respeitado. Do que adianta uma alma forte dessas e ninguém para apreciá-la? Pessoas boas têm o poder de mudar o mundo. Às vezes falta vontade ou incentivo, mas mesmo que o mundo não queira, tente! Tente somar! O tempo é um lobo impiedoso e não espera que ninguém se decida, ou que decida a hora de mudar e melhorar.

Santiago concordou.

— Entendo, avô. As palavras foram rápidas, e o som delas já se dissiparam. Se eu tentar lembrar não lembrarei a metade do que me falou. Mas eu sinto, eu senti o que quis dizer; senti seu pesar, seu arrependimento. E essa sensação, essa dor, esse coração pesado, jamais esquecerei. Eu lhe juro que farei meu melhor! Que serei lembrado, respeitado e, acima de tudo, deixarei meu legado neste mundo. Pois sou um homem com alma de lobo!

O avô consentiu, mas interrompeu o pensamento do neto.

— Que pena que é tarde demais. Você perdeu seu tempo e agora está aí, velho e sentindo essa dor no peito. Está sentindo Santiago?

De repente o menino sentiu uma dor aguda no peito.

— O que é isso? Perguntou o velho menino apertando com força o coração.

— Isso é um ataque cardíaco! Você irá morrer, e tudo que conquistou e principalmente o que não conquistou morrerá com você.

Santiago sentiu a dor se intensificar, sua visão ficou turva e logo a luz se apagou.

O lobo ria alto enquanto o menino eremita morria.

Santiago acordou com uma batida na porta. Acordou apavorado tocando a si mesmo, sentiu a dor de seu peito machucado, correu para a frente do espelho e viu a si mesmo novamente jovem!

As batidas na porta se intensificaram. Santiago a abriu.

O velho lobo o aguardava com um sorrisinho no rosto.

— Bom dia, velho eremita! Disse o lobo da vontade de viver.

— Eu entendi, avô. Um lobo solitário só terá isso em sua vida: solidão. Pode ser difícil no começo, mas tentarei viver em sociedade, criar minha própria alcateia. Não quero permanecer aqui nesta cidade, quero conhecer o mundo e ter histórias para contar. Quando precisar, retornarei, mas só depois de ter visto o mundo com os próprios olhos, e não apenas ler relatos de homens que tiveram a coragem de viver suas próprias vidas.

— Muito bom, garoto! Minha missão foi cumprida.

— Para onde vai agora? Disse Santiago enchendo os olhos de lágrimas, pressentindo o momento de separação entre os dois.

— Primeiro vou lhe contar a história do Cherokee. E, em seguida, partirei

para algum lugar onde algum menino tolo precise de minha influência para despertar em si a mesma vontade de viver e a curiosidade de conhecer o mundo que agora você possui.

O avô então contou ao menino a lenda do Cherokee e o Lobo.

Fim dos Interlúdios
(Lapso Temporal)

Capítulo 9 - A Lenda do Índio Cherokee e o Lobo

O índio nasceu nas montanhas da Dakota do Sul. Ele e seus pais eram os remanescentes de origem Sioux pertencente ao Clã dos Lobos.

Após uma derrota, ele e sua família procuraram refúgio num acampamento Cherokee. O ano era 1870, e eclodia uma terrível guerra civil no coração dos Estados Unidos da América.

O índio nasceu e cresceu nas planícies da Dakota, aprendeu desde cedo o ódio que pode nascer da diferença que existe entre os homens. Ele sempre acreditou que, ao retirar a cor, todos os homens eram os mesmos, oriundos da mesma terra, e um dia retornariam a ela.

Era mais um dia normal na aldeia, até a chegada da cavalaria que tinha como missão expulsar os índios daquele local. O índio ainda era criança e foi o único poupado. Andava sempre abraçado com um filhote de lobo que havia encontrado numa das caçadas da tribo.

Após a terrível batalha de Little Bighorn, os Cherokees que sobreviveram foram forçados a fugir mais para o norte. O menino havia sido separado dos pais, e capturado por um soldado sulista, que, em troca de dinheiro para fuga,

vendeu o menino e seu filhote de lobo para um mercador de escravos.

O mercador, a fim de fugir da guerra, resolveu levar seus negócios para outro mercado novo e pouco explorado: uma terra chamada Brasil. Durante a jornada de barco, o índio Sioux passou a ser chamado de Cherokee, e este tornou-se seu novo nome.

O índio e o lobo foram vendidos como escravos. Foram parar no interior do Brasil, numa grande fazenda de café.

O índio era mais um dos tantos escravos que ali vivia, diferenciando-se apenas por sua cor e crenças, distintas das demais. O Barão do Café aceitou até mesmo o lobo que o acompanhava.

Pensou que o índio e o lobo pudessem ser mascotes exóticos, de modo a exibi-los como fonte de força e riqueza aos demais barões e coronéis que dominavam o Brasil à época.

A vida era difícil para o índio, e o Barão, ao longo dos anos, foi demonstrando sua crueldade e necessidade de provar-se sempre superior.

A pacata vida na fazenda de café mudou drasticamente, por causa do sumiço de uma jovem escrava.

Alguns diziam que a menina havia fugido; outros que ela havia se afogado, e o rio fizera o trabalho de sepultar seu corpo.

Mas havia outros que culpavam o lobo pelo sumiço.

Com o decorrer dos anos, mais desaparecimentos aconteceram, e mais escravas com misteriosos ferimentos surgiam.

O índio aplicava nos escravos suas curas, e tentava manter vivo alguns de seus costumes.

Em uma noite, uma das escravas contou ao índio que foi atacada não por um animal selvagem, mas, sim, pelo Barão, que não queria os prazeres da carne, senão causar dor e exercer seu direito de propriedade, e que cada escravo só estaria vivo enquanto ele permitisse.

O índio, já adulto, era contra as práticas do Barão. Todas as noites o Barão tentava ferir alguém, e, de dia, o índio curava suas feridas.

A fazenda era imensa, e a menina ferida da noite anterior era deslocada para trabalhar noutra área, longe dos olhos do Barão. O feitor era um homem justo e, mesmo sem querer, colaborava com esse ciclo de violência e cura.

A sede de crueldade do Barão passou a intensificar-se. O índio e o lobo pressentiram que precisavam agir.

Certa noite, o lobo desapareceu, e por dias ninguém mais o viu. O índio temia por seu companheiro, e o Barão achava que o lobo havia fugido ou que alguma fazenda vizinha o havia roubado.

Na noite seguinte, o Barão bebeu mais do que costumava. Era noite de Lua Cheia, e o luar iluminava toda a fazenda.

Olhava pela janela e contemplava com ganância sua vasta propriedade, mas não suas terras, senão suas propriedades de carne e osso que caminhavam pelos campos. Em sua cama havia uma escrava amarrada que já estava inconsciente de tanto que havia apanhado. No canto do quarto duas outras escravas o olhavam encolhidas e aos prantos.

O Barão tomou um longo gole de vinho direto da garrafa, depois a arremessou longe, virou-se em direção às escravas, e o silêncio da agonia daquelas mulheres foi quebrado por um uivo solitário ecoando na noite.

O Barão, já alterado pela bebida, decidiu aproveitar o luar para caçar o lobo, queria vingança pela ingratidão do lobo e de ter fugido depois de ele haver permitido que vivesse tantos anos com o índio. Colocou apenas uma calça, pegou sua espingarda e saiu do quarto.

— Enterre essa escrava e queime esses lençóis. Disse às duas antes de sair.

O índio dormia quando foi bruscamente acordado por seu Senhor, que trazia consigo uma espingarda.

— Vamos! Você vai rastrear esse lobo para mim!

Os dois adentraram a floresta, o índio usou todas as suas habilidades para rastrear seu companheiro. Dentro de si sentia um grande conflito: servir a seu Senhor ou ser fiel a seu amigo.

Caminharam por algumas horas e, ao chegar à beira de um riacho, ouviu-se novamente o uivo.

Ao longe pode-se vislumbrar seu semblante iluminado pela Lua que já estava alta no céu.

— Muito longe para acertar! Exclamou o Barão.

— Vamos nos aproximar.

O índio também trazia consigo uma arma, seu machado herdado de seu pai.

Ao se aproximar da rocha onde avistou o lobo, o Barão teve uma ideia para atraí-lo.

Apontou a arma para o índio e disparou.

A bala raspou seu braço, fazendo escorrer seu sangue.

— Sente esse cheiro? Gritava o Barão.

— É o sangue do meu índio! Sangue que você me obrigou a derramar. Venha salvar seu amigo.

Antes que pudesse terminar de falar, o lobo o atacou rapidamente desarmando-o.

Era um lobo branco de olhos azuis, que nunca antes havia demonstrado agressividade.

Seus olhos ainda eram passivos. O índio jogou a espingarda dentro do rio e pegou seu machado.

Lobo e índio foram em direção ao Barão.

— Quantas meninas foram alvo de sua crueldade? Indagou o índio.

— Quanto sangue inocente você derramou?

O índio ergueu seu machado em posição de ataque, o balançou no ar gritando algumas palavras de guerra de sua tribo.

O machado desceu em direção à cabeça do Barão.

— Não, Hantaywee!

O índio parou poucos centímetros antes de acertar seu alvo.

Alguém lembrava seu nome, seu verdadeiro nome Sioux, que não ouvia há anos.

Olhou para o lado e viu o lobo indo em sua direção e falando:

— Não! Meu justo amigo, não manche sua alma com o sangue deste homem. Ele é cruel, mas muitas pessoas dependem dele para viver. Você deve ajudá-lo, influenciá-lo, purificá-lo.

O índio então entendeu a intenção do lobo. Lembrou-se de um ritual aprendido com o líder de sua tribo.

O barão deveria tornar-se parte lobo.

Hantaywee, em sua infância, ouviu lendas de guerreiros que, para ficarem

mais fortes, trocavam seus corações com os de seus lobos. Isso fortalecia a alma de ambos e os tornavam mais ferozes, bravos.

O índio agiu rapidamente, precisavam fazer isso enquanto a Lua Cheia brilhasse.

Fez alguns círculos ao redor do Barão, que olhava incrédulo à cena.

O índio fez outro círculo ao redor do lobo.

A Lua brilhou com mais intensidade.

Ele então começou a pronunciar algumas palavras de um antigo ritual Sioux.

O círculo, ao redor dos dois, começou a queimar como fogo, e o fogo estendeu-se alto, envolvendo-os.

O fogo queimou o lobo e o Barão, e das cinzas os dois renasceram, parte homem, parte lobo.

O homem agora tinha coração de lobo, e o lobo, coração de homem.

Após o ritual, o índio e o lobo pegaram o Barão, que estava desmaiado, e o levaram novamente para casa e o puseram na cama.

O lobo em seguida disse:

— Eu irei sumir na floresta, amigo. Atribua a mim a culpa por tudo que de ruim ocorreu nesses anos. Diga que me viu atacando as escravas e diga que o Barão me espantou!

O lobo então sumiu na floresta na intenção de jamais voltar àquela fazenda.

Um novo dia começou. Era o primeiro dia depois do renascimento.

À medida que o tempo passava, todos começaram a perceber a mudança no Barão. Este havia abandonado suas práticas cruéis, tornando-se justo e cordial. E com isso a fazenda prosperou por muitos e muitos anos.

E assim o coração do lobo influenciou o homem e o tornou justo e honrado.

Certa noite, o lobo resolveu conferir se o homem havia realmente mudado. Entrou sorrateiramente na casa e viu o homem feliz. Casou com uma escrava que havia libertado anos antes e, a seu lado, balançava amorosamente uma criança.

E pela primeira vez o lobo sentiu o amargo gosto da inveja.

O tempo passou e ninguém mais via o lobo. O Barão havia libertado a

maioria dos escravos, e somente alguns permaneceram trabalhando em sua casa, mas como homens livres.

Toda essa harmonia começou a mudar quando surgiu sussurros de uma sombra atacando animais domésticos à noite.

Em seguida, tais sussurros vieram com tom de seriedade, em virtude do desaparecimento de uma das filhas de um coronel. A menina ficou dias perdidas, até seus restos mortais serem encontrados no interior da floresta. A menina havia sido esfaqueada por um animal selvagem que não consumiu sua carne, apenas sua vida.

Em sequência outro desaparecimento, seguido de mais um. A cada Lua Cheia, sangue inocente era derramado.

Ouviam-se uivos constantes. E o índio temeu em seu interior que seu justo companheiro poderia ser o responsável por essas tragédias.

O índio pediu autorização ao Barão para descobrir o que andava acontecendo.

Infiltrou-se na floresta passando algumas semanas escondido, rastreando, até que, numa noite, o cheiro de sangue o levou até o Covil.

Lá ele contemplou uma cena horripilante.

Ossos de animais e ossadas humanas foram encontradas, carne de presas abatidas apodreciam e alguns animais ainda vivos contorciam-se de dor numa sinfonia macabra.

O lobo não matava para comer, senão por esporte. Sentia prazer em matar. O índio chorou enquanto adentrava o Covil. Chorou por salvar um homem e condenar a um lobo.

— A que devo a honra de sua presença, velho amigo? Falou uma voz maliciosa vindo de uma grande caverna.

O lobo surgiu perante o índio, e não tinha mais uma pelugem branca, seus olhos não eram mais azuis.

Era uma aparência grotesca, de porte muito maior do que antes, uma pequena parte era somente pele, e o índio viu os últimos pelos brancos desprender-se.

Sua pelugem havia sido trocada por um grosso pelo negro, que de tão preto era como a noite, e seus olhos eram amarelos representando a podridão de sua alma.

E assim o coração do homem corrompeu o lobo.

— Você salvou o Barão, mas me condenou. Disse o lobo.

— Em mim brotou a inveja, a avareza, o ódio, o medo. Do lobo que fui um dia nada restou, a justiça tornou-se vingança, vingança dessa terra maldita e dessas pessoas malditas. Vingança de você, índio maldito! Você falhou em purificar seu precioso Mestre. Apenas trancou toda a maldade no coração, o coração que você deu a mim! Tentei resistir às vozes na minha cabeça até se tornaram minha voz. Não posso esquecer o sabor doce do sangue. Diga, velho amigo, veio oferecer-me sua carne em perdão?

O índio derramava lágrimas.

A fazenda estava condenada. Nem um batalhão de homens poderia enfrentar essa fera que estava em sua frente. Os homens não poderiam derrotar esse espectro de pura maldade.

O que o lobo não sabia é que havia um ritual de separação e destruição: quando algo saía errado durante a purificação e precisavam destruir rapidamente os demônios que se separavam da alma dos homens.

Os anciões praticavam esse ritual para enfraquecer esses demônios.

Quando um Chefe queria se livrar de seus pecados, era purificado, e seu ódio e tudo de ruim eram separados de si.

Era um ritual proibido, pois requeria o sacrifício de quem o conduzisse.

O índio pegou seu machado.

— Vamos do jeito prazeroso então. Disse o lobo.

O lobo e o índio lutaram. O lobo tinha a vantagem: arranhou, tirou pedaços. Quase destruiu o índio que, em um último ataque, conseguiu cortar levemente o lobo na cabeça.

O índio arremessou seu machado, o lobo desviou para a direita, não percebeu, mas o índio caminhara em sua direção com as mãos nuas.

O índio tocou sua mão, ensanguentada, na cabeça do lobo.

Os dois se afastaram.

— E agora, o que vai fazer sem sua arma?

O índio pegou uma faca que havia em sua bota.

— Vou salvá-lo, velho amigo.

Disse o índio, enquanto enfiava a faca em seu próprio coração.

— Maldito! Gritou o lobo.

O índio pronunciou algumas palavras.

O lobo tentou fugir, mas uma fumaça clara saiu pela boca do índio, fumaça que envolveu o lobo e o cegou. E seguida o ergueu ao alto, entrou por sua boca, e dentro do lobo uma luta se travava: a fumaça clara agora arrancava à força uma negra fumaça de dentro dele, que emitia um som de lamúria e perdição.

O índio proferiu mais algumas palavras. E o lobo então foi separado em dois, em três, em quatro!

Quando vieram ao chão eram quatro lobos mais o decrepito Lobo Negro Original, que ainda conservava a crueldade e o medo. Esse lobo representava os pecados do Barão e carregava forte desejo de vingança.

A fúria fora encarnada num Lobo Cinza, ficando com a cicatriz feita pelo índio.

Um Lobo Cego, que era a encarnação da Justiça, justiça essa remanescente do Lobo Original. Em seguida, a coragem e a força de vontade tomaram a forma de um Lobo Branco como a neve. Eram os últimos resquícios do Original.

O já fraco índio nunca havia executado o ritual antes, e dele próprio duas partes se separaram: um Lobo Cinza representando a culpa, e um Lobo Marrom representando o perdão.

E o Lobo Gigante, que causava terror, tornou-se cinco, e o velho índio tornou-se dois. Ao todo eram sete, que eram presenças espirituais, e que exerceriam influência positiva ou negativa nos homens que cruzassem seu Covil.

O índio retirou a faca, as duas fumaças restantes colidiram em si e explodiram sem fazer som. O sangue do índio jorrou. Com seu sacrifício, separou a alma do lobo, seus corpos evaporaram, o índio sacrificou sua própria alma.

Antes de a malícia do Barrão desaparecer totalmente, uma voz foi ouvida, e uma maldição fora lançada.

— Um dia o Lobo Negro irá corromper um coração puro e com isso irá consumi-lo, e não será mais um lobo espiritual, mas irá se tornar homem novamente.

Ninguém nunca soube o que aconteceu com o Lobo e o Cherokke, mas a fazenda prosperou. Somente tempos depois, outra geração faliu os negócios da fazenda, que ficou abandonada.

O que era uma fazenda tornou-se uma casa; depois, duas, em seguida, um hotel.

Um jovem rapaz, ao entrar desavisado na floresta, encontrou o Covil dos Lobos, e o Lobo Negro exerceu sua influência sobre ele. Mesmo os demais lobos tentando ajudar o rapaz, o Algoz corrompeu o jovem que, para não ter o coração devorado, sacrificou tudo que amava, e partiu.

Esse jovem chamava-se Leopoldo Santiago.

Após a notícia de que o amor de sua vida havia morrido, Leopoldo não pôde manter-se longe, e foi para perto da filha e da casa que havia abandonado. Temeu a volta do Lobo Negro, mas este nunca retornara, já que não restava nada no coração do velho para ser devorado.

O velho, em solidão, tentava invocar os lobos passando suas noites uivando para a Lua, mas obtinha resposta.

O velho havia encontrando um antigo texto num livro perdido na biblioteca, do qual extraiu uma lenda, que transcreveu num livro chamado O Cherokee e o Lobo.

O Lobo Negro só precisa devorar um coração inocente, só precisa de um coração de homem para tornar-se ele mesmo homem novamente.

Em conflito, seus irmãos lobos, nascidos do mesmo pai, o impedem. E a isto chama-se de equilíbrio.

O equilíbrio que existe dentro de cada homem e mulher que habitam esta Terra. O equilíbrio entre luz e escuridão que habitam seus corações.

— Entendeu agora, Santiago? Questionou o Alfa ao menino.

— Sim, entendi! Sou descendente do índio.

O lobo balançava a cabeça em desaprovação.

— Não! Seu antepassado é o Barão! Isso significa que é um coração de lobo que bate dentro do seu peito.

Epílogo - A Caçada Dos Lobos

O menino acordou. Havia adormecido no sofá de sua cabana após o avô contar sobre a lenda da origem dos lobos. Acordou sozinho, sem nem sinal do velho lobo.

“Melhor assim, sem lágrimas de despedida.” Pensou Santiago.

Sentiu seu peito doer com menos intensidade, havia se curado rapidamente. Olhou a seu redor para conferir: estava sozinho mesmo! Sentiu que o lobo o havia deixado, mas como pensou antes: “As pessoas que partem, nunca de fato morrem. De algum lugar, de algum plano espiritual, sei que meu avô me observa. Caba a mim deixá-lo orgulhoso. Não há tempo para recuperar-me totalmente. Nada me prende aqui. Não quero que minha história seja escrita entre essas quatro paredes. Sou confinado apenas pelos muros que eu mesmo construí a meu redor. Está na hora de quebrar esse muro, não preciso mais me proteger em seu interior.”

Santiago sentou no chão gelado da cabana pensativo.

“Não tenho mais nenhum centavo, como farei para ir embora?”

Os longos anos como ajudante do hotel acabaram por ensinar-lhe um ofício, não algo que requer muita habilidade, mas ele sabia fazer de tudo um pouco. Levantou-se e saiu da cabana.

Olhou ao redor, ali mesmo havia muito trabalho a ser feito. Caminhou em direção ao casarão principal. Atrás deste havia um grande espaço tomado por ervas e mato. Ele sabia que a mãe queria fazer uma nova cabana, uma horta de vegetais ou qualquer outra coisa com o espaço disponível. Mas ele nunca havia completado essa tarefa. E agora também não tinha sentido completá-la, pelo menos não de graça!

O menino dirigiu-se para a casa dos pais. Antes disso, vestiu uma camiseta, pois não era necessário alarmar ninguém mostrando seu ferimento.

Ao chegar, seus pais estavam sentados à mesa, enquanto Jéssica lhes servia o café. Os três o olharam com o mesmo olhar de desaprovação que há tempos insistia em permanecer.

O menino não demorou a falar. Aproximou da mesa e sem cerimônias disse:

— Sabem que dia é hoje? Hoje é dia 29 de dezembro! Como sabem ou fingem não saber, hoje é o dia em que completo dezoito anos.

Os pais se olharam e, por breve instante, sentiram um peso na consciência por terem esquecido o aniversário do próprio filho.

— E? Indagou o pai espantando o sentimento desconfortável.

— Gostaria de saber sobre o terreno nos fundos da casa. Soube que está oferecendo dinheiro a quem puder limpá-lo. Posso pegar o trabalho?

Os pais se olharam desconfiados.

— Sim, afinal essa tarefa era sua mesmo!

— Então considerem o serviço feito. Preparem meu pagamento, exatamente o mesmo oferecido a quem o limpasse. O menino virou-se, e saiu.

Por quatro dias o menino trabalhou sem parar, arrancando mato, capinando, era seu primeiro trabalho de verdade, em que receberia por seu esforço. Ao terminar de limpar, acumulou todo o mato próximo e o queimou, fez uma enorme fogueira. Em seguida juntou todas as cinzas e espalhou sobre a terra recém-aparada.

Também consertou a cerca da propriedade. Os pais poderiam fazer o que bem entendesse com aquela área. Na mesma noite, sem perder tempo, bateu na porta da casa dos pais.

— Já terminei, podem conferir se quiser! Dei meu melhor. Se não se importam, gostaria de receber meu pagamento agora!

O pai jamais haviam dado dinheiro em troca do trabalho do filho e, em suas mentes, o menino não fazia mais que sua obrigação.

Na noite anterior, a mãe havia perguntado se ele realmente iria pagar pelo serviço, e o pai havia respondido que não. Mas agora, diante do menino, não conseguiu negar.

Algum forte sentimento de respeito, alguma coisa naquele menino em sua frente estava diferente, transpirava confiança e segurança.

O menino então estendeu a mão.

— Meu pagamento?

— Um momento. Disse o pai enquanto retirava-se.

Não demorou a regressar com um envelope e com algumas notas em mão.

— Está aqui. Entregou o dinheiro ao menino.

— Posso saber para que quer o dinheiro?

— Para viajar! Respondeu.

— E por que simplesmente não nos pediu? É alguma excursão de férias da escola?

— Não. E não quero dinheiro recebido sem esforço. Aprendi que só se pode conquistar alguma coisa com trabalho. Há mais serviço para mim?

O pai pensou, e resolveu passar-lhe uma tarefa impossível.

— O cavalo premiado da Família Almeida fugiu. Estão oferecendo uma recompensa de cinco mil a quem o encontrar. As pessoas praticamente desistiram de procurar, pois a floresta é muito grande, perigosa e de difícil acesso. Aposto que um animal selvagem já deve tê-lo encontrado, e o transformado em carcaça.

— Entendi. Obrigado. Respondeu o garoto.

O garoto foi até sua cabana, pegou sua bicicleta e se dirigiu à casa da Família Almeida. Não era mais inocente a ponto de fazer um trabalho sem confirmar a veracidade dos fatos. Chegando lá, Jéssica o atendeu.

— Sim... o que você quer?

— Conversar com o seu pai.

A menina tentou responder, mas foi interrompida.

— Por favor, chame seu pai, tenho negócios a tratar.

Não demorou para um Senhor de barba grisalha surgir diante dele.

— Sim, meu rapaz!

Santiago então disse que sabia da oferta e lhe pediu o trabalho.

— Sim, garoto, a recompensa ainda está válida. Mas nem os melhores rastreadores conseguiram recuperá-lo, por que acha que pode vencer se tantos outros homens fracassaram?

O menino confirmou a recompensa.

Não lhe respondeu, e apenas disse:

— Trarei seu cavalo de volta ao amanhecer. Certifique-se de estar com meu dinheiro em mãos.

O Senhor Almeida o achou petulante. Certamente iria se queixar a seus pais assim que pudesse.

O garoto expressou leve riso.

Em casa, foi até o cofre para conferir se havia dinheiro. Se o garoto retornasse, por alguma razão, não queria vê-lo zangado.

O menino respirava o ar da noite! Fechando seus olhos, por um momento, tentou captar todos os sons e cheiros que pudesse, permaneceu imóvel e em silêncio por alguns minutos. Em seguida, encheu seu pulmão e soltou um alto e forte uivo para a noite.

Suas narinas dilataram-se, e seus músculos explodiram em energia, suas orelhas logo captaram o som de passos ao longe, e seu nariz sentiu o cheiro de seis lobos indo a seu encontro. Passaram por ele como um bando rumo a uma caçada.

O menino começou a correr, mas os lobos eram muito mais rápidos do que ele. Ele então parou, pôs-se em quatro apoios, inspirou fundo e expirou toda a sua fúria, invocou a força de sua alma, que o envolveu como uma armadura revelando seu espírito de lobo, abriu agora seus olhos de lobo e correu velozmente, não demorando para ultrapassar a todos.

E, nesse momento, para essa caçada, seis lobos seguiam seu líder! No campo aberto o menino uivou, e todos os demais o copiaram.

O menino fraco e ingênuo, que passou por tantas provações, que quase fora corrompido pela maldade, que fez renascer dele a luz, que tem uma alma tão poderosa que seus inimigos nem sequer conseguem acreditar, havia agora conquistado um lugar de liderança nessa alcateia, nesse Covil dos Lobos.

O cavalo premiado do Senhor Almeida tomava água despreocupado à beira de um riacho. A noite estava barulhenta e a vida na floresta aflorava. De repente, todos os sons mergulharam no abismo do silêncio, todos os animais temeram o perigo, quando o cavalo ergueu novamente a cabeça, estava cercado por sete lobos selvagens.

Os primeiros raios de sol ensaiavam-se a surgir no horizonte. Senhor Almeida acordou a seu modo: antes de o sol nascer, como de costume, aprontava uma grande garrafa térmica de café e, da sacada, contemplava o sol iluminar seus campos de plantações.

Sentou-se confortavelmente em sua poltrona na sacada, serviu uma grande xícara de café, e quando iria levar a xícara à boca, derrubou-a em pânico,

queimando as próprias pernas.

“Maldição!” Dizia tirando as calças.

Algo no horizonte chamou novamente sua atenção. Ajustou as lentes de seus óculos, como se pudesse ajustar para ter melhor amplitude.

— Não pode ser!

Em desespero o velho acordou sua esposa.

— Rápido! Pegue minha arma.

— O que foi? Perguntou-lhe a esposa alcançando-lhe a arma.

O Senhor Almeida tremia enquanto carregava dois cartuchos em sua velha espingarda.

— Olhe! Olhe! Falava apontando para a janela.

— Há sete lobos perseguindo meu cavalo no campo!

A esposa ficou atônita. E correu para ver.

— Onde, onde?

O Senhor Almeida viu a alcateia perseguir seu cavalo no campo aberto até entrarem na mata. Havia perdido de vista, mas podia escutar seus passos apressados.

— Ali! Fique cuidando ali! Falava, enquanto apontava sua arma para uma das saídas da floresta, onde tinha uma trilha que usava para praticar suas caminhadas.

— Eles logo sairão por detrás daquelas árvores!

A mulher olhava paralisada. O Senhor Almeida olhava pela mira da arma em busca de algum movimento.

Por alguns minutos nada aconteceu.

Aguçou o olhar quando viu a mata se mexer.

— Ali, querido! Olhe, está se mexendo!

Ambos fixaram o olhar.

E, para sua surpresa, da mata não saiu nenhum lobo, saiu apenas Santiago puxando o cavalo pelas rédeas.

— Lobo? Mas que velho caduco! Disse a mulher dando-lhe um tapa em sua careca.

O Senhor Almeida não podia assimilar o que havia testemunhado.

Ficou imóvel por instantes, e somente saiu do transe quando ouviu o som da batida na porta.

O menino coletou a recompensa. O velho o olhava com olhar de dúvida.

— Muito obrigado! Adeus.

Santiago seguiu de volta para casa.

Chegando em sua cabana, preencheu sua mochila com um punhado de roupas, alguns livros, alguns itens “herdados” de seu avô, além de seu dinheiro.

Antes de fechar a porta, olhou com nostalgia para a cabana. Saiu sem se lamentar.

“Que aventura!” Disse a si mesmo.

Em seguida seguiu em direção à casa dos pais que estavam tomando café.

Entrou pela porta, e sem cerimônias disse:

— Estou indo embora! Vim me despedir.

O pai estampou uma cara de incrédula; a mãe, emotiva como sempre, subitamente começou a chorar.

— Como assim, Santiago? Para onde vai?

— Vou conhecer o mundo. Disse o garoto.

— Você está louco, menino? E como vai sobreviver?

— Trabalhando! Irei construir minha própria vida sem ser o projeto de ninguém. Ninguém governará minhas vontades. Preciso ir. Se necessário, um dia retornarei para cuidar dos negócios, se assim eu decidir. Por hora, busco conhecimento e novas experiências. Assim que me estabelecer, enviarei notícias. Poderão me visitar sempre que quiserem, e sempre que puder virei visitá-los.

A mãe se levantou e foi a seu encontro. Deu-lhe um abraço demorado. Era como se tivessem esquecido tudo que o menino fez. Santiago imediatamente retribuiu o abraço.

Em seguida, se afastou e saiu pela porta.

A mãe falava alto:

— Santiago, é um mundo grande e perigoso! Há muitas pessoas ruins lá fora!

O menino ignorou.

A mãe continuou.

— É um Covil de Lobos lá fora!

Nesse momento, o menino hesitou. Lembrou-se das palavras do avô, de que onde quer que fosse, haveria lobos a serem derrotados. Lobos que viriam para o bem, enquanto outros, para o mal.

A mãe continuou.

— Aonde você acha que vai sozinho?

O menino começou a caminhar virando apenas a cabeça para trás, e disse:

— Não estou sozinho!

Ao proferir essas derradeiras palavras, um raio de sol surgiu detrás da montanha iluminando o garoto.

Seus pais juram que, iluminado pelo sol naquela manhã, viram seis lobos selvagens gigantes ao lado do filho, que, em marcha, seguiam seus passos.

O menino partiu, seguido de seis companheiros livres, que, por livre escolha, resolveram segui-lo.

Não o seguiam porque ele havia se tornado um lobo ou seu líder. Tampouco o seguiam porque ele havia vencido os desafios. Simplesmente os lobos começaram novamente a acreditar no homem. E nesse momento decidiram seguir aquele homem com alma inquebrável.

Fim.

Se você gostou deste livro, não esqueça de avaliá-lo na amazon.